

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

PEDRO OLIVEIRA BARBOSA

**O MITO DO “HOMEM NOVO”**: A IMAGEM DE SAMORA MACHEL NO CINEJORNAL  
*KUXA KANEMA* (1978-1981)

Porto Alegre  
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

PEDRO OLIVEIRA BARBOSA

**O MITO DO “HOMEM NOVO”:** A IMAGEM DE SAMORA MACHEL NO  
CINEJORNAL *KUXA KANEMA* (1978-1981)

PORTO ALEGRE  
2019

PEDRO OLIVEIRA BARBOSA

**O MITO DO “HOMEM NOVO”: A IMAGEM DE SAMORA MACHEL NO  
CINEJORNAL *KUXA KANEMA* (1978-1981)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História na área de concentração de Sociedade, Política e Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes

PORTO ALEGRE  
2019

## Ficha Catalográfica

B238m Barbosa, Pedro Oliveira

O mito do "Homem Novo" : A imagem de Samora Machel no cinejornal Kuxa Kanema (1978-1981) / Pedro Oliveira Barbosa . – 2019.  
158.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes.

1. Moçambique. 2. Samora Machel. 3. Homem Novo. 4. Kuxa Kanema. I. Paredes, Marçal de Menezes. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

PEDRO OLIVEIRA BARBOSA

**O MITO DO “HOMEM NOVO”: A IMAGEM DE SAMORA MACHEL NO  
CINEJORNAL *KUXA KANEMA* (1978-1981)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História na área de concentração de Sociedade, Política e Relações Internacionais.

Aprovada em: 27 de fevereiro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes – PUCRS (Orientador)

---

Prof. Dr. Hector Rolando Guerra Hernandez – UFPR

---

Prof. Dr. José Rivair Macedo – UFRGS

PORTO ALEGRE  
2019

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por possibilitarem este trabalho. Através da pesquisa, que comecei ainda na Iniciação Científica, eu tive a oportunidade de descobrir a África e, através dela, me redescobrir. O conhecimento acadêmico não contribuiu apenas na minha formação como historiador, mas também no meu desenvolvimento como ser humano. A isso, serei eternamente grato.

Obrigado, especialmente, aos professores, funcionários e colegas da PUCRS que participaram do dia a dia desse processo. A um professor, em particular, agradeço diretamente: Marçal, muito obrigado por esses anos nos quais fui orientado por ti. Teu apoio e companheirismo foram fundamentais para que eu pudesse me desenvolver como profissional e como pessoa. Hoje, tenho a honra de dizer que além de te ver como um exemplo de professor e orientador, também te considero um amigo.

Muito obrigado também a todos os moçambicanos que me receberam tão bem em seu país, vocês foram responsáveis por enriquecer muito minha pesquisa. Nominalmente, agradeço ao professor Carlos Mussa, e também ao Manuel e ao Eduardo, que possibilitaram minha viagem. Espero ainda ter a oportunidade de recebê-los aqui tão bem quanto fui recebido em Moçambique.

Ao longo do mestrado, foram incontáveis as horas de estudos, preocupações e inseguranças pelas quais passei. Os momentos de descontração foram então um contraponto essencial. Por esses momentos, agradeço aos meus amigos. As cervejas no Maza, os cafés na FAMECOS, as noites no Horst e as horas gastas assistindo a algum esporte foram fundamentais para mim. Muito obrigado por serem um alento durante as dificuldades.

À minha companheira, Nathalia, agradeço pela parceria na vida. Tua resiliência, determinação e sensibilidade são exemplos para mim. Obrigado por me mostrar a importância da calma em meio à tempestade. Também sou grato pela tua família, que ao longo desses anos tornou-se minha.

Por fim, agradeço aos meus pais, minha irmã e demais familiares. Na realidade desigual em que vivemos, sou extremamente privilegiado por ter tido acesso à educação de qualidade desde cedo, o que me proporcionou chegar até aqui. Vocês, sobretudo, souberam me mostrar que os privilégios não me tornam superior a ninguém. A humildade, o respeito ao próximo, a empatia e a capacidade de tratar o outro como eu gostaria de ser tratado, independente da

titulação que tenha, são legados que busco fazer presentes em tudo aquilo que faço, inclusive nesta pesquisa. Espero poder honrar os valores que foram por vocês me ensinados não só agora, mas sempre.

*Em África tudo é outra coisa: a mansa crueldade do leopardo, a lenta fulminância da mamba, o eterno súbito poente [...]. Se o silêncio é sempre um engano: o falso repetir do nada em lugar nenhum. Em África, tudo é sempre outra coisa.*

Mia Couto (2003)



## RESUMO

Após dez anos de guerra contra o regime colonial português, em 25 de junho de 1975 aconteceu a descolonização de Moçambique, e a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) tornou-se partido único do país. Samora Machel, uma figura carismática que liderava o movimento à época, tornou-se então o primeiro presidente moçambicano. As políticas implantadas estiveram de acordo com um projeto de construção nacional que buscava difundir um “Homem Novo” no país, que, para além da diversidade étnica, desvinculava-se de todo o passado tradicional e colonial em favor de valores modernos e socialistas. Entre essas políticas, esteve a criação do Instituto Nacional de Cinema (INC), que nacionalizou toda a produção, exibição e distribuição de filmes, de modo que a indústria cinematográfica passou a existir conforme os objetivos traçados pelo partido. Entre suas produções esteve o cinejornal *Kuxa Kanema*. Entre 1978 e 1979, em sua primeira fase, esse cinejornal construiu uma narrativa que vinculava a imagem de Samora Machel à construção do socialismo no país e a uma grande cooperação “internacionalista”. Já em 1981, na segunda fase, quando Moçambique se viu em grande crise econômica, com uma guerra civil de proporções cada vez maiores, e percebeu que o apoio dos países socialistas era insuficiente para lidar com a situação, a narrativa construída passou a enfatizar os valores nacionalistas, o combate aos “indesejáveis” e a grande liderança de Samora Machel.

**Palavras-chave:** Moçambique; Samora Machel; Homem Novo; *Kuxa Kanema*.

## ABSTRACT

After ten years of war against the Portuguese colonial regime, on 25<sup>th</sup> June 1975 the decolonization of Mozambique took place, and the Liberation Front of Mozambique (FRELIMO) became the country's only party. Samora Machel, a charismatic man who led the movement at the time, became the first Mozambican president. The policies implemented were in line with a national construction project that sought to spread a "New Man" in the country, which, in contrast to ethnic diversity, get rid of all the traditional and colonial past in favor of moderns and socialists values. Among these policies was the creation of the National Film Institute, which nationalized the whole production, exhibition and distribution of films, so that the film industry came into existence according to the objectives outlined by the party. Among his productions was the newsreel *Kuxa Kanema*. Between 1978 and 1979, in its first phase, this newsreel constructed a narrative that linked the image of Samora Machel to the construction of socialism in the country and a great "internationalist" cooperation. Already in 1981, in the second phase, when Mozambique was in a big economic crisis, with a civil war of increasing proportions, and realized that the support of the socialist countries was insufficient to deal with the situation, the constructed narrative came to emphasize the nationalist values, the fight against the "undesirables" and the great leadership of Samora Machel.

**Key words:** Mozambique; Samora Machel; New Man; *Kuxa Kanema*.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Moçambique, com destaque aos seus países fronteiriços. ....	17
Figura 2 - Mapa étnico de Moçambique.....	18
Figura 3 - Samora Machel.....	20
Figura 4 - Exército moçambicano alinhado na recepção a Pak Song-Chol em Moçambique. ....	60
Figura 5 - Samora Machel recebendo Pak Song-chol em Moçambique. ....	61
Figura 6 - Faixa com os dizeres “Viva o MPLA, Viva a FRELIMO”, durante a visita de Agostinho Neto a Moçambique. ....	64
Figura 7 - Agostinho Neto e Samora Machel em um brinde em homenagem ao presidente angolano. ....	66
Figura 8 - Crianças na recepção a Erich Honecker em Maputo.....	69
Figura 9 - Samora Machel e Erich Honecker, enquadrados ao lado de faixa com rostos de Lênin, Marx e Engels. ....	70
Figura 10 - Samora Machel discursando ao lado de Tudor Jivkov. ....	71
Figura 11 - Trabalhadores da construção civil em Moçambique, em sintonia com o discurso de modernização. ....	75
Figura 12 - Bandeiras tremulando durante o anúncio das nacionalizações. ....	79
Figura 13 - Samora Machel anunciando as nacionalizações em Moçambique. ....	80
Figura 14 - Faixa com o rosto de Samora Machel durante a campanha pelas nacionalizações. ....	81
Figura 15 - Civis trabalhando sob ordens dos guerrilheiros da FRELIMO. ....	83
Figura 16 - Discurso de Samora Machel em “Zona Libertada”. ....	84
Figura 17 - Frase com o lema “A Luta Continua!”, no terceiro congresso da FRELIMO. ....	85
Figura 18 - Faixa com os dizeres “Viva a Aliança Operário Camponesa”, no terceiro congresso da FRELIMO. ....	86
Figura 19 - Discurso de Samora Machel durante a campanha da Ofensiva.....	91
Figura 20 - Machel visitando o porto de Maputo e cobrando melhorias de funcionário. ....	93
Figura 21 - Discurso de Samora Machel durante a campanha da Ofensiva.....	95
Figura 22 - Faixa com os dizeres “Viva o presidente Samora Moiseis Machel”.....	103
Figura 23 - Exército em solenidade antes de viagem de Samora Machel. ....	106
Figura 24 - Samora Machel cumprimentando Kenneth Kaunda. ....	108
Figura 25 - Pinto da Costa e Samora Machel em meio a população de Moçambique. ....	110

Figura 26 - População moçambicana assistindo a um discurso de Pinto da Costa. ....	111
Figura 27 - Samora Machel interagindo com a população em sua chegada a Maputo. ....	116
Figura 28 - Visita da ONU a Moçambique para discussão sobre a questão da Namíbia. ....	123
Figura 29 - Samora Machel em visita na Feira Internacional de Maputo. ....	125
Figura 30 - Visita de Samora Machel a uma empresa durante a campanha da Ofensiva. ....	127
Figura 31 - Samora Machel cobrando desempenho durante visita a uma escola. ....	129
Figura 32 - Estudantes limpando escola durante a campanha da Ofensiva. ....	131
Figura 33 - Samora Machel instruindo crianças em uma escola. ....	132
Figura 34 - Passeata no dia do trabalhador de 1981. ....	133
Figura 35 - Samora Machel saudando o povo em Niassa. ....	135
Figura 36 - Samora Machel discursando na oitava sessão da assembleia popular. ....	137
Figura 37 - Povo dançando durante o Festival Nacional de Dança Popular. ....	140
Figura 38 - Campanha usada no aniversário da independência de Moçambique. ....	141
Figura 39 - Samora Machel atuando como guerrilheiro, em Chai. ....	144

## LISTA DE SIGLAS

ANC – African National Congress (Congresso Nacional Africano)  
APIE – Administração do Parque Imobiliário do Estado  
BKP – Partido Comunista Búlgaro  
COMECON – Conselho para Assistência Econômica Mútua  
EUA – Estados Unidos da América  
FLN – Frente de Libertação Nacional, da Argélia.  
FMI – Fundo Monetário Internacional  
FNLA – Frente Nacional pela Libertação de Angola  
FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique  
ICAIC – Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos  
INC – Instituto Nacional de Cinema  
INAC – Instituto Nacional de Audiovisual e Cinema  
KSC – Partido Comunista da Tchecoslováquia  
MANU – Mozambique African National Union (União Nacional Africana de Moçambique)  
MLSTP – Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe  
MPLA – Movimento Pela Libertação de Angola  
ONU – Organização das Nações Unidas  
OUA – Organização da Unidade Africana  
PAICV – Partido Africano da Independência de Cabo Verde  
PAIGC – Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde  
PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado  
PSI – Partido Socialista Italiano  
R.D.A. – República Democrática Alemã  
RENAMO – Resistência Nacional Moçambicana  
SWAPO – Partido do Povo do Sudoeste Africano, da Namíbia  
UDENAMO – União Democrática Nacional de Moçambique  
UNAMI – União Nacional Africana de Moçambique Independente  
UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola  
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas  
ZANU – Zimbabwe African National Union (União Nacional Africana do Zimbabwe)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2. O REGIME SOCIALISTA DE SAMORA MACHEL E A CONSTRUÇÃO NACIONAL EM MOÇAMBIQUE</b> .....	27
2.1. A FRELIMO E SAMORA MACHEL.....	27
2.1.1. A FRELIMO e a guerra anticolonial .....	29
2.1.2. As sementes da guerra civil .....	31
2.1.3. A ascensão de Samora Machel .....	33
2.2. A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA E O “HOMEM NOVO” COMO PROJETO DE NAÇÃO.....	35
2.2.1. A via marxista-leninista em Moçambique.....	36
2.2.2. O combate ao tribalismo.....	39
2.2.3. A guerra civil .....	40
2.2.4. Os inimigos da Nação e o projeto de difusão do “Homem Novo” .....	42
2.3. O CINEMA E A FRELIMO .....	44
2.3.1. O uso do cinema pela FRELIMO durante a guerra anticolonial .....	45
2.3.2. O Instituto Nacional de Cinema .....	46
2.3.3. Os cineastas estrangeiros e a produção do INC.....	48
<b>3. KUXA KANEMA – 1978-1979, A PRIMEIRA FASE: PLANIFICANDO REALIDADES</b> .....	52
3.1. O NASCIMENTO DO <i>KUXA KANEMA</i> .....	52
3.2. O CULTO NA SAMORA MACHEL NA PRIMEIRA FASE DO <i>KUXA KANEMA</i>	54
3.3. A QUESTÃO INTERNACIONAL .....	57
3.3.1. O distante Leste Asiático .....	58
3.3.2. Os vizinhos africanos .....	62
3.3.3. Os países do COMECON .....	67
3.4. A POLÍTICAS DA FRELIMO .....	73
3.4.1. A planificação econômica e as aldeias comunais .....	73
3.4.2. As nacionalizações .....	77
3.4.3. A adoção do marxismo-leninismo .....	82
3.5. O MITO SAMORA MACHEL NA PRIMEIRA FASE DO <i>KUXA KANEMA</i>	86
<b>4. KUXA KANEMA – 1981, A SEGUNDA FASE: CONSTRUINDO CASAS DIFERENTES DAS DE NOSSOS AVÓS</b> .....	88

4.1.	OFENSIVA (1980) .....	88
4.2.	O RENASCIMENTO DO <i>KUXA KANEMA</i> .....	97
4.3.	O CULTO A SAMORA MACHEL NA SEGUNDA FASE DO <i>KUXA KANEMA</i> 98	
4.4.	A QUESTÃO INTERNACIONAL .....	101
4.4.1.	Os vizinhos africanos .....	102
4.4.2.	Os países da COMECON .....	113
4.4.3.	A aproximação com o Ocidente .....	117
4.4.4.	Os encontros internacionais .....	120
4.5.	AS POLÍTICAS DA FRELIMO .....	125
4.5.1.	A Ofensiva no <i>Kuxa Kanema</i> .....	126
4.5.2.	Educação Moçambicana .....	128
4.5.3.	Os discursos de Samora Machel .....	132
4.5.4.	As Aldeias Comuns .....	136
4.6.	A GUERRA ANTICOLONIAL .....	138
4.6.1.	As Danças Tradicionais .....	139
4.6.2.	O Aniversário da Independência .....	140
4.6.3.	O Aniversário da guerra anticolonial .....	142
4.7.	O MITO SAMORA MACHEL NA SEGUNDA FASE DO <i>KUXA KANEMA</i>	144
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>147</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>152</b>

## 1. INTRODUÇÃO

“O que é uma nação?”, “Como construir o nacionalismo?”, “Quais os países que podem ajudar nessa tarefa?”, “Quem são nossos inimigos?”, “Como mobilizar o povo?”, “Qual o papel das lideranças políticas nesse processo?”. Essas eram algumas das perguntas que faziam parte da conjuntura africana ao longo da década de 1970, quando os processos de descolonização na África Lusófona ocorreram, e aqueles territórios superaram uma fase de sua história – o colonialismo – e entraram em uma nova, a da construção nacional. Entre o socialismo e o capitalismo, entre o humanismo e o militarismo, entre a tradição e a modernidade, o que fica evidente no estudo das sociedades africanas é que as alternativas de respostas a essas perguntas são as mais diversas e variadas possíveis.

O contexto político em que se inserem as descolonizações na África, comumente chamado de “Guerra Fria”<sup>1</sup>, exige que se leve em conta um mundo entre tensões e influências, no qual a questão internacional não pode ser excluída. Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS), as duas principais potências do período, colocavam-se como parte ativa dos processos políticos ao redor do mundo, oferecendo apoio a movimentos, realizando alianças, prestando ajuda militar, refutando perante a comunidade internacional, realizando guerras e negociando a paz. Além delas, a China, que nasce nessa disputa atrelada a URSS, na década de 1960 passou a atuar como uma “terceira força” no cenário global, tornando o período ainda mais complexo. Quando se leva em consideração ainda os países nórdicos europeus, os partidos socialistas a oeste do Velho Continente, as ditaduras na América Latina, os conflitos no Oriente Médio e demais processos que estavam em curso na época, percebe-se finalmente o quão labiríntico é esse cenário. A forma como um país se colocava diante das inúmeras bifurcações que essa realidade representa certamente dá sinais sobre seu projeto de identidade nacional.

Entretanto, esse não pode ser o único viés levado em consideração. Conforme demonstra Wesseling (2008), entre 1880 e 1914 o continente africano passou por um período de “partilha” entre as potências europeias, que dividiram seu território de acordo com seus próprios interesses, sem levar em conta questões étnicas e históricas. As

---

<sup>1</sup> Shubin (2008), ao analisar o sul do continente africano, cunha o termo *The Hot Cold War* (A Guerra Fria Quente, tradução nossa), demonstrando que esse conceito pode ser relativizado na análise desse período na região.



fronteiras em África não surgiram então de maneira natural, mas foram impostas. Quando, mais de meio século depois, as regiões outrora dominadas tornaram-se independentes, essas arbitrariedades emergiram. Povos que no passado tinham pouco em comum se viam agora dividindo o mesmo Estado-Nação. Grandes grupos étnicos, que compartilhavam línguas, tradições e lideranças, agora pertenciam a países diferentes. Massas populacionais que a priori tinham grande rivalidade regional, passavam a ser induzidas a se enxergar como parte da mesma “irmandade”. A forma como as diferentes autoridades políticas no continente se posicionaram com essa complexidade intrínseca às populações africanas indica também muito sobre seus projetos nacionais.

O caso moçambicano é significativo a partir dessas considerações. A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), foi um movimento anticolonial que realizou uma guerra contra o regime português no país entre 1964 e 1974, tendo sido privilegiado nas negociações pela sua independência. Em 25 de junho de 1975, quando aconteceu a descolonização, tornou-se partido político em um regime de partido único. Samora Machel, seu líder à época, tornou-se então o primeiro presidente do país, cargo no qual permaneceu até sua morte em 1986.

Ao chegar no poder, Machel precisou lidar com a complexidade do contexto que foi citado. O impacto da questão internacional na região fica evidente na análise dos países que fazem fronteira com Moçambique (figura 1): ao sul a África do Sul, potência continental capitalista, passava pelo regime racista do *apartheid* e era apoiada pelos EUA; também ao sul está a Suazilândia, que passava por um regime monárquico sustentado em seu passado étnico; a oeste estava primeiramente a Rodésia do Sul, que assim como a África do Sul era governada por uma elite branca apoiada pelos EUA. Em 1980, entretanto, a *Zimbabwe African National Union* (ZANU), movimento de oposição, chegou ao poder no país, mudando seu nome para Zimbabwe e assumindo a via socialista, com apoio tanto da URSS quanto da China; A noroeste encontra-se a Zâmbia, que também adotava um regime socialista, entretanto sem alinhamento internacional, baseando seu regime em princípios humanistas; ainda a noroeste encontra-se o Malawi, que era associado ao capitalismo e aos Estados Unidos, mas que não adotava preceitos racistas; por fim, ao norte está a Tanzânia, que assumia uma via socialista arraigada no tradicionalismo africano e associada ao maoísmo chinês.

Figura 1 - Mapa de Moçambique, com destaque aos seus países fronteiriços.



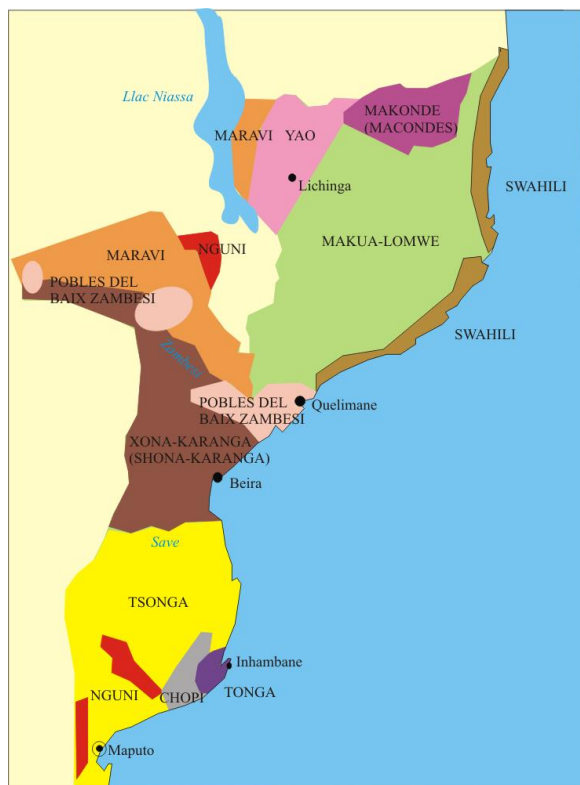
Fonte: Koehne (2006).

Além disso, o território que atualmente é chamado de Moçambique agrupa diversos grupos étnicos<sup>2</sup>, que, segundo a definição da própria FRELIMO, seria estabelecido como aquele grupo que possui “língua comum”, “usos e costumes” e “organização militar e econômica” (PAREDES, 2014, p. 144). Seu mapa étnico (figura 2) é bastante complexo e, conforme já citado como comum no continente africano, não é delimitado por fronteiras históricas ou naturais. A título de exemplo dessa complexidade, cita-se que a etnia Maconde, que habita o norte de Moçambique, também se faz muito presente na Tanzânia. Já a etnia Tsonga, que fica ao Sul, também existe no oriente da África do Sul. Entre si, os Macondes e Tsongas possuíam, no período da guerra anticolonial línguas, costumes e práticas completamente distintas, de modo que os unir no mesmo território, em torno de uma identidade nacional em comum, mostrava-se

<sup>2</sup> Para Paredes, esses grupos seriam (2014, p. 144): “NYANJA (ocupando as margens do lago Niassa), MACUA (ocupando as províncias de Moçambique, parte da Zambézia, Niassa e Cabo Delgado), YAU (ocupando a maior parte do Niassa), MACONDE (na província de Cabo Delgado), SENA (na Zambézia, Manica e Sofala), NDAUNYAI-SHONA (Manica e Sofala), TSONGA-VATSUA-RONGA (maior parte da província de Gaza, Inhambane e Lourenço Marques)”.

bastante desafiador. Situações desse tipo ainda se repetiam ao longo do território, nas diferentes etnias, deixando esse cenário extremamente intrincado.

**Figura 2 - Mapa étnico de Moçambique.**



Fonte: Wikimedia (2008).

É em meio a esse quadro então que Samora Machel buscou estabelecer um sentimento de nacionalismo em Moçambique a partir de sua independência através da promoção de um “Homem Novo”, um cidadão que deixaria para trás todo o seu passado “tribal” (expressão utilizada pelas lideranças da FRELIMO na época) e tradições étnicas, renegaria tanto o colonialismo quanto o capitalismo, e assumiria os valores modernos da unidade nacional e do “marxismo-leninismo”, doutrina assumida pelo partido em 1977, durante seu terceiro congresso.

Para tal, entre outras diversas políticas estabelecidas no sentido de promover esse projeto, destaca-se aqui o uso do cinema. Essa ferramenta foi adotada pela FRELIMO ainda durante a guerra anticolonial com o objetivo de legitimar o movimento no cenário internacional. Após a independência, toda a estrutura cinematográfica do país foi nacionalizada através da fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC), cujas produções passam a assumir uma função de promover a união nacional, exaltando aqueles

valores que seriam identificados com o ideal de “Homem Novo” e associando tudo aquilo que era “indesejado” pelo partido único do país como relacionado a “Homens Velhos”.

É entre essas produções que se encontra o cinejornal *Kuxa Kanema*, que é a principal fonte de pesquisa desta dissertação. As produções desse cinejornal se deram em duas fases: uma primeira, entre 1978 e 1979, produziu apenas 10 episódios. Já a segunda fase, mais longa, se deu entre 1981 e 1991, tendo produzido, segundo Watkins (1995), 359 edições semanais e 119 documentários de curta duração. A amostragem aqui trabalhada, entretanto, é bem mais restrita que essa.

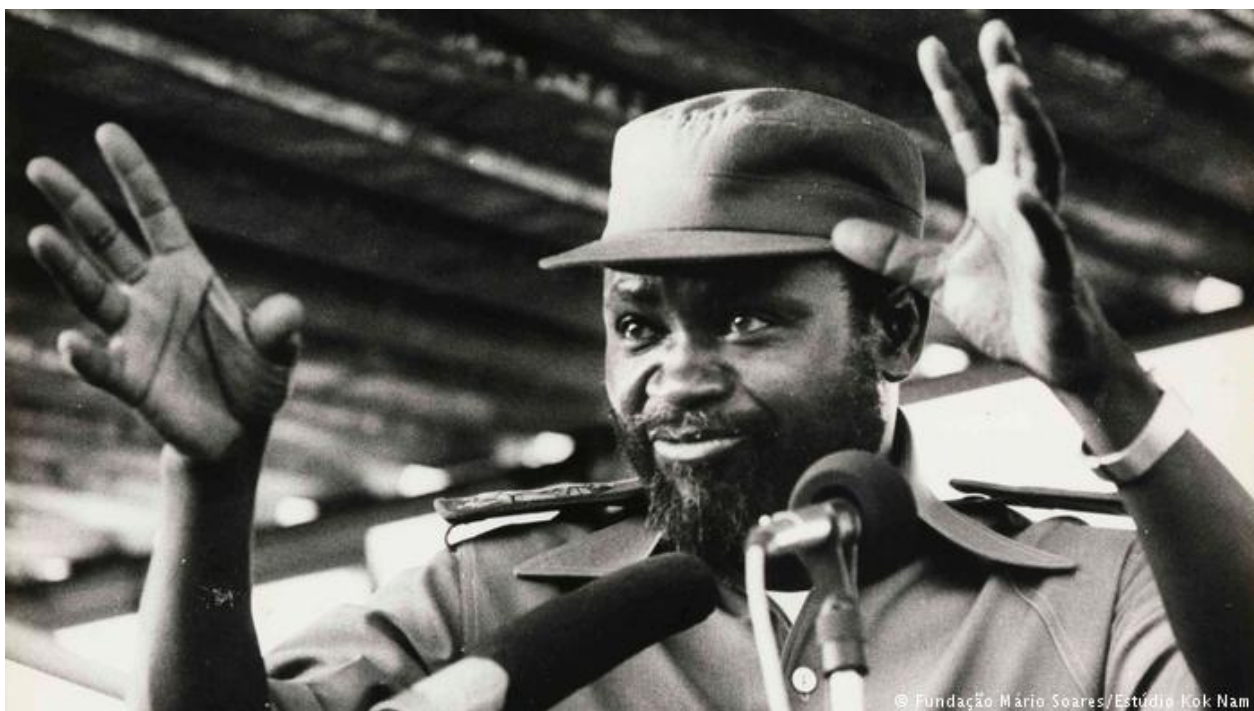
Em 1991 ocorreu um incêndio de grandes proporções na sede do INC, e grande parte de seu acervo foi perdido. O acesso às edições do cinejornal a partir disso passou a ser muito difícil. Em 2013, entretanto, a partir de uma iniciativa do Ministério para a Cooperação e Desenvolvimento da Alemanha, em parceria com o Instituto Nacional de Audiovisual em Cinema (INAC – órgão que sucedeu o INC), com a Universidade de Bayreuth, com a Universidade Eduardo Mondlane e com o Instituto Cultural Moçambique-Alemanha, foi realizado o projeto “O Mundo em Imagens”, que se propôs a recuperar parte desse acervo. É a partir dos DVDs resultantes desse projeto que esta pesquisa se realiza. Estão disponíveis então 7 entre os 10 programas da primeira fase, bem como 28 entre os 30 primeiros programas realizados na segunda fase, todos eles datados do ano de 1981. Essa é uma amostra bastante relevante para refletir entre os anos de 1978 e 1981 em Moçambique.

Dentre essa amostragem, a preocupação aqui se dá especificamente em torno da imagem de Samora Machel (figura 3). Milhazes (2010), ao realizar uma biografia do primeiro presidente moçambicano, destaca que ele, ao contrário de outras lideranças políticas africanas no período, não era um intelectual, mas sim um representante da ala militar da FRELIMO. Ao chegar à presidência, passa a personificar muito o poder no país, utilizando-se de sua postura e eloquência na mobilização da população. Essa característica está presente também nas produções cinematográficas. Camilo de Sousa, um dos diretores formados nos quadros do INC, que dirigiu as edições do *Kuxa Kanema* de 1981 aqui trabalhadas, afirmou, em entrevista para o documentário “*Kuxa Kanema: O nascimento do cinema*” (2003), dirigido por Margarida Cardoso, que (*KUXA KANEMA: O NASCIMENTO DO CINEMA*, 2003, 05:04 - 05:45):

Eu fiz uma série de documentários do *Kuxa Kanema* com Samora. Eu fiz muito pouco naqueles filmes. Foi Samora quem os fez. Foi ele que ensinou... que ensinou as pessoas, com o cinema ensinou as pessoas, passo por passo, o que

era estar em um país independente, o que era ter o seu próprio país, o que era uma nação. Foi o cinema que uniu tudo isso.

**Figura 3 - Samora Machel.**



Fonte: Fundação Mário Soares (1985).

Samora Machel se encaixava no conceito de “líder carismático” definido por Max Weber em diversos artigos, reunidos no Brasil na coletânea *Ensaios de Sociologia* (1982). Esse tipo de liderança aparece para o autor como a autoridade que se constrói a partir da devoção às características, atos e caráter pessoais do líder, desenvolvendo um governo que se legitima devido especificamente à pessoa do líder. Matsinhe (2001) já destaca essa característica em Machel.

Assim sendo, esta pesquisa parte do seguinte problema: como a imagem de Samora Machel foi utilizada no *Kuxa Kanema* em relação ao projeto de construção nacional em Moçambique? Seu principal objetivo é, então, fazer uma análise da narrativa vinculada a ele no cinejornal como forma de esclarecer o projeto nacional moçambicano como um todo. Para tal, será importante também compreender as rupturas e continuidades nessa narrativa nas duas fases das fontes aqui trabalhadas, bem como contrastá-las com as mudanças no contexto em que cada fase se insere, percebendo assim como a narrativa construída em torno do “*ser moçambicano*” se altera ao longo do tempo.

A metodologia utilizada para a organização do trabalho com cinejornais é aquela apresentada por Souza (2007) que, baseado no trabalho de Bernard Gasser sobre

cinéjornais na Suíça, faz alguns apontamentos importantes. O modelo exposto divide os cinéjornais, primeiramente, por assuntos, os quais devem ser agrupados, por sua vez, em temas. Em um segundo momento, esse conteúdo deve ser organizado através de sua “metragem”, levando em conta o número de vezes que cada assunto aparece, e quanto tempo ocupa nas telas. A divisão de subcapítulos e as análises presentes nesta dissertação partem justamente desse arquétipo.

Entretanto, ele não contempla de maneira satisfatória algumas propostas da presente pesquisa. Apesar de definir bem o método de organização, catalogação e hierarquização das reportagens presentes no cinéjornal, esse modelo não apresenta uma definição de como analisar cada cena e como compreender seus diversos elementos. Assim sendo, serão também levadas em consideração aqui as contribuições de Aumont, Bergala, Marie e Vernet (1995) sobre o cinema como narrativa. Os autores afirmam que:

A narrativa é o enunciado em sua materialidade, o texto narrativo que se encarrega da história a ser contada. Porém, esse enunciado que, no romance, é formado apenas de língua, no cinema, compreende imagens, palavras, menções escritas, ruídos e música, o que já torna a organização da narrativa fílmica mais complexa. Por exemplo, a música, que não tem em si valor narrativo (ela não significa eventos), torna-se um elemento narrativo do texto apenas pela sua co-presença com elementos, como a imagem colocada em sequência ou os diálogos: portanto, seria necessário levar em conta sua participação na estrutura narrativa fílmica (AUMONT *et al.*, 1995, p. 106).

O cinéjornal *Kuxa Kanema* é visto nesta pesquisa então como construtor de uma narrativa associada a Samora Machel. Dessa forma, fatores como os elementos de cena, as músicas, os movimentos de câmera, os ângulos de filmagem e enquadramentos serão apontados não para considerar questões técnicas das imagens, mas para compreender qual a narrativa que está sendo proposta. “A ordem da narrativa e seu ritmo são estabelecidos em função de um encaminhamento de leitura que é, assim, imposto ao espectador” (AUMONT *et al.*, 1995, p. 108). Aumont e Marie (2004) citam o trabalho de Marie-Claire Ropars para abordar a questão da “voz narrativa”. Segundo eles (AUMONT; MARIE, 2004, p. 102):

Ropars aproveita a análise do prólogo para determinar “a existência de um **falante** soberano” – expressão pela qual é designada “a origem dessa voz não fonética, só perceptível na organização da montagem, e que cumpre uma função análoga à do **eu** implícito que acompanha qualquer objecto de narrativa” (e que em geral chamamos de **narrador abstracto**), voz que é conveniente distinguir do **locutor** (emissor de palavras que efetivamente se ouvem na banda sonora). O trabalho de análise dos 22 planos do prólogo consiste então em descobrir-lhes os signos dessa “fala”.

A observação dessa “voz narrativa” será então considerada na observação do *Kuxa Kanema* que se propõe. Entretanto, além dessa voz abstrata, também precisa ser especialmente verificada aqui a presença dos diversos discursos que de fato são falados nesses documentários: os proferidos por Machel; por outras autoridades que aparecem nas imagens; pela locução; e pela população do país, que em alguns momentos contracena com o presidente. Para tal, as contribuições de J. L. Austin (1990) se fazem essenciais. Ele parte da questão “como pode uma sentença ter significado?” (SOUZA FILHO, 1990, p. 8) e afirma que os discursos devem ser vistos como “Atos de Fala”, ou seja, como ações daqueles que o escrevem. Para que isso seja possível, torna-se fundamental levar em conta o contexto de uso de determinadas expressões, que sempre se dá em relação a realidade. Assim sendo, entende-se que os discursos visam agir sobre o real, e constituí-lo.

A metodologia que se utiliza na presente pesquisa parte então desses contributos. Primeiramente, busca separar as diversas reportagens da amostragem disponíveis através de assuntos e temáticas. Em um segundo momento, percebe a “hierarquia” desses assuntos e temáticas, observando o tempo que cada um se faz presente nas telas, bem como a quantidade de vezes que aparece. Na sequência, analisa então cada uma das reportagens buscando observar os elementos relacionados à questão dos valores nacionais em relação a Samora Machel, seja aqueles determinados pelas câmeras, seja os determinados pelas falas. Por fim, realiza uma comparação entre as narrativas da primeira e da segunda fase do cinejornal, avaliando então as rupturas e continuidades no processo de construção nacional através da imagem do presidente moçambicano no *Kuxa Kanema*.

Para que isso seja possível é importante realizar, primeiramente, uma breve retomada teórica sobre a questão do nacionalismo, que se mostra central para a análise proposta. O interesse intelectual em torno do tema nacional remete ao século XIX, quando diversos estudiosos teorizaram sobre esse fenômeno que se fazia cada vez mais presente na Europa. Smith (2000, p. 187) afirma que “os primeiros historiadores da ideia nacional tendem a ver a nação como um baluarte da liberdade individual”. Isso se dá muito em relação a própria difusão do conceito em seu sentido moderno, que está muito atrelado às consequências da Revolução Francesa no continente europeu, uma vez que foi a partir dela que a própria Europa se reformulou através de Estados-Nação. “O que caracterizava o povo-nação, visto de baixo, era precisamente o fato de ele representar o interesse comum contra os interesses particulares e o bem comum contra o privilégio” (HOBSBAWM, 1990, p. 32).

Já nesse período pode-se perceber duas diferentes abordagens para tratar da temática: uma primeira, chamada de “naturalística” por Baleira (2001), define a nação a partir de preceitos como laço sanguíneo, cultura, tradição e história. Um representante dessa visão é Fichte, que ainda em 1808 mobilizava o passado em seus *Discursos à Nação Alemã*; já uma segunda abordagem é chamada de “construtivista” pelo autor, e ela percebe a nação a partir de “elementos como consciência, voluntarismo ou vontade política, conexão econômica, coesão psicológica e Estado” (BALEIRA, 2001, p. 162). Essa vertente tem como representante no século XIX Ernest Renan, que em 1882 discursou em Sorbonne a favor da nação como entidade que “pressupõe um passado; mas resume-se, no presente, num fato tangível: no consentimento, no desejo claramente expresso de continuar a viver em comum” (RENAN *apud* SMITH, 2000, p. 188)<sup>3</sup>.

Foi a partir da segunda metade do século XX, entretanto, baseadas em fenômenos como a ascensão do nazi-fascismo (que levou o nacionalismo a um extremo sem precedentes), e o surgimento de diversas novas nações na África e na Ásia, que as discussões sobre a questão nacional foram melhor teorizadas na historiografia. A mais difundida corrente de análises sobre a temática é aquela que vê o fenômeno como atrelado ao modernismo, vendo as nações como instituições artificiais criadas deliberadamente na era moderna. Entre seus representantes, encontram-se Eric Hobsbawm (2002), que indica que as tradições, tão utilizadas na mobilização da questão nacional, seriam “inventadas”, possuindo uma imagem fictícia de longevidade, entretanto sendo criadas de maneira deliberada. Benedict Anderson (2008) corrobora essa tese, apontando a adoção de línguas modernas nacionais como parte fundamental de um processo que muito diz respeito ao imaginário, visto que ele define a nação como “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana” (ANDERSON, 2008, p. 32). Essa abordagem acrescenta na historiografia então, a partir de uma vasta e variada argumentação dos seus diversos autores, a compreensão das nações como criações políticas artificiais.

Apesar de bastante difundida, essa vertente conquistou diversos críticos, que contestam sua argumentação. Smith destaca-se entre esses críticos, afirmando que a

---

<sup>3</sup> O texto de Renan possui uma tradução para o português realizada por Glaydson José da Silva e publicada em 2006 na segunda edição da Revista Aulas. Entretanto, para o trecho selecionado, a tradução realizada por Vera Ribeiro e César Benjamin do texto de Smith, que cita o parágrafo em que se encontra essa frase, mostra-se mais precisa, uma vez que “continuar a viver em comum” possui uma carga de “coletividade” que remete muito à questão nacional, enquanto “continuar a viver a vida comum”, presente na primeira tradução citada, pode denotar uma indiferença quanto a essa questão que se mostra incoerente ao restante da fala de Renan.



questão nacional é multifacetada, levando sim em consideração questões como a formação histórico-cultural das populações, mitos e memórias. De acordo com o autor:

Uma identidade populacional é fundamentalmente multidimensional; nunca pode ser reduzida a um único elemento, nem mesmo por facções particulares do nacionalismo, e nem mesmo ainda pode ser fácil e prontamente induzida numa população através de meios artificiais (SMITH, 1997, p. 29).

O que Smith (1997) apresenta, sobretudo, é a diferenciação entre “Identidade Nacional” e “Estado-Nação”, de modo que a constituição política do nacionalismo como parte da formação dos Estados modernos pode ter características “inventadas”, entretanto, a “Identidade Nacional”, por si só, não pode ser reduzida a esse âmbito.

O indiano Chartejee, por sua vez, parte dessas teorias – e de uma especial crítica ao conceito altamente difundido de “Comunidades Imaginadas” de Benedict Anderson –, para criticar uma visão eurocêntrica da questão nacional. “Se nacionalismos no resto do mundo precisam escolher suas comunidades imaginadas a partir de certas formas ‘modulares’ disponibilizadas para eles pela Europa e pelas Américas, o que resta para eles imaginarem?” (CHATERJEE, 1996, p. 216, tradução nossa). Assim sendo, ele afirma que a formação nacional moderna das sociedades coloniais nasce justamente a partir de uma visão que aponta o desenvolvimento tecnológico e hegemonia política europeus como fatores que tornariam essas sociedades “superiores”, e, por conseguinte, capazes de estabelecer modelos. A partir desse fenômeno, nasce então uma consciência nacional “anticolonial”, que, apesar de adotar preceitos europeus na constituição política de seus estados, parte de disposições “espirituais” próprias, baseadas em um antagonismo ao modelo eurocêntrico, para formar suas próprias nações.

Outro indiano, Homi Bhabha, também critica a visão “moderna” da questão nacional, destacando a necessidade de observar o fenômeno de maneira transversal, incluído no processo temporal histórico. Uma visão que apenas aponta preceitos modernistas seria demasiado simplista, uma vez que “Freud associa a *superação* com as pressões de um inconsciente ‘cultural’, um estado liminar, incerto, de crença cultural, em que o arcaico emerge em meio às margens da modernidade como resultado de alguma ambivalência psíquica ou incerteza intelectual” (BHABHA, 1998, p. 204). Assim sendo, torna-se fundamental pensar essa questão a partir do seguinte ponto de vista (BHABHA, 1998, p. 201):

Se, em nossa teoria itinerante, estamos conscientes da *metaforicidade* dos povos de comunidades imaginadas – migrantes ou metropolitanos – então veremos que o espaço do povo-nação moderno nunca é simplesmente

horizontal. Seu movimento metafórico requer um tipo de “duplicidade” de escrita, uma temporalidade de representação que se move entre formações culturais e processos sociais sem uma lógica causal centrada. E tais movimentos culturais dispersam o tempo homogêneo, visual, da sociedade horizontal. A linguagem secular da interpretação necessita então ir além da presença do olhar crítico horizontal se formos atribuir autoridade narrativa adequada à “energia não-sequencial proveniente da memória histórica vivenciada e da subjetividade”. Precisamos de um outro tempo de *escrita* que seja capaz de inscrever as intersecções ambivalentes e quiasmáticas de tempo e lugar que constituem a problemática experiência “moderna” da nação ocidental.

Tais contributos se mostram relevantes na reflexão quanto à questão nacional nas sociedades africanas, que, a partir dos processos de descolonização que se desencadeiam na segunda metade do século XX, precisaram ponderar sobre suas próprias formações de Estados-Nação modernos em meio às questões extremamente complexas já demonstradas. Em Moçambique, as soluções escolhidas pelas autoridades vão de acordo com um modelo demonstrado por Chabal (2008), que afirma que a nação no continente africano se deu não como resultado da modernidade, conforme a corrente “modernista” afirmava, mas sim como propulsora da mesma. Através de projetos que buscavam estabelecer Estados-Nação nos territórios recém independentes, muitas lideranças políticas africanas buscaram, na verdade, promover essas sociedades à “modernidade”. Desvinculando-se tanto do “saber tradicional”, quanto do “saber colonial”, que se faziam presentes no momento das independências, o que se buscava era a promoção de um “saber africano”, que “consiste na projeção duma ideia de África no futuro a partir da confrontação entre o indivíduo e as condições objetivas da sua existência no momento atual” (MACAMO, 2002, p. 15).

Esta dissertação busca então explorar a questão da construção nacional moçambicana a partir de três partes. A primeira delas, como não poderia deixar de ser, busca melhor delimitar o projeto político citado. Para tal, primeiramente realiza uma retomada do processo de descolonização do país, destacando alguns elementos que, após a independência, mostraram-se muito relevantes na constituição nacional. Em um segundo momento, busca então falar especificamente sobre o projeto do “Homem Novo”, não apenas o discutindo teoricamente, como também o contrastando com o contexto do país. Por fim, aborda a questão cinematográfica no período, demonstrando suas relações com o nacionalismo moçambicano.

Na segunda parte, é a primeira fase do cinejornal *Kuxa Kanema* que ganha espaço. Aqui se apresenta como se deu o nascimento desses programas, bem como seus objetivos. Além disso, é claro, se realiza uma análise da amostragem disponível, percebendo como

se constrói um mito<sup>4</sup> em torno da imagem de Samora Machel, e como isso mobiliza os valores nacionais pretendidos pela FRELIMO. Para tal, duas temáticas centrais serão apresentadas: a questão internacional e as políticas da FRELIMO, que juntas dão conta de apresentar esse primeiro momento do cinejornal.

A última parte, por sua vez, consiste em falar sobre a segunda fase do programa, demonstrando como se deu a remobilização do INC e a retomada do cinejornal, que havia sido abandonado em 1979. Posteriormente, analisa a amostragem disponível sobre essa segunda fase, contrastando com a primeira, de modo a perceber as rupturas e continuidades na construção do “mito Samora Machel” e sua relação com a questão nacional. Aqui, além das duas temáticas já presentes na primeira fase, a questão da memória nacional também se faz presente, estabelecendo uma última categoria de análise.

Assim sendo, essa pesquisa aborda a construção nacional em Moçambique através de um comparativo entre a imagem de Samora Machel nas duas fases do programa, em contraste com o contexto do período trabalhado, observando assim as diferentes narrativas nacionais construídas nos diferentes momentos analisados. Dito isso, partimos agora então para sua primeira etapa, onde o contexto do país e da produção do *Kuxa Kanema* será melhor demonstrado.

---

<sup>4</sup> O conceito de “Mito Político” aqui utilizado é aquele apresentado por Girardet, que afirma que: “o mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos. É verdade ainda que esse papel de explicação se desdobra em um papel de mobilização: por tudo o que veicula de dinamismo profético, o mito ocupa um lugar muito importante nas origens das cruzadas e também das revoluções” (GIRARDET, 1987, p. 13).

## 2. O REGIME SOCIALISTA DE SAMORA MACHEL E A CONSTRUÇÃO NACIONAL EM MOÇAMBIQUE

### 2.1. A FRELIMO E SAMORA MACHEL

A década de 1950 é bastante marcante para o continente africano, uma vez que a independência do Sudão (1956), de Gana (1957) e da Guiné-Conakri (1958) impulsionaram os movimentos pela independência em diversos outros países. O ápice desses movimentos foi em 1960, ano considerado pelas Nações Unidas o “Ano da África”. Ao seu final, um total de 21 países já haviam chegado a independência no continente, seja por vias negociadas, seja após conflitos armados<sup>5</sup> (LESSA E FILHO, 2007).

A principal exceção a esse processo, entretanto, é a África colonizada por Portugal. Ao contrário do restante das potências coloniais, o país lusitano, segundo aponta Maxwell (2006), estava sob o regime semifascista de António de Oliveira Salazar. Seu governo é marcado por um grande apego ao passado português e à tradição, de modo que os territórios em solo africano possuíam um papel simbólico fundamental, relembrando as grandes conquistas portuguesas de tempos passados e afirmando seu papel como potência civilizatória<sup>6</sup>.

Uma das características da ditadura chefiada por Salazar era seu isolamento internacional. Apesar de aproximar-se do fascismo, Portugal permaneceu neutro durante a Segunda Guerra Mundial. Com isso, conseguiu garantir que seu governo se mantivesse estável após o conflito, mesmo seguindo um modelo de governança muito distinto daquele praticado na maioria dos países nessa nova fase global. Os ditos “liberais”, como EUA e Inglaterra, até passaram a estabelecer relações com o país Luso devido seu enfático

---

<sup>5</sup> Sobre esse processo de independências no continente africano, deve-se citar alguns intelectuais como o senegalês Léopold Sédar Senghor, o ganês Kwame Nkrumah, o caribenho Franz Fanon, o guineense Amílcar Cabral e tantos outros que, através de movimentos como a *Negritude* e o *Pan-Africanismo*, passaram a refletir sobre o lugar da população negra e africana no mundo ao longo do século XX. Muitos deles tornaram-se líderes políticos pela independência em seus países, e outros, que não participaram diretamente, influenciaram a formação de movimentos anticoloniais, desencadeando essa série de independências. A obra organizada por Macedo (2016) reúne alguns artigos que apresentam o pensamento político africano nesse período.

<sup>6</sup> O regime português utilizou-se do suporte teórico desenvolvido pelo brasileiro Gilberto Freyre em livros como *Casa-Grande & Senzala* (1933), *O Mundo que o Português Criou* (1940) e *O Luso e o Trópico* (1961), estudados por Castelo (1998), para criar políticas que afirmavam que o “modo português” de colonização era ideal para “civilizar” as sociedades, promovendo uma “democracia racial” e levando à modernização. O caso do Brasil era muito utilizado como exemplo na propaganda colonial portuguesa.

anticomunismo, mas as diferenças de via política fizeram com que uma aproximação maior jamais se firmasse, de modo que Portugal se manteve isolado politicamente no período.

Na década de 1950, quando as outras potências coloniais começaram então a negociar a descolonização de suas posses em território africano, a comunidade internacional passou a pressionar o país ibérico nesse sentido. Entretanto, a afirmativa desse caráter de “isolamento”, além da afirmação de sua predisposição natural para “civilizar as sociedades” e sua maneira particular de “estar no mundo”, fez com que o regime salazarista refutasse qualquer via negociada de descolonização, uma vez que alegavam se tratar de uma característica natural da nação portuguesa (CASTELO, 1998).

Àquela altura, entretanto, o grande clima de euforia devido as independências, e de tensão causado pela guerra fria<sup>7</sup>, já havia atingido diversos africanos provenientes de territórios portugueses, muitos deles estudantes na Europa<sup>8</sup>. Visto que a perspectiva de negociação com o regime salazarista se mostrava muito remota, devido às próprias características do regime português, esses africanos começaram a se mobilizar para assumir a via armada no combate ao regime colonial. Assim sendo, a década de 1960, que se iniciou com diversas independências pela África, foi marcada pela guerra nas colônias portuguesas.

Em Moçambique, o caso aqui estudado, essa alternativa materializou-se na formação da Frente de Libertação de Moçambique. Apesar de já existir uma resistência ao regime colonial português anterior ao movimento, foi ela que, a partir da união dos grupos que constituíam essa resistência, foi capaz de formar uma frente única em 1962, em favor da causa anticolonial em comum, e iniciando o enfrentamento contra o regime português. Foi no seio da FRELIMO que a figura de Samora Machel emergiu, destacou-se na guerra e tornou-se o primeiro presidente do país após sua independência.

---

<sup>7</sup> Após a Segunda Guerra Mundial, a questão colonial tornou-se parte ativa da chamada Guerra Fria. A URSS e os demais países socialistas posicionaram-se cedo contra o colonialismo e passaram a apoiar com treinamento e material militar os movimentos a favor da “revolução socialista”. Os Estados do Ocidente, entretanto, logo passaram a também apoiar movimentos de libertação nacional, buscando tornar-se influentes nos mesmos após as independências. Assim sendo, pode-se perceber que a questão colonial é um elemento essencial nas disputas geopolíticas do período.

<sup>8</sup> Apesar da formação inicial desse grupo que dá origem ao movimento nacionalista não ser o foco aqui, é válido citar a obra de *Cabaço* (2009), que aponta que o projeto português de criar uma população “assimilada” na colônia como forma de administrar o projeto colonial acabou por formar também uma elite letrada de moçambicanos, que aos poucos passou a ser influenciada por ideias que vinham do exterior e criar os primeiros traços de uma consciência nacional – chamada de “protonacionalismo” pelo autor. Assim sendo, o caso dos estudantes na Europa, que coexistiam tanto com europeus quanto com outros africanos de outras colônias, vai ser fundamental na criação dos movimentos de libertação nacional.

### 2.1.1. A FRELIMO e a guerra anticolonial

A FRELIMO, conforme já citado, formou-se em 1962. Em sua origem, verifica-se a união de três movimentos: A União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO), formada em 1960 na Rodésia do Sul, atual Zimbabué, liderada por Adelino Gwambe, Uria Simango e Mabunde; A Mozambique African National Union (MANU), formada em 1954 por Mateus Mole e Malinga Milinga na região britânica que hoje é a Tanzânia; e a União Africana de Moçambique Independente (UNAMI), criada no Malawi por Baltazar Chagonga, em 1961. Entretanto, conforme demonstra Gómez (1999), simplificar a formação do movimento como a simples união desses grupos é um erro, uma vez que (GÓMEZ, 1999, p. 102):

*A literatura que aborda esta questão e a própria FRELIMO confunde a criação da Frente de Libertação com a fusão formal das três organizações nacionalistas no Congresso de 25 de Junho de 1962, em Dar-es-Salaam, deixando na penumbra processos fundamentais: A hipótese mais plausível é que a FRELIMO nasce [...] da fusão de quatro grupos de intelectuais, no sentido gramsciano do termo, provindo de quatro meios sociais distintos: i) do **meio rural**, das comunidades étnicas (das cooperativas do norte); ii) do **meio social urbano** de intelectuais, do interior do país onde nasceu o movimento protonacionalista dos inícios do século [...] iii) do **meio universitário do exterior** e; do **meio social dos trabalhadores emigrantes**, nos países vizinhos.*

Sua formação se deu então em Dar es Salaam<sup>9</sup>, na época capital da Tanganica, atual Tanzânia, em 25 de junho de 1962. O presidente da região no período, Julius Nyerere<sup>10</sup>, apoiou a criação da FRELIMO e incentivou a união entre os diferentes movimentos e grupos sociais que combatiam o colonialismo em Moçambique em torno

---

<sup>9</sup> Othman (2010) demonstra o destaque da Tanzânia, e especialmente da Universidade de Dar Es Salaam, no apoio aos movimentos anticoloniais do continente. Além da FRELIMO, o movimento sul-africano African National Congress (ANC), o angolano Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e o zimbabuano ZANU, além de outros, também foram apoiados pelo país e tiveram seus quadros participando dos debates na universidade.

<sup>10</sup> Julius Nyerere foi uma liderança muito relevante naquele contexto. Primeiro presidente da República de Tanganica, em 1964 promove a união entre seu país e o Zanzibar, tornando-se então líder de todo o território da Tanzânia. Além de promover um modelo político de Socialismo baseado nas sociedades tradicionais africanas, chamado “Socialismo Africano”, foi também um líder importante do movimento Pan-Africanista, lutando em favor das independências no continente africano e também contra os regimes racistas, como o do *apartheid* na África do Sul.

da figura de Eduardo Mondlane<sup>11</sup>, que se tornou o primeiro presidente da Frente. Os vice-presidentes naquela oportunidade foram Uria Simango e Marcelino dos Santos.

Foi com essa formação que dois anos mais tarde, no dia 25 de setembro de 1964, a FRELIMO atacou o posto administrativo português no distrito do Chai, na região de Cabo Delgado, no norte do país (fronteira com a Tanzânia), iniciando a guerra anticolonial. Segundo demonstra Westad (2007), sua tática de batalha era a guerrilha, muito utilizada no período pelos movimentos de libertação nas colônias africanas. Seus principais apoios militares vinham da URSS e da China<sup>12</sup>.

A partir do Norte, a FRELIMO passou a combater o regime português, criando as chamadas *zonas libertadas*, onde o movimento passa a ter pela primeira vez a experiência de governança. Esse momento vai ser visto como fundamental na tarefa de criar uma unidade nacional no combate contra o colonialismo, difundindo um sentimento de moçambicanidade conforme a guerra avançava. Visto isso, essa experiência vai ser fundamental nas próprias concepções políticas da FRELIMO, que passa a estabelecer relações sociais entre o movimento e as massas, e entre as massas e o exército, definindo assim já algumas bases de governo (GÓMEZ, 1999).

Além disso, garantir a administração desses lugares era também uma forma de legitimar o movimento, que passava, aos poucos, a ser conhecido pelos moçambicanos. Segundo Sérgio Vieira (2011)<sup>13</sup>, muitas das regiões ocupadas nesse momento tinham pouco ou nenhum contato com o regime português. Devido à baixa densidade populacional, nem mesmo os líderes tradicionais davam conta da administração em muitos desses povoados, que estavam isolados e sem meios de transporte ou comunicação com o mundo exterior. Tornar-se presente neles, então, passa a ser uma forma da FRELIMO angariar apoio dessas populações.

---

<sup>11</sup> Eduardo Mondlane foi um intelectual moçambicano, que estudou na África do Sul, em Portugal e nos Estados Unidos, tendo trabalhado também na Organização das Nações Unidas (ONU). Foi um dos principais teóricos e líderes dos movimentos de libertação nacional na África portuguesa, tendo liderado a FRELIMO entre 1962 e 1969. Sua retórica e grandes conhecimentos o tornaram bastante respeitado no cenário internacional. Como primeiro presidente do movimento, estabeleceu muitas questões em sua estrutura e, segundo Ribeiro (2005), até hoje possui o caráter de um mito político do Estado moçambicano.

<sup>12</sup> Naquele período, em que as vias capitalista e socialista se opunham devido a Guerra Fria, as lideranças da FRELIMO viam a primeira opção como inviável, visto que seu principal representante, que eram os Estados Unidos, possuía relações estabelecidas com o regime colonial português, além de ser próximos ao regime do *apartheid* na África do Sul, encarado como um inimigo pelo movimento devido ao seu caráter racista. Assim sendo, os apoios buscados pela Frente no período de sua formação foram a China e a União Soviética.

<sup>13</sup> Sérgio Vieira precisa ser entendido nesta pesquisa não apenas como uma referência, visto que publicou alguns artigos e o livro biográfico *Participei, por isso testemunho* (2011), mas também como uma fonte primária, visto que foi uma das principais lideranças da FRELIMO desde sua formação até os dias de hoje.

Recomeçar as tarefas produtivas, instalar estruturas democráticas e populares de poder, serviços de educação e saúde, organizar o comércio interno e externo e os sistemas de defesa e autodefesa vão ser algumas das atividades das quais o movimento vai se ocupar em seus primeiros momentos nessas zonas. Com isso, as diferentes lideranças passaram a angariar postos administrativos, de modo que determinadas divergências quanto a concepções políticas de administração nesses locais começa a ganhar evidência.

Assim sendo, até 1969 pode-se dizer que os avanços militares do movimento foram bastante notáveis. Suas conquistas, contra um exército muito mais poderoso, que era o português, são bastante destacadas. Entretanto, sua estrutura política não recebeu tantos elogios, uma vez que essas divergências entre as lideranças da FRELIMO se tornaram cada vez mais insustentáveis, prejudicando a unidade da Frente, que passa a conviver com disputas de poder e desavenças. Anos mais tarde, após a independência, algumas dessas questões levarão à guerra civil no país.

### 2.1.2. As sementes da guerra civil

Abordar os conflitos internos da FRELIMO durante a guerra anticolonial ganha relevância nessa pesquisa uma vez que a posterior guerra civil, que aconteceu entre 1977 e 1992, é justamente uma consequência de determinadas divergências, que colocavam em xeque a representação do povo moçambicano pelo movimento. Assim sendo, faz-se necessário aqui apresentar, ainda que não de maneira aprofundada, alguns pontos dessas divergências.

Conforme já demonstrado, a formação da Frente já apontava, por si só, seu caráter heterogêneo. Além dela contar com diferentes movimentos e estratos sociais em sua composição, não existia uma doutrina política definida, de modo que a causa que unia seus integrantes era o combate irrestrito às forças coloniais. Não existia uma visão de mundo compartilhada além do anticolonialismo.

É natural então que o aprofundamento da guerra contra o regime português levasse as diferentes perspectivas a entrar em conflito no seio do movimento. Uma primeira questão conflitante é o dilema étnico apresentado por Chichava (2008). Moçambique é um país com grande diversidade étnica<sup>14</sup>, e essa diversidade pode ser percebida na divisão

---

<sup>14</sup> Conforme já demonstrado na introdução, Paredes (2014) afirma que a definição da própria FRELIMO para esses grupos aponta-os como aqueles que possuem “língua comum”, “usos e costumes” e “organização militar e econômica”. Eles seriam então sete: “NYANJA (ocupando as margens do lago Niassa), MACUA



geográfica do país, dividido entre “Sul”, “Centro” e “Norte”. Essas regiões, além de possuírem diversos grupos étnicos distintos, eram naquele período marcadas por diferenças econômicas bastante significativas, visto que o Sul, próximo à fronteira com a potente África do Sul, foi uma região privilegiada pelo regime colonial. A capital da colônia, Lourenço Marques (atual Maputo), ficava na região Sul, assim como os principais empreendimentos econômicos do período. Não é de surpreender então que a maior parte da chamada “elite letrada” da colônia seja justamente das chamadas etnias Tsonga, que habitam o sul. Foi esse o grupo que se tornou predominante na maioria dos principais quadros de liderança da FRELIMO desde sua formação (tanto Eduardo Mondlane quanto Samora Machel, por exemplo, eram de origem Xangane).

Logo então, alguns dos integrantes da FRELIMO originais de outras etnias passaram a acusar sua direção de um “tribalismo” na forma de administrar, afirmando que os membros do norte e centro do país eram utilizados especialmente como “bucha de canhão” durante a guerra, enquanto os do Sul ganhavam cargos administrativos e formação política. Além disso, ainda segundo o que aponta o autor, havia dissidências em seu seio que nem mesmo acreditavam na formação de Moçambique tal qual foi “fabricado” pelos portugueses, negando que a integridade do território deveria ser garantida, advogando assim por sua fragmentação, levando em conta as questões étnicas.

Enquanto isso, os principais quadros dirigentes da Frente mantinham uma posição que afirmava que a independência buscada deveria ser integral, e que a Nação moçambicana que se almejava não deveria levar em consideração elementos como a cor da pele ou a etnia. A questão da “unidade” aparece como um dos principais pilares para esses dirigentes, que já no I Congresso do movimento, que ocorreu entre 23 e 28 de setembro de 1962, afirmavam buscar “promover a Unidade dos Moçambicanos” (MUIUANE, 2006, p. 20)<sup>15</sup>.

Além dessas divergências, a prática administrativa das *zonas libertadas*, conforme já citado, também ganha relevância nesses conflitos. Segundo percebe-se na narrativa de Sérgio Vieira (2011), os ideais socialistas eram adotados pelos principais líderes do movimento já em seu momento inicial, de modo que a produção nessas zonas era

---

(ocupando as províncias de Moçambique, parte da Zambézia, Niassa e Cabo Delgado), YAU(ocupando a maior parte do Niassa), MACONDE (na província de Cabo Delgado), SENA (na Zambézia, Manica e Sofala), NDAUNYAI-SHONA (Manica e Sofala), TSONGA-VATSUA-RONGA (maior parte da província de Gaza, Inhambane e Lourenço Marques)” (2014, p. 144).

<sup>15</sup> Os documentos desse evento, bem como outros diversos documentos da FRELIMO datados entre 1962 e 1975, estão reunidos na terceira edição do livro *Datas e Documentos da História da FRELIMO*, organizado por Armando Pedro Muiuane em 2006.

realizada através de cooperativas, conforme vai ocorrer em todo o país a partir da independência. Esse modelo, entretanto, nem sempre foi posto em prática, visto que integrantes da FRELIMO, unidos com lideranças tradicionais insatisfeitas<sup>16</sup>, passam a realizar a revenda de produtos e negócios considerados ilegais pelo movimento.

A partir disso, segundo aponta Funada-Classen (2013), esses conflitos chegam ao seu auge no período entre o II Congresso da FRELIMO, que aconteceu em 1968, e o assassinato de Eduardo Mondlane, em 1969<sup>17</sup>. Foi a partir desse contexto então que Samora Machel chegou ao poder do movimento e conspirou para a expulsão de diversos líderes<sup>18</sup> apontados por ele como “reacionários”. Vão ser alguns deles que, anos mais tarde, vão organizar-se na Rodésia do Sul para formar a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), que inicia uma guerra civil contra o regime da FRELIMO.

### 2.1.3. A ascensão de Samora Machel

Ao contrário de Eduardo Mondlane e de muitas das principais lideranças da FRELIMO na época – como Sérgio Vieira, Joaquim Chissano e Marcelino dos Santos –, Samora Machel não era um intelectual, como Christie (1996) traça na sua biografia. Nascido em 1933 na província de Gaza, ao Sul de Moçambique – o que é bastante significativo, conforme já citado –, ele era um enfermeiro quando, em 1963, decidiu ir para a Tanzânia e engajar-se na luta da FRELIMO. Após ter treinamento militar na

---

<sup>16</sup> A tese de Cossa (2018) é bastante elucidativa em demonstrar que a relação entre a FRELIMO e as autoridades tradicionais, que se justificavam no interior das etnias, foi bastante conturbada. Visto que o movimento buscou uma ampliação do Estado, fazendo-se muito mais presente em seu território do que o regime colonial português, e que ele teve entre suas políticas a negação do fator étnico-tradicional naquela sociedade, muitas lideranças tradicionais entraram em conflito com sua administração tanto nesse período de guerra anticolonial quanto na posterior guerra civil, na qual muitos passaram a apoiar a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), grupo que se opunha a FRELIMO.

<sup>17</sup> A morte de Eduardo Mondlane não foi completamente respondida até hoje. Ele foi vítima de um atentado a bomba. Oficialmente, sabe-se que a Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) de Portugal teve participação em planejar tal atentado. Porém, muitos membros da FRELIMO, como Sérgio Vieira, acusam alguns dissidentes do movimento, como Lázaro Kavadame, de terem conspirado pela morte do líder.

<sup>18</sup> Entre os principais nomes dos líderes expulsos da FRELIMO, encontram-se Lázaro Kavadame e Uria Simango, por exemplo, ambos membros fundadores do movimento e ocupantes de altos cargos. Seria fundamental, para um estudo mais profundo sobre os conflitos existentes nessa primeira fase da FRELIMO, realizar-se uma breve apresentação desses e outros personagens, demonstrando suas ideias e divergências quanto a direção geral do movimento. Entretanto, isso não é realizado aqui por duas razões: 1) porque ainda não foi realizado, ao menos no Brasil, um trabalho que investigue essa questão de maneira satisfatória; 2) porque tal discussão demandaria uma extensa investigação, utilizando-se de fontes e referências bibliográficas que, ao menos à primeira vista, mostram-se bastante complexas. Já que a proposta da presente pesquisa não é exatamente investigar essa questão, apesar dela relacionar-se com o assunto estudado, optou-se por não aprofundar esse debate e apresentar o conflito a partir da perspectiva oficial dada pela FRELIMO, que define as linhas “reacionária” e “revolucionária” de maneira deliberada.

Argélia, passou a destacar-se muito militarmente. Desse modo, em 1966 galgou o posto de Secretário da Defesa da Frente.

Quando entre 1968 e 1970 o movimento passou pelos conflitos já descritos aqui, internamente a FRELIMO parecia condenada ao fracasso, ao mesmo tempo que militarmente seus sucessos eram cada vez mais notáveis, mesmo com o poderio de fogo colonial sendo muito superior ao do movimento. Assim, não é de se estranhar que

No relatório do Comité Central, lido por Mondlane no início do congresso, apenas um membro da Frelimo vivo era destacado para um aplauso especial: Samora Machel. O relatório referia-se a seu papel no estabelecimento dos campos de treino de Kongwa e Nachingwea, na Tanzânia (CHRISTIE, 1996, p. 95).

Com a morte de Mondlane em 1969, e o momento militar pelo qual a guerra anticolonial passava, o nome de Samora Machel tornou-se uma alternativa na liderança da Frente. Apesar de importantes líderes como Simango, Nkavadame, Matsangaissa e Gwengere serem contrários a isso, naquele momento o núcleo central do partido já estava formado com nomes Chissano, Guebuza, Rebelo, Marcelino dos Santos e Sérgio Vieira<sup>19</sup>. Desse modo, sua posição tornou-se preponderante, e Machel o novo líder do movimento.

Com sua chegada no poder, a FRELIMO radicalizou seu discurso, assumindo oficialmente a posição que afirmava a existência de duas linhas no interior do movimento: a linha reacionária e a linha revolucionária<sup>20</sup>. A linha supostamente “reacionária” era aquela chefiada pelas lideranças políticas com divergências a esse grupo dirigente, incluindo os já citados Simango, Nkavadame, Matsangaissa e Gwengere, por exemplo.

Eles passam a ser acusados de estar relacionados a dois elementos: o tribalismo, relativo à questão étnica anteriormente citada; e a exploração, que, simbolicamente, se relacionaria ao capitalismo ao qual o movimento se opunha. Essas acusações ficam claras no discurso de Samora Machel (MACHEL, 1978, p. 21-22):

Imediatamente após o I Congresso, manifestou-se uma corrente reacionária, ligada a elementos tribalistas com vocação feudal, que pretendeu impor um Conselho dos Velhos [...] chamados *chairmen*. [...] alegavam a necessidade de preservar as nossas tradições espezinhadas pelo colonialismo e procuravam relançar as estruturas tribal-feudais. [...] os *chairmen* deturparam a natureza, o

---

<sup>19</sup> Todos são lideranças da FRELIMO que permaneceram desde esse período no alto comando do partido. Após a independência, foram eles que assumiram alguns dos principais cargos de comando no país. Após a morte de Samora Machel, Chissano foi o presidente, e após ele foi Guebuza. Assim sendo, esses nomes são bastante representativos não apenas naquele momento específico, como em toda a história política da FRELIMO e de Moçambique.

<sup>20</sup> A descrição desse processo está presente no documento *O Partido e as classes trabalhadoras moçambicanas na edificação da democracia popular – Relatório do Comité Central ao Congresso da FRELIMO*, publicado em formato de livro em 1978.

sentido e os objetivos das milícias, recrutando-os entre marginais que lhes eram fiéis, organizando assim forças repressivas contra o povo.

E também em outro trecho do mesmo discurso (*ibid*, 1978, p. 17-18):

Os novos exploradores eram elementos que viam na libertação do nosso país a possibilidade de se substituir os exploradores colonialistas. Revelaram-se abertamente nas nossas fileiras elementos com vocação capitalista, o que desencadeou uma luta cerrada, ideológica e política, na nossa Organização. Esta surgiu, numa primeira fase, sob a forma de divergências de opinião. Divergências que, na realidade, mascaravam a contradição fundamental no nosso seio: o antagonismo de classe.

Assim sendo, Samora Machel foi o líder responsável pela expulsão de todos esses elementos indesejados no seio do movimento, e por uma radicalização em torno de valores socialistas e nacionalistas, militarizando muito a FRELIMO. Passa a existir uma centralização cada vez maior em torno do poder central, representado na figura de Machel. Vai ser nesses novos parâmetros que a guerra anticolonial vai avançar até 1974, quando aconteceu em Portugal a Revolução dos Cravos, que derrubou o regime de Marcello Caetano<sup>21</sup> e alterou totalmente a política colonial do país, que logo começou a negociar a independências de suas posses coloniais no continente africano.

## 2.2. A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA E O “HOMEM NOVO” COMO PROJETO DE NAÇÃO

Com a Revolução dos Cravos, que levou à queda do regime ditatorial em Portugal, a descolonização dos territórios em continente africano passou a ser uma das principais prioridades do novo regime, visto que uma das mais relevantes pautas dos revolucionários era justamente a crítica à guerra que se perpetuava nesses territórios. Negociar a independência e acabar com esses conflitos foi então uma consequência natural dessa revolução.

Tendo sido a FRELIMO o único movimento presente durante toda a guerra anticolonial em Moçambique<sup>22</sup>, foram os seus representantes aqueles privilegiados nessas

---

<sup>21</sup> Em 1968, António de Oliveira Salazar, já com 79 anos, sofreu uma queda em sua residência que lhe deixou muito debilitado. Seu substituto no poder em Portugal foi Marcello Caetano, um político que chefiou diversos ministérios durante o governo de seu predecessor. Seu período no poder ficou conhecido como “o salazarismo sem Salazar”, visto que ele perpetuou a ditadura que existia, continuando políticas implantadas.

<sup>22</sup> Deve-se destacar que a FRELIMO era de fato o principal movimento daquele momento a partir de um viés militar, visto que conduziu a guerrilha contra o regime português entre 1964 e 1975. Isso não significa, entretanto, que fosse o único movimento anticolonial representativo existente. Entre as outras opções presentes estavam a Frente Comum de Moçambique (FRECOMO), liderada por Joana Simeão, que se fazia presente em Lourenço Marques (capital do país, atual Maputo), e que contava inclusive com portugueses

negociações. Em 7 de setembro de 1974, em Lusaka, na Zâmbia, foi assinado o “Acordo de Lusaka”, que firmou o cessar-fogo no país. Após um período de transição<sup>23</sup> no poder, a FRELIMO converteu-se então em um Partido Político, dentro de um regime de partido único, e Samora Machel declarou, como presidente, a independência do país no dia 25 de junho de 1975.

Com sua chegada no poder, ele utilizou-se de sua característica de líder carismático<sup>24</sup> para promover suas principais políticas em dois sentidos: construir o socialismo em Moçambique e promover uma unidade nacional, “do Rovuma a Maputo”<sup>25</sup>. Foi a partir dos valores relacionados a esses dois principais pilares que o partido buscou difundir aquilo que vai ser definido por Samora Machel e seus partidários como o “Homem Novo”, que se trata de uma nova identidade nacional moçambicana, negando todo o passado em favor de um futuro a ser construído.

### 2.2.1. A via marxista-leninista em Moçambique

A opção por uma via marxista em Moçambique precisa ser entendida ainda no prisma da guerra anticolonial. Conforme já citado, Wested (2007) aponta que durante esse período o movimento passou a ver os EUA como uma opção de alinhamento internacional inviável, visto que o país historicamente possuía boas relações com o regime colonial português, além de ser aliado do regime do *apartheid* na África do Sul. Além disso, uma forte retórica anticomunista do regime português, bem como o próprio contexto intelectual da época, fazia com que a oposição a ele se identificasse com o discurso socialista. Assim sendo, desde o princípio, houve uma tendência à via socialista, que se fortalece uma vez que os regimes que seguiam essa via, como a URSS e a China, passam a apoiar a guerrilha.

---

em seus quadros, e não optava pela via armada (PIMENTA, 2015); e o Comitê Revolucionário de Moçambique (COREMO), de Adelino Gwambe, que se organizava em Lusaka, na Zâmbia.

<sup>23</sup> O período de transição nas colônias portuguesas na África é marcado por uma série de disputas políticas em Portugal que vão ser decisivas no processo de independência dos novos países. No caso Moçambicano, a opção tomada foi por tornar a FRELIMO um partido político em regime de partido único. Essa decisão foi resultado de complexas negociações que são abordadas por Maxwell (2006).

<sup>24</sup> Conforme já citado na introdução, Max Weber abordou em diversos artigos, reunidos no Brasil na coletânea *Ensaios de Sociologia* (1982), os diferentes tipos de liderança possíveis. O líder carismático aparece como a autoridade que se constrói a partir da devoção às características, atos e caráter pessoais do líder, desenvolvendo um governo que se legitima devido especificamente a pessoa do líder. Matsinhe (2001) já destaca essa característica em Samora Machel.

<sup>25</sup> A expressão “do Rovuma a Maputo” era um dos lemas do governo de Samora Machel, e indicava uma unidade nacional desde o extremo norte (Rovuma) até o extremo sul (Maputo), reivindicando a “moçambicanidade” de todas as populações nesse território para além da diversidade étnica.

Essa tendência fica clara não só no próprio processo de libertação e nas políticas implantadas nas *zonas libertadas*, já citados, como nos próprios discursos da época. Eduardo Mondlane, enquanto presidente da FRELIMO, disse em uma entrevista, em 1969, logo antes de ser assassinado, que (MONDLANE, 1969 *apud* CHRISTIE, 1996, p. 190):

[...] a Frelimo realmente agora é muito mais socialista, revolucionária e progressista do que nunca. E é a linha, agora, a tendência, mais e mais em direção ao socialismo do tipo marxista-leninista. Porque as condições de vida de Moçambique, o tipo de inimigo que nós temos, não admite qualquer outra alternativa. [...] Eu acho que a Frelimo, sem comprometer o partido que ainda não fez uma declaração oficial declarando-se marxista-leninista, mas eu acho que a Frelimo está-se inclinando mais e mais nessa direção por que as condições em que nós lutamos e trabalhamos assim o ditam.

Com a descolonização e a chegada de Samora Machel ao poder, a retórica do governo era a de expandir as experiências das *zonas libertadas* para o restante do país. Visto essa lógica de uma “continuidade” proposta, não é surpreendente que a opção do partido tenha sido oficializar o socialismo.

Qual a via socialista, entretanto, é uma questão que deve ser discutida, visto que Martin (2012) afirma que o socialismo de Samora Machel sofria muita proximidade com o projeto político de Amílcar Cabral, que propunha uma reafirmação dos espíritos, muito relacionada a própria realidade da Guiné-Bissau. Já Maloa (2011) afirma que a principal influência desse regime seria o *socialismo africano*, proposto por Julius Nyerere, que propunha a busca pelo “verdadeiro comunismo” no passado africano, rechaçando o modelo estabelecido na URSS.

A decisão oficial quanto a isso está no âmbito do 3º Congresso da FRELIMO, que aconteceu em 1977. O modelo adotado pelo partido, anunciado por Samora Machel, foi o chamado Socialismo Científico, que se baseava especialmente no modelo soviético em suas políticas, buscando também como principais alianças internacionais a própria URSS, bem como países do restante do Leste Europeu<sup>26</sup>.

Aqui é importante citar alguns dados pragmáticos que podem estar relacionados a essa decisão: 1) a URSS possuía um enorme poderio econômico e condições para incluir

---

<sup>26</sup> É importante perceber-se que essa busca por alinhamento internacional com determinado bloco econômico já é apontada por Hernández (2011) como um indicativo do próprio projeto de construção nacional do país, que buscava desvincular-se dos países capitalistas, como a África do Sul, com quem mantinha a maioria das relações durante o período colonial, e buscar novos aliados, condizentes com seu novo projeto político: “essa dependência econômica, de caráter estrutural, com a África do Sul, obriga a FRELIMO a buscar estratégias duais que, por um lado, permitissem manter o fluxo de mineiros, e por outro, indicassem novos aliados no seu processo de construção nacional como república independente” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 17).

ou não Moçambique no grupo econômico “Conselho para Assistência Econômica Mútua (COMECON)<sup>27</sup>; 2) URSS e China eram as principais potências internacionais no cenário socialistas, e principais apoiadoras da FRELIMO durante a guerra anticolonial. O cenário de conflitos políticos ocasionados pela morte de Mao Tsé-Tung em 1976 na China<sup>28</sup> pode ter ocasionado uma pendência para a “via soviética” de Moçambique; 3) Moçambique estava localizada em uma região de extrema tensão política, e o envolvimento em conflitos armados já era previsível no contexto do terceiro congresso, de modo que aliar-se a URSS, uma grande potência militar, poderia significar também receber apoio nesse campo.

Sérgio Vieira (2013, p. 211) define sua opção então da seguinte maneira:

Na adopção do conceito de socialismo científico, o termo *científico*, implicitamente rejeitava qualquer tipo de rigidez, dogma, sentido que na ciência se esgotara e se enfermara nos escritos e experiências passadas. [...] nunca a FRELIMO esposara dogmática e rigidamente conceitos, fazendo deles mandamentos de uma teologia, ainda que laica, como ocorria no leste europeu e mesmo na China maoísta. [...] Para nós a expressão marxismo-leninismo nunca constituiu algo mais do que recorrer a uma fórmula que homenageia, em si, duas personalidades essenciais que deram corpo à teoria e prática do socialismo científico. O termo *científico* mostra-se essencial. Na ciência nada está terminado e cada ponto a que se chega torna-se um novo ponto de negação depois de partida. *Científico*, implica, pois, que nada está encerrado, que cada momento, suscitando as contradições próprias ao desenvolvimento, faz emergir novas visões teóricas e práticas.

As políticas implantadas passam então a ser no sentido da construção desse socialismo científico. Vão ser criadas aldeias comunais, assembleias populares e cooperativas de produção rural, diversas empresas vão ser nacionalizadas e os currículos escolares reorganizados. A retórica de todas essas políticas é a mesma: construir o socialismo em Moçambique. Sua relação com a questão da identidade nacional é clara, uma vez que o “Homem Novo”, conforme fica claro no discurso “o Homem Novo é um processo”, de Sérgio Vieira (publicado na Revista Tempo n. 398, em 1978), deve assumir valores como o trabalho, o conhecimento científico, a prática científica e a unidade entre camponeses e operários, o que, visto a retórica daquele contexto, torna-se um apelo do Estado para todos os “Homens Novos” no engajamento social para a construção do socialismo.

---

<sup>27</sup> O COMECON foi uma organização internacional fundada em 1949 que visava a integração econômica dos países socialistas. Em sua fundação, era composto apenas por países do Leste Europeu, entretanto com o tempo passou a aceitar demais países socialistas, como Cuba e Vietnã.

<sup>28</sup> Duas linhas, a facção de Deng Xiaoping, relacionada a Zhou Enlai, e o “Bando dos Quatro”, liderado por Jiang Qing, esposa de Mao Tsé-Tung, disputavam o poder no país após sua morte. Os relatos dessa disputa são descritos por Dikotter (2017).

Na questão internacional, é crucial citar que em 1981 a candidatura do país ao COMECON foi recusada<sup>29</sup>, frustrando suas expectativas de um maior apoio econômico vindo do leste europeu. Segundo aponta Matsinhe (2011), isso representa uma abertura política de Moçambique, que se permite a uma maior aproximação com o mundo ocidental e flexibilização do regime. Ao longo da década de 1980, o país aumenta então sua atuação regional, liberaliza a economia e, em 1984, adere ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Mundial, buscando combater uma crise econômica que aumentava cada vez mais como efeito de uma guerra civil que tomava proporções cada vez maiores.

### 2.2.2. O combate ao tribalismo

Conforme já demonstrado aqui, a análise da questão étnico-tribal é fundamental no entendimento da história moçambicana, bem como da própria FRELIMO. Eduardo Mondlane, em seu livro *Lutar por Moçambique* (1995)<sup>30</sup>, já afirmava que o colonialismo português havia sido responsável por “aumentar as distâncias” entre os diferentes povos que viviam na região, dificultando a comunicação entre eles e acabando com quaisquer relações comerciais ou políticas que existissem, uma vez que a própria colônia passava a ser a única referência para a qual deveriam ser submissos e prestar contas. O primeiro presidente da FRELIMO afirma que isso dificultou muito o nascimento de um sentimento de nacionalidade nesses povos, uma vez que não existia qualquer forma de unidade difundida pelo regime português. Com exceção das poucas grandes cidades, onde o contato tanto com os colonialistas quanto com uma maior diversidade populacional poderia ser percebido, a única sensação de pertencimento que existia em Moçambique se restringia aos grupos étnico-tribais.

Assim sendo, a partir da formação da FRELIMO, conforme já demonstrado, a retórica das principais lideranças do movimento passa a ser em torno da criação da unidade. Entretanto, além da enorme divisão existente entre esses povos, duas outras questões vão tornar essa uma árdua tarefa: os próprios conflitos internos da FRELIMO,

---

<sup>29</sup> Meque (2013) aponta que a recusa de Moçambique se deu por o país ser considerado “de orientação socialista, mas não ainda socialista”. E também por pertencer ao bloco dos “não-alinhados”. Conforme Milhazes (2010), a URSS nunca teve uma relação de confiança muito estável com Samora Machel, Piort Evsikov, funcionário da Sessão Internacional do Comitê Central do Partido Comunista da URSS teria afirmado inclusive que se percebia um “extremismo de esquerda” no pensamento de Machel.

<sup>30</sup> Trata-se de uma compilação de textos organizada pela primeira vez em 1969, meses após a morte de Mondlane, em colaboração com sua esposa Janet Mondlane, que prefacia a edição de 1995 aqui citada.



que, conforme já demonstrado, apontavam incoerências quanto a essa questão; e o conflito com muitos *chairmens* (que Mondlane afirma agirem como “marionetes” do regime colonial), ou líderes tradicionais, que muitas vezes irão se opor ao projeto centralizado no movimento.

Assim sendo, quando chega ao poder, o discurso de Samora Machel quanto a essa questão é bastante enfático no combate ao tribalismo<sup>31</sup>, buscando então superar esses problemas através de seu esquecimento. Toda e qualquer forma de expressão da identidade étnica vai ser recusada. Sérgio Vieira, em sua biografia, afirma que: “Para a FRELIMO, o racismo, o tribalismo e o regionalismo, como dizia Samora, *combatiam-se com as mesmas armas que o colonialismo. Matar a tribo para fazer nascer a Nação [...]*” (VIEIRA, 2011, p. 285).

Era esse o segundo grande pilar do “Homem Novo” que estava sendo construído no país. Em oposição a todos os valores ditos tribais, deveriam surgir valores modernos. Em oposição às línguas locais, o português deveria ser adotado. Em oposição aos líderes tradicionais, uma nova liderança da FRELIMO deveria assumir seu papel. Um “Homem Novo” moderno, científico e engajado nos valores do marxismo-leninismo deveria tomar o lugar de todo o tribalismo existente na sociedade. A partir da independência, não deveriam mais existir diversos povos vivendo em Moçambique, apenas moçambicanos, modernos, compostos por valores do socialismo científico.

### 2.2.3. A guerra civil

Ainda em 1975, ano da independência, formou-se na Rodésia do Sul (atual Zimbabuê) a RENAMO, grupo anticomunista que tinha por objetivo combater o regime da FRELIMO. Tavuyanago (2011) afirma que existem duas diferentes interpretações sobre a formação do movimento: 1) que ele é uma criação do governo da Rodésia do Sul, que intimidado com o crescimento do socialismo na região acabou por criar essa guerrilha

---

<sup>31</sup> A opção pelo uso da expressão “tribalismo” nesta pesquisa se dá porque era essa a retórica da FRELIMO durante o período aqui trabalhado. A palavra aparece em diversos discursos de lideranças do Partido, especialmente de Samora Machel. Chichava (2008) afirma que essa expressão possui por si só um caráter negativo, indicando a exclusão daqueles que não pertencem à mesma tribo. Uma opção muito mais precisa e correta seria referir-se à diversidade de “etnias” e “etnicidades” existentes em Moçambique. A opção pelo uso de “tribalismo” se dá então por fidelidade as fontes, e refere-se sempre ao discurso oficial do período.

em sua própria proteção<sup>32</sup>; 2) que ele foi formado pelos dissidentes da FRELIMO contrários a linha que o partido seguiu.

Ambas as interpretações serão vistas como complementares nessa pesquisa. A Guerra Fria se fazia muito presente no contexto estudado, e a oposição entre capitalismo x socialismo era forte o bastante para atribuir-se um papel relevante ao regime rodesiano nessa formação. Considerando o grande apoio militar recebido pelo movimento, que possuía armamento superior a FRELIMO em muitos momentos, é evidente que existe uma participação externa muito influente na RENAMO.

Ainda assim, não se pode de modo algum descartar todo o contexto de conflitos na FRELIMO narrado anteriormente, que deixa bastante clara a existência de um grupo de ex-frelimistas com sentimento de revanche contra os dirigentes do Partido. Tanto Matsangaíssa, primeiro líder do movimento de oposição, quanto Dhlakama, seu sucessor, foram expulsos da FRELIMO em contexto já exposto. Além disso, as pautas da RENAMO são claramente as mesmas que estiveram em voga naquela disputa: eles eram antissocialistas e favoráveis a uma descentralização do poder no país, reivindicando maior autonomia aos diferentes grupos étnicos.

Em 1976 os primeiros movimentos de guerra foram realizados, além de ter sido criada na Rodésia do Sul uma rádio em português que se ocupava de fazer propaganda contra o governo da FRELIMO. É só a partir de 1977, entretanto, que as batalhas se intensificam e diversos conflitos passaram a ser registrados no território do país. Os focos de ataque da RENAMO são justamente as regiões norte e centro, onde haviam lideranças locais insatisfeitas que, progressivamente, passam a apoiar esse grupo de oposição.

Em 1979 Matsangaíssa acaba morto em batalha, e Afonso Dhlakama assume como presidente do movimento de oposição. Nesse momento também o regime vigente na Rodésia do Sul acaba sendo derrotado pela guerrilha da ZANU, que em 1980 assume o governo do país com Robert Mugabe, alterando seu nome para Zimbábue. Visto que esse movimento possuía uma grande aliança e era apoiado pela FRELIMO, a RENAMO precisou reorganizar-se com o apoio da África do Sul.

A década seguinte é marcada então por uma grande intensificação dessa guerra, que, conforme já citado, levou a uma pesada crise econômica no país. Ao longo do

---

<sup>32</sup> Assim como a Rodésia do Sul está aqui relacionada a RENAMO, e FRELIMO também apoiava o grupo ZANU, que combatia o regime racista no país. Em 1980, esse movimento vai chegar ao poder e isso vai ser visto como uma grande vitória na região por Samora Machel e seus partidários. Já a RENAMO vai passar a receber apoio principalmente da África do Sul, que naquele momento estava sob o regime do *apartheid*. Por sua vez, a FRELIMO apoiava também a ANC, movimento de oposição sul-africano.

conflito, a RENAMO ganhou apoiadores, especialmente nas áreas já citadas, enquanto a FRELIMO sempre permaneceu dominante no Sul. O conflito só irá se resolver em 1992, seis anos após a morte de Samora Machel<sup>33</sup>, quando Joaquim Chissano, seu sucessor, e Afonso Dhlakama, ainda na liderança da RENAMO, assinaram o Acordo Geral da Paz, na Itália, e o país se abre para o multipartidarismo.

Durante o período que está sendo analisado aqui, o que percebe-se é uma reação da FRELIMO aos ataques da RENAMO em duas diferentes direções: 1) uma reação militar, que parte da busca de apoio de seus países aliados, levando a uma militarização sem precedentes no país e ampliando cada vez mais as dimensões do conflito; 2) e uma reação ideológica, que busca difundir cada vez mais os valores do “Homem Novo”, já apresentados, assim como associar a RENAMO aos “Homens Velhos” do país, condenando todos aqueles “inimigos da Nação” que não correspondem ao ideal de identidade que está sendo buscado. Para a pesquisa que se está propondo aqui, essa segunda reação precisa ser melhor estudada.

#### 2.2.4. Os inimigos da Nação e o projeto de difusão do “Homem Novo”

O discurso político da FRELIMO durante o governo Samora Machel vai promover uma nova identidade nacional para Moçambique que consiste na construção de um “Homem Novo” no país que, conforme já citado, vai ao encontro dos valores socialistas e do combate ao tribalismo. Para tal, o presidente e as demais lideranças do partido passam a exaltar cada vez mais a modernidade, os valores de trabalho e a luta de classes, bem como a educação científica.

No contexto da guerra civil, os integrantes da RENAMO, constantemente chamados de “bandidos armados” por essas autoridades<sup>34</sup>, passam a ser associados ao contrário desse projeto, ou seja, tornam-se “Homens Velhos” e, por isso, inimigos da nação. Os “bandidos armados” passam a ser associados nesse discurso oficial ao tribalismo, vadiagem, obscurantismo, exploração, ao capitalismo e ao colonialismo.

---

<sup>33</sup> Em 1984, Samora Machel chegou a assinar com Peter Botha, presidente da África do Sul, o Acordo de Nkomati, que firmava que ambos os países deveriam deixar de prestar apoio aos grupos guerrilheiros de oposição do país vizinho. Apesar disso, o acordo não foi seguido e a guerra prosseguiu até 1992.

<sup>34</sup> Diversos discursos, reportagens, entrevistas e declarações do período deixam claro o constante uso da expressão “Bandidos Armados” para referir-se aos soldados da RENAMO. Um exemplo disso é a reportagem “Guerra aos bandidos em amostragem fotográfica”, publicada no jornal Notícias em 7 de julho de 1984, que noticia uma exposição fotográfica chamada “Guerra aos Bandidos Armados”, organizada pela Organização Nacional de Jornalistas.

Portanto, ser um “Homem Novo” é opor-se a esses valores e ser engajado na luta da FRELIMO, opondo-se a RENAMO.

Essa ideia passa a ser difundida em diversos meios. Um que se destaca aqui é a política educacional do país. Em discurso intitulado “Na educação só investiremos em terreno fértil” (1981)<sup>35</sup> isso fica bastante claro. Nele, afirma-se que as escolas devem ser um “centro de combate” a diversos elementos, como os vícios, os defeitos, a ignorância e o obscurantismo. Além disso, afirma que é onde deve-se viver organizado, o que significa matar o tribalismo, o regionalismo, o racismo e o tradicionalismo. E ainda afirma que uma escola que simboliza o “Homem Velho” é aquela que simboliza “o homem anticientífico”, obscurantista e medíocre.

Por outro lado, essas mesmas escolas aparecem aqui com o objetivo de promover “as ideias correctas do povo”, “o homem do amanhã”, o “homem socialista” e o “homem comunista”, uma vez que é lá que “se matam as ideias velhas e se cria a nova mentalidade”. Para isso, deve promover também a disciplina e o comportamento.

Além das escolas, outra política relativa à promoção desse “Homem Novo” em Moçambique está nos campos de reeducação, espaços rurais criados pela FRELIMO para onde todas as pessoas consideradas indesejadas na sociedade, ou seja, relacionadas aos elementos citados até aqui como próximos dos “Homens Velhos”, eram enviadas para realizar trabalho forçado (TOMAZ, 2008). Um discurso de Samora Machel sobre o campo de Nashingwea demonstram seus objetivos (MACHEL, 1985 *apud* TOMAZ, 2008):

Política e militarmente foi forjada a unidade, a partir de um pensamento comum, consciência patriótica e de classe. Entramos em Nashingwea como Macondes, Macuas, Nianjas, Nyngues, Manicas, Shanganas, Ajauas, Rongas, Senas; saímos moçambicanos. Entramos como negros, brancos, mistos, indianos; saímos moçambicanos. Quando chegamos, trazemos nossos vícios e defeitos, egoísmo, liberalismo, elitismo. Nós destruimos estes valores negativos e reacionários. Nós aprendemos a incorporar os hábitos e os comportamentos de um militante da Frelimo. Quando entramos, temos uma visão limitada, pois conhecemos apenas nossa região. Lá, aprendemos a escala do nosso país e os valores revolucionários. Chegamos supersticiosos; no confronto entre a superstição e ciência, adquirimos o ponto de vista científico. Nós éramos desorganizados, suscetíveis ao rumor e à intriga, à corrupção, incapazes de analisar e interpretar os fenômenos. Lá aprendemos a viver de forma organizada, a interpretar corretamente a realidade e a agir. Com frequência chegamos motivados só pelo ressentimento e ódio com relação ao opressor; saímos com uma clara definição do inimigo. É por isso que dizemos que Nashingwea foi o laboratório onde forjamos os moçambicanos.

---

<sup>35</sup> O discurso foi publicado ainda em 1981 em formato brochura pela própria FRELIMO, como parte da coleção *Palavras de Ordem*.

Além dessas políticas, no campo da cultura a prioridade foi também a promoção do “Homem Novo” e os ataques contra os “Homens Velhos”. Graça (2005) vai afirmar que existia uma “revolução cultural” promovida pela FRELIMO, que busca promover esses valores através de organizações da juventude, das mulheres, dos operários, dos camponeses e dos jornalistas. Sérgio Vieira (1978), no discurso já citado “O homem novo é um processo”, afirma que “uma outra dimensão importante na criação do ‘Homem Novo’ é a difusão, a propagação, a promoção e o desenvolvimento da nova cultura” (VIEIRA, 1978, p. 38).

Vai ser no âmbito da cultura – ainda que oficialmente constasse como delegada ao Ministério da Informação – que será criado o Instituto Nacional de Cinema, instituição responsável pela questão cinematográfica naquele contexto moçambicano. A produção, exibição e distribuição de filmes em Moçambique vai estar extremamente relacionada a todo esse processo de criação de um “Homem Novo” no país, estando em sintonia com todas as políticas ditas até então. Pelo papel central que ocupa nesta pesquisa, esse instituto precisa ser analisado mais detalhadamente.

### 2.3. O CINEMA E A FRELIMO

A relação entre a FRELIMO e o cinema é relevante na compreensão da política do partido como um todo. Ainda durante o período da guerra anticolonial, o movimento começa a receber e se relacionar com cineastas estrangeiros que, contrários ao colonialismo e em apoio à luta promovida no país, produzem documentários e entrevistas mostrando o ponto de vista dos guerrilheiros.

Após a independência, não é surpreendente então que a fundação do INC tenha sido uma prioridade dos governantes do país, que atribui papel claramente político à instituição. Diversas produções, entre longas-metragens de ficção, longas-metragens documentais, documentários de curta duração e cinejornais serão produzidos no período.

Foi em meio a esse contexto de produção de documentários que surgiu a ideia de criação de um cinejornal para informar a população, o *Kuxa Kanema*. É esse cinejornal que serve de fonte para a presente pesquisa, de modo que fazer uma apresentação mais detalhada desse contexto é fundamental para que se possa realizar uma análise completa.

### 2.3.1. O uso do cinema pela FRELIMO durante a guerra anticolonial

Já durante o período da guerra anticolonial, a relação entre a FRELIMO e a produção cinematográfica começa a estreitar-se. Isso se dá especialmente no âmbito da propaganda do Partido, que procura legitimar-se tanto dentro quanto fora do país. Assim sendo, filmes são produzidos como forma de demonstrar que o movimento possuía uma organização legítima, que as *zonas libertadas* estavam sendo organizadas por eles e que sua luta era, essencialmente, política e humanitária. Segundo aponta Convents (2010), a mensagem passada por esses filmes é de que a luta criada se dá pelos direitos da população africana e pela construção de uma sociedade nova. Por outro lado, eles também buscam explicitar o caos e o terror causados pelo regime colonial.

Para tal, visto que o movimento não possuía cineastas próprios, foram convidados diretores estrangeiros para realizar tal tarefa. Entre eles está, por exemplo, o iugoslavo Dragutin Popovic<sup>36</sup>, que em 1966 realiza o filme *Venceremos*, e as britânicas Margaret Dickinson e Polly Gaster, que foram convidadas pessoalmente por Eduardo Mondlane, e foram responsáveis por aprimorar tecnicamente o cinema do movimento, tendo a primeira delas produzido o documentário *Behind the Lines* (1970).

Além deles, a presença do italiano Franco Cigarini<sup>37</sup>, que filma *Dez dias com os guerrilheiros de Moçambique livre* no final dos anos 60, é destacada por Convents (2010), bem como de uma equipe holandesa não identificada que, por volta de 1970, filma a reportagem televisiva *Viva Frelimo!*. Os chineses também participaram desse processo com a produção de *O povo de Moçambique* (1970), bem como cineastas franceses, suecos e americanos<sup>38</sup>. Além disso, vai ser nesse momento então que os primeiros nativos começarão a ser treinados na técnica cinematográfica a partir do contato com esses cineastas de fora.

O filme de maior repercussão naquele tempo é *A Luta Continua* (1972), filmado pelo americano Van Lierop. Ele estreou em Nova York para mais de 2 mil e 500

---

<sup>36</sup> Segundo afirma Convents (2010), Popovic não apenas é um cineasta especialista no cinema de propaganda, como também é considerado o “cineasta da corte” do regime do presidente Tito na Iugoslávia.

<sup>37</sup> A trajetória desse diretor ganha destaque aqui pelo seu simbolismo. Além de ser italiano, ele foi parte da guerrilha de resistência contra o regime fascista em seu país durante a Segunda Guerra Mundial. Assim como ele, a FRELIMO e os demais movimentos de libertação no continente africano irão receber sobretudo voluntários, que ideologicamente se opõem aos regimes coloniais.

<sup>38</sup> Infelizmente, a maioria dos filmes desse período está indisponível atualmente. O único que pôde ser acessado para a pesquisa foi *Behind the Lines* (1970), da britânica Margaret Dickinson, que faz o que foi definido como padrão da época por Convents (2010): constrói uma narrativa que demonstra a organização da FRELIMO, legitima politicamente o movimento e negativa o regime colonial português na região.

expectadores, além de ter sido enviado para o restante do país, bem como para Europa Ocidental, Oriental, Cuba, Chile, Jamaica, Índia e Paquistão. Eles, bem como os outros filmes feitos naquele momento, servem então para legitimar internacionalmente o movimento de libertação, fazendo um apelo à comunidade internacional contra o colonialismo e em favor do movimento de independência.

Sobretudo, é nesse momento que a direção da FRELIMO tem seus primeiros contatos com a produção cinematográfica e começam a testar seu poder e diferentes usos. Anos mais tarde, com a chegada da independência, vai ser criado o Instituto Nacional de Cinema no país. A partir de novos objetivos políticos e de todo um aparelho estatal a sua disposição, esse instituto possui uma relação muito relevante com o governo de Samora Machel.

### 2.3.2. O Instituto Nacional de Cinema

José Luís Cabaço, que foi ministro da informação durante o governo Machel, afirmou em 2017, em artigo intitulado *Notas para uma Contextualização do Cinema Moçambicano*, referindo-se ao cinema praticado durante o período da guerra anticolonial, que (CABAÇO, 2017, p. 92):

A independência foi proclamada num momento em que a FRELIMO, rica dessa experiência, tinha interiorizado plenamente a importância social, política, pedagógica e estética do cinema no quadro de seu projeto de modernização da sociedade saída do colonialismo. Daqui a prioridade que foi dada à criação, logo em 1976, do INC.

Assim sendo, em 1976, conforme ele mesmo afirma, foi fundado o INC, instituição que nasce a partir da consciência da FRELIMO de que o cinema servia como excelente ferramenta de comunicação<sup>39</sup>. Além disso, segundo aponta Soranz (2014) esse modelo espelha-se na utilização do cinema pela URSS e também por Cuba<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup> Conforme demonstra Kenez (1992), o uso do cinema pelo Estado nos países socialistas se dá desde o período da Revolução Russa. Lênin teria declarado em 1922 que “no nosso país nós temos a reputação de sermos protetores das artes. Então, nós devemos lembrar firmemente, para nós a mais importante das artes é o cinema” (LÊNIN, 1922 *apud* KENEZ, 1992, p. 29, tradução nossa). Além disso, em Moçambique o acesso ao cinema e até mesmo a fotografia ainda era muito restrito no período da independência, de modo que existia um entendimento por parte dos dirigentes políticos de que o uso de imagem seria muito atrativo para aquelas populações.

<sup>40</sup> Segundo percebe-se em Lawton (1992), o controle mais forte do cinema pelo Estado na URSS se deu durante o período de Stalin (1922 – 1953), marcado por um tipo de estética chamada “Realismo Soviético” e pelos objetivos de construção de um “Homem Novo Soviético” no país. Já em Cuba, segundo Villaça (2006), o Instituto Cubano del Arte y Industria Cinematográficos (ICAIC) vai possuir um modelo mais “fechado” de produção justamente ao longo da década de 1970, simultaneamente à criação do INC em

O cinema passa a ter então, segundo o autor, o papel de divulgar o governo de orientação marxista, difundindo os ideais revolucionários. Além disso, ele teria também um papel educativo, especialmente no combate ao analfabetismo em língua portuguesa. Para tal, toda a indústria cinematográfica do país vai ser nacionalizada, desde a produção, até a distribuição e exibição de filmes. Esse processo fica claro na descrição feita por Convents (2010) que demonstra que os filmes vindos de fora, como por exemplo os filmes de *Kung Fu* indianos, que faziam muito sucesso em Moçambique naquele momento, serão proibidos através de um controle político que passa a existir nas salas de cinema. Todos os filmes vistos como contrários ao ideal do “Homem Novo” passaram por esse tipo de restrição.

No lugar deles, produções consideradas mais “adequadas” começam a ser exibidas, como filmes soviéticos, filmes que denunciavam o fascismo ou o imperialismo – que acusavam o governo de Pinochet no Chile, por exemplo –, filmes italianos que denunciavam a sociedade burguesa, filmes brasileiros do movimento chamado *Cinema Novo*<sup>41</sup>, que tinha entre seus principais nomes o moçambicano Ruy Guerra, que vivia no Brasil, entre outros filmes que foram considerados alinhados aos ideais do “Homem Novo” pelas autoridades da época.

Schefer (2012), ao abordar a produção cinematográfica desse período, demonstra que além do papel de reforçar o caráter marxista do regime, os filmes realizados pelo INC tinham a proposta de “consolidação da própria identidade moçambicana, fundada, por conseguinte, a ideia imaginária de nação unitária mais além da diversidade étnica” (SCHEFER, 2012, p. 269).

Para tal, grande esforço vai ser empregado nesse processo. Primeiramente, segundo afirma Patraquim (2012)<sup>42</sup>, mais um partidário da FRELIMO que participa dos quadros do INC, sua importância fica clara ao perceber-se que o Instituto não respondia

---

Moçambique. Assim sendo, apesar do modelo de cinema praticado em ambos os casos servir de modelo ao caso moçambicano, vai ser a instituição cubana que realizará mais intercâmbios com o INC, participando desde a formação de cineastas moçambicanos até o envio de diretor renomados ao país africano.

<sup>41</sup> O movimento chamado “Cinema Novo” aconteceu no Brasil durante as décadas de 1960 e 1970, e, segundo aponta Simonard (2006), consistia em um grupo de cineastas e intelectuais brasileiros que compartilhavam uma cultura política no período. Apesar de não se tratar de um grupo homogêneo, eles compartilhavam a preocupação social e a crítica com teor político-cultural como temáticas de suas produções, além de rechaçarem a narrativa cinematográfica clássica estadunidense. *Vidas Secas* (1963), de Nelson Pereira dos Santos e *Os Fuzis* (1964), de Ruy Guerra são alguns dos filmes de maior repercussão desse movimento.

<sup>42</sup> Tanto o texto de 2012 quanto o de 2013 citados aqui de Patraquim tratam-se de dois pequenos livros que acompanham os DVDs da coleção *O Mundo em Imagens*, onde estão publicados os programas do *Kuxa Kanema* aqui trabalhados.



ao Ministério da Cultura, como acontecia com outras instituições semelhantes, mas sim ao Ministério da Informação. Além disso, a divulgação de sua produção era tratada como fundamental, uma vez que um automóvel com retroprojektor, chamado de *Cinema Movel*, passou a viajar todo o país para realizar exposições dessa produção, até em lugares muito remotos e em zonas que estava acontecendo a guerra civil, segundo Convents (2010). Eles contavam com cerca de 35 veículos.

Não é à toa então que o INC tenha ganhado tanta importância, tornando-se aquilo que Watkins (1995) define como o mais poderoso centro de engajamento político da África. Seus filmes serviam aos ideais políticos do período, e os dirigentes da FRELIMO entendiam o cinema como uma arma ideológica fundamental, que tinha a capacidade de mobilizar o povo através de uma narrativa que exaltasse os “valores novos” e hostilizasse aqueles “valores velhos”. Isso vai atrair algumas autoridades do cinema internacional.

### 2.3.3. Os cineastas estrangeiros e a produção do INC

O INC teve como um de seus papéis a formação de uma nova geração de cineastas em Moçambique. Alguns dos diretores de renome no país nas décadas posteriores à independência, e até os dias atuais, como os moçambicanos Sol de Carvalho, Camilo de Sousa, Isabel Noronha e Orlando Mesquita e o brasileiro Licínio Azevedo tiveram seus primeiros trabalhos como cineastas no INC durante o governo de Samora Machel. Isso se deu como parte da proposta do Instituto que, na falta de quadros preparados para chefiar a prioritária produção cinematográfica do país, cooptou diretores de renome internacional para ocupar esse papel, e a partir disso formar essa nova geração.

Entre os principais nomes que fizeram parte desse processo está Ruy Guerra. Ao contrário dos outros diretores que serão citados posteriormente, ele trata-se de um moçambicano. Entretanto, ainda na juventude, saiu de seu país de origem e consolidou sua carreira como cineasta no Brasil, onde tornou-se uma referência do movimento do *Cinema Novo*, já citado aqui. Segundo aponta o documentário *Kuxa Kanema – O nascimento do Cinema* (2003), dirigido por Margarida Cardoso, ele foi convidado pela FRELIMO justamente a ocupar um papel de liderança na instituição, que visava naquele ponto criar uma estrutura de produção que ainda era muito incipiente no país. Foi ele o responsável por dirigir aquele que ficou conhecido como o primeiro longa-metragem do

instituto moçambicano: *Mueda: memoria e massacre* (1979), que, através de uma mistura entre documentário e ficção, relata o massacre de Mueda no país<sup>43</sup>.

Soranz (2014) aponta que a perspectiva de Guerra acabou entrando em conflito com as duas outras experiências de maior notoriedade do INC: a criação de um canal televisivo proposta por Jean-Luc Godard<sup>44</sup>; e o projeto de formação de realizadores baseados em câmeras Super 8mm<sup>45</sup> de Jean Rouch<sup>46</sup>.

O primeiro realizou um estudo que tinha por objetivo implementar a TV em Moçambique, uma vez que “para Godard essa era a oportunidade de explorar um terreno fértil, explorando novas formas narrativas, aproveitando-se que o país ainda não tinha contato prévio com a televisão, não estando colonizado pelos conteúdos típicos das redes transmissoras” (SORANZ, 2014, p. 156). Após assinar contrato de dois anos, entretanto, diversos problemas começaram a atrapalhar essa proposta. Primeiramente, Godard não falava português e, visto que propunha uma participação da população na estruturação do projeto, essa dificuldade tornava-se muito relevante. Além disso, a questão técnica também era um desafio devido às condições precárias do país, que já começava a sofrer com a guerra civil. Assim sendo, Diawara (1992) aponta que Ruy Guerra considerou aquele projeto muito caro e pouco produtivo, e decidiu encerrá-lo sem que de fato saísse do papel.

Já Jean Rouch teve uma desavença mais técnica com Guerra. Seu projeto em Moçambique esteve relacionado à formação de cineastas a partir de práticas experimentais com o uso de câmeras Super 8. Isso se deu no âmbito de cooperação entre a França e Moçambique, e o diretor francês possuía o entendimento que com esse tipo de equipamento seria possível uma produção mais fácil de filme em locais com menos infraestrutura, como Moçambique. Com essa proposta, Diawara (1992) afirma que junto a um grupo de moçambicanos foram produzidos vários filmes de curta duração. Ruy

---

<sup>43</sup> O massacre de Mueda aconteceu em 16 de julho 1960 no atual distrito de Mueda, em Moçambique. Naquela data ocorreu uma reunião entre uma população insatisfeita e o governo colonial português que, por motivo que não está claro, abriu fogo contra os moçambicanos, causando um número indefinido de mortes e aumentando a insatisfação contra o regime.

<sup>44</sup> É um cineasta franco-suíço que, além de militante marxista-leninista, foi um dos principais nomes do movimento conhecido como *Nouvelle Vague* na França, que se propunha a transgredir as convenções do cinema comercial e a abordar novas temáticas em seus filmes, relacionadas à vida durante a conturbada década de 1960.

<sup>45</sup> Super 8mm é um formato cinematográfico desenvolvido nos anos 1960 e que se propunha prática ao cinema amador devido a fácil portabilidade das suas câmeras. Foi muito utilizado no período aqui trabalhado por cineastas experimentais.

<sup>46</sup> Jean Rouch foi um cineasta francês que vai teorizar a técnica do chamado Cinema Direto, que se propõem a realizar documentários retratando a verdade tal qual ela é, sem grandes intervenções do diretor.

Guerra, entretanto, questionou a viabilidade econômica daquela proposta, sendo favorável ao uso de formatos mais clássicos de filmagem. Foi ele também o responsável por encerrar a passagem de Rouch pelo país.

Além deles, diversos outros cineastas estrangeiros estiveram em Moçambique. O brasileiro José Celso Martinez Correa, consagrado como teatrólogo no Brasil, esteve lá para dirigir *25* (1977). O Cubano Santiago Álvarez, documentarista cubano de renome, vai dirigir *Maputo, meridiano novo* (1976) e *Nova Sinfonia* (1982) em Moçambique. O brasileiro Murilo Salles realizou o documentário *Estas São as Armas* (1978). Essa leva de diretores vai ser responsável por criar uma espécie de tradição documental no INC. Patraquim, um dos moçambicanos envolvidos no projeto do *Kuxa Kanema* afirma que (PATRAQUIM, 2009 *apud* CONVENTS, 2010, p. 435):

Isto pode parecer pretencioso, mas Moçambique foi à época uma espécie de Meca do cinema para os cineastas de esquerda e foi aí parar muita gente essencial: o Godard, o Jean Rouch, o Santiago Álvarez, o Ruy Guerra. Nós desatámos numa produção desenfreada de documentários, registrando tudo o que estava a acontecer em 35mm, película Orwo, da RDA, vinda diretamente dos estúdios onde o Fritz Lang fizera os seus filmes... foi uma festa.

Além disso, outro processo que ganha destaque, presente no documentário de Margarida Cardoso (2003) é a produção do filme *O Tempo dos Leopardos* (1985), considerado o primeiro longa-metragem de ficção do país. É um filme que retrata a guerra anticolonial e foi produzido em parceria com o governo da Iugoslávia, tendo sido dirigido por Zdravko Velimirović. Os cineastas do INC destacam, entretanto, desavenças existentes entre a narrativa proposta pelos europeus àquela proposta pelos moçambicanos, demonstrando que essas relações nem sempre foram completamente amistosas.

A produção nesse período foi bastante intensa em Moçambique. Watkins (1995) destaca que além de 359 edições semanais do cinejornal *Kuxa Kanema*, foram produzidos 119 documentários de curta duração e 13 documentários de longa-metragem, além das produções de ficção que não são citadas pelo autor. Com a morte de Samora Machel, em 1986, o projeto político do país se alterou, e com ele o INC foi deixado de lado (SORANZ, 2014, p. 1962):

Em 1986, o presidente Samora Machel morre em um acidente aéreo, o que modifica radicalmente os rumos da política no país e, conseqüentemente, o futuro do Instituto Nacional de Cinema, que deixa de ser prioridade para o novo governo. Em 1991, a sede do Instituto passa por um incêndio, que destrói suas estruturas operacionais, equipamentos e praticamente acaba com seu acervo fílmico, comprometendo seriamente as atividades cinematográficas no país.

Foi durante o período em que o Instituto estava no seu auge de produção, recebendo algumas das figuras mais ilustres do cinema internacional no período, entretanto, que surgiu o projeto do cinejornal *Kuxa Kanema*. Esse foi, segundo aponta Arenas (2012), considerado pelos críticos de cinema a tentativa mais bem-sucedida de criar um cinema que atendesse aos interesses da população africana. Uma análise da narrativa proposta por ele então se mostra muito significativa no entendimento da realidade política e cultural do governo Machel.

### 3. *KUXA KANEMA* – 1978-1979, A PRIMEIRA FASE: PLANIFICANDO REALIDADES

#### 3.1. O NASCIMENTO DO *KUXA KANEMA*

A análise do cinejornal *Kuxa Kanema* remete necessariamente aos anos de 1978-1979, quando foram exibidos os episódios da chamada “primeira fase” do programa. Luis Carlos Patraquim<sup>47</sup> atribuiu a ideia de se produzir um programa de atualidades em Moçambique ao brasileiro José Celso Martinez Correa<sup>48</sup> (CONVENTS, 2011). A partir dessa ideia, o cinema produzido pelo ICAIC foi novamente uma referência. Cabaço afirmou que “o KK partiu do seguinte conceito: ‘temos que fazer um jornal de atualidades revolucionário? É o Santiago Álvarez<sup>49</sup> em Cuba. Portanto, vamos ver os seus documentários, apanhar a técnica e fazer KK inspirado no seu trabalho.’” (PATRAQUIM, 1981, *apud* VIEIRA, 2015, p. 73).

Assim, o *Kuxa Kanema* passou a ser idealizado. A escolha de seu nome é apontada pelo próprio Patraquim (2013) como a junção do termo ronga/changane “*Kuxa*”, que significa nascer, com o termo local, nortenho e zambeziano “*Kanemo*”, que significa cinema. Assim, seu significado é “o nascimento do cinema”, e já nele percebe-se uma proposta de unidade nacional<sup>50</sup> que se estende do sul ao norte do país, relacionando-se

---

<sup>47</sup> É um poeta, roteirista e jornalista moçambicano que compôs os quadros do INC entre 1977 e 1986, sendo um dos idealizadores do *Kuxa Kanema* e o roteirista do programa em sua primeira fase. Trabalhou também no jornal A Tribuna no país, e foi um dos fundadores da Agência de Informação de Moçambique, dirigida pelo renomado escritor Mia Couto.

<sup>48</sup> Conhecido também como Zé Celso, é uma referência do teatro brasileiro. Foi um dos fundadores da companhia de teatro Teatro Oficina em 1958, que pode ser considerada um dos ícones culturais do Brasil na década de 1960, ao lado de movimentos como a *Tropicália* e o *Cinema Novo*. A principal influência de sua obra está no chamado *Movimento Antropofágico*. Fez parte da leva de estrangeiros que foi para Moçambique após a independência para compor os quadros do INC, tendo dirigido o documentário 25 (1977) durante sua passagem.

<sup>49</sup> O cubano Santiago Álvarez (1919-1998) foi um cineasta que ganhou notoriedade devido a originalidade de seus documentários, destacados pelo rigor de sua montagem. Foi o fundador e idealizador do cinejornal Noticiero ICAIC Latino-Americano e também teórico do chamado “cinema urgente”, que Hennebelle (1978) definiu como “uma espécie de cinema jornalístico que saberia dar uma permanência exemplar à atualidade” (HENNEBELLE, 1978, p. 129). A imagem de Fidel Castro ainda merece destaque ao falar-se de Santiago Álvarez, uma vez que “Álvarez declara que se inspirou nos discursos de Fidel Castro, que admira por sua amabilidade, sua clareza, sua expressividade e seu didatismo” (*ibid.*, 1978, p. 129).

<sup>50</sup> É perceptível aqui que, apesar de alegar uma “unidade nacional”, o nome do programa de notícias conta com uma expressão do Norte e outra do Sul do país, mas nenhuma do centro. Considerando que nesse momento a RENAMO já havia se formado e começado a angariar apoio especialmente na região central, que fazia fronteira com a Rodésia do Sul, onde o movimento estava organizado, torna-se significativo que essa região tenha sido excluída dessa nação moçambicana promovida pelo cinejornal.

com o lema muito proferido no período “do Rovuma a Maputo”. O autor afirma que (PATRAQUIM, 2013, p. 9):

Reunia a ideia que animava o INC inicial, a de fazer nascer o Cinema Moçambicano; porque se impunha pela sua sonoridade e combinação feliz; porque até na sua notação gráfica se relevava expressiva; porque não agredia nem se impunha na complexidade do mapa linguístico do país, não privilegiando nenhum dos seus grupos.

A proposta de criação do cinejornal foi então redigida pelo próprio Patraquim e aprovada pelo ministro da informação no período, Jorge Rebelo<sup>51</sup>. Nesta fase, o programa teve Fernando Silva<sup>52</sup> como líder, operando a câmara e fazendo a montagem junto a Ismael Vuvu. Patraquim e Graça Felner ficaram responsáveis pela escrita dos roteiros, e João Costa (Funcho) e José João aparecem como colaboradores. Nesse momento, a periodicidade do mesmo se propunha mensal<sup>53</sup> e foram produzidos dez episódios<sup>54</sup> com cerca de 20 minutos cada um, sendo reproduzidos tanto nas salas de cinema quanto no cinema móvel. É de se destacar, entretanto, que tecnicamente esse cinema ainda se mostra bastante prejudicado, visto as condições ainda muito embrionárias do cinema no país. Assim sendo, em 1979, devido as dificuldades de produção existentes no contexto e a ineficácia do trabalho até então realizado, a produção acaba sendo deixada de lado, encerrando-se assim essa primeira fase.

Pensando nos objetivos do programa em sua criação, Diawara (1992) indica que a proposta com o *Kuxa Kanema* seria criar um novo tipo de cinema que refletisse a realidade em Moçambique e fosse uma ferramenta de liberdade que fizesse o povo se questionar sobre si mesmo e sobre o mundo. Além disso, forneceu ao INC a experiência de como desenvolver uma indústria de cinema mesmo nos países mais pobres. Em complemento a isso, Watkins (1995) afirma que o projeto visava atender determinadas

---

<sup>51</sup> Poeta, advogado e jornalista, Jorge Rebelo é considerado o poeta da revolução moçambicana. Foi secretário da informação e secretário do trabalho ideológico da FRELIMO durante o governo Samora.

<sup>52</sup> Além da primeira fase do *Kuxa Kanema*, Fernando Silva foi também diretor do documentário *Um Ano de Independência* (1976), apontado como o primeiro documentário longa-metragem produzido pelo INC.

<sup>53</sup> A falta de regularidade nessa periodicidade é criticada em matéria da Revista Tempo de 1981 assinada por Alves Gomes. Além disso, critica-se a incoerência técnica e falta de conteúdo existentes na primeira fase do programa. Assim, apesar de ser apontado como mensal, na prática era produzido esporadicamente.

<sup>54</sup> Patraquim (2013) refere-se a apenas nove episódios que teriam sido produzidos. Entretanto, na amostragem que é analisada aqui, os programas estão numerados até o número 10. Essa discrepância pode estar relacionada ao fato de que o episódio enumerado como “03” nessa sequência ser, em sua totalidade, relacionado ao “Festival de Dança Popular” de Moçambique, tendo um formato que difere um pouco dos demais. Assim sendo, acredita-se que ele foi um “episódio especial”, que não entra na contagem oficial do roteirista. Para todos os efeitos, por se tratar de uma produção no âmbito da primeira fase e contar com o selo do *Kuxa Kanema*, será visto aqui como parte da amostragem.

necessidades da população por informações, além de ser o primeiro passo no treino técnico dos profissionais do instituto. Bamba (2011), por sua vez, afirma que a ideia estava relacionada a lógica de capturar imagens do povo e devolvê-la ao povo, além de servir ao objetivo de criar uma nação.

A relação desse projeto com a construção nacional do país é destacada também no texto de Araújo (2014), que afirma que a máxima aqui era provar que a nação estava acima de qualquer outra divisão que pudesse existir em Moçambique. Assim, o principal objetivo seria mostrar o povo unido e contribuindo para a construção de um novo país. Já Vieira (2015) afirma que os objetivos eram informar, educar e mobilizar, de modo que o *Kuxa Kanema* se tornasse uma arma política pela unificação e estruturação de um país com várias etnias. Mais que isso, a autora ainda afirma que “o presidente Samora Machel foi uma figura central neste processo e os seus discursos apaixonados chegaram às províncias através de seis carrinhas de cinema móvel, equipadas com projetores” (VIEIRA, 2015, p. 76).

Por fim, pode-se concluir então que o *Kuxa Kanema* foi criado com os objetivos de informar a população, educar e ajudar no objetivo de construir uma nação, unificando o povo. Além disso, pode-se afirmar que Samora Machel era uma das suas principais figuras. Resta agora a análise de sua imagem nesse programa como forma de compreender como se deu a construção nacional em torno da sua imagem através dos cinejornais.

### 3.2. O CULTO NA SAMORA MACHEL NA PRIMEIRA FASE DO *KUXA KANEMA*

Primeiramente é fundamental abordar alguns dados da presente análise. Estão acessíveis através do primeiro DVD da coleção *O Mundo em Imagens* sete entre os dez episódios que foram produzidos na primeira fase do cinejornal, os quais serão aqui analisados em relação à imagem de Samora Machel. Esses sete episódios totalizam cerca de 114 minutos de filmagens, nos quais Samora é representado em sete reportagens<sup>55</sup>, as quais totalizam cerca de 45 minutos nas telas. Ou seja, o líder moçambicano está presente em cerca de 40% das imagens. Os programas dessa primeira fase não estão datados, havendo apenas um ordenamento no DVD acessado (que inclui os episódios 02, 03, 04, 07, 08, 09 e 10).

---

<sup>55</sup> Apesar de em média Samora Machel aparecer uma vez por episódio, é importante citar que em alguns programas ele aparece mais de uma vez, e em outros não é mostrado. Dessa forma, entende-se que apesar dele ser uma presença privilegiada nos programas, não era uma regra sua aparição.

Se impõem aqui o apontamento de alguns aspectos mais gerais dos ditos programas, que são fundamentais em um momento prévio. Alguns elementos clássicos do cinema de propaganda, apontados por Furhammar e Isaksson (1976) se fazem presentes: esse cinema não se baseia apenas na retórica, mas também em seus equivalentes visuais; a câmera impõe uma determinada visão para a plateia; símbolos visuais são destacados; uma carga emocional se apresenta nas representações. Como exemplo a isso os autores destacam que “no cinema soviético a bandeira se torna um elemento poderoso para o fervor revolucionário – mas o povo que a carrega é mais importante que seu simbolismo” (FURHAMMAR; ISAKSSON, 1976, p. 158). Assim, destacar-se-ão alguns pontos relativos a isso nas reportagens que serão examinadas.

Ao analisar o culto à personalidade, os autores afirmaram que “uma demonstração da naturalidade do ídolo, e mesmo de sua qualidade de ser comum, torna-se uma parte importante da apoteose; ele pode ser qualquer um, mas ao mesmo tempo é algo mais” (*ibid*, 1976, p. 160). Assim sendo, apresenta-se de modo geral Samora Machel nos programas como uma pessoa sorridente e amistosa, com quem o público pode facilmente se identificar. Nesses momentos, normalmente as filmagens acontecem em primeiro plano<sup>56</sup> ou meio primeiro plano<sup>57</sup>, aproximando-o do público, recorrendo eventualmente ao uso de Close-Ups<sup>58</sup>. Em outros momentos, entretanto, ele aparece firme e determinado, visivelmente capaz de conduzir a nação. Neles, usa-se o ângulo de câmera contraplongée<sup>59</sup>, exaltando sua figura, colocando-o acima do público. Ainda assim, isso é feito de maneira sutil, de modo que sua característica popular não se faz ausente em momento algum.

Outros dois elementos que são bastante simbólicos e aparecem de maneira subjetiva nessas imagens são a presença do povo moçambicano e do exército de Moçambique. Quanto ao povo, fica clara a imagem de uma adesão popular ao regime. O mesmo é sempre filmado de maneira mobilizada, utilizando-se de diversos símbolos como bandeiras com o rosto de Samora Machel e faixas com imagens que remetem ao nacionalismo e ao socialismo. Na representação dessa população, normalmente, o ângulo de câmera é normal<sup>60</sup>, com plano fechado, de modo a colocar o público em pé de

---

<sup>56</sup> Trata-se de um plano fechado que filma a figura humana do peito para cima.

<sup>57</sup> Trata-se de um plano fechado que filma a figura humana da cintura para cima.

<sup>58</sup> É um tipo de plano no cinema que se caracteriza pelo enquadramento fechado, detalhando algum objeto ou parte do corpo da pessoa filmada.

<sup>59</sup> É um ângulo de câmera a partir de baixo, de modo que engrandece o objeto ou pessoa filmados.

<sup>60</sup> O ângulo de câmera normal é aquele em que a mesma está na mesma altura que uma pessoa.



igualdade com o espectador. Em outros momentos, entretanto, percebe-se a utilização de planos mais abertos, de modo a exaltar as massas populares, de modo que a mesma pareça ser um corpo só, unido em favor de uma causa em comum. Visto que se está abordando um país socialista, assim como a União Soviética, fica claro que o exemplo citado por Furhammar e Isaksson (1976) se aplica aqui.

Já o exército é mostrado sempre de maneira bastante organizada, em posição de formação e saudando ao líder, normalmente em ângulo de câmera plongée<sup>61</sup>. Nesse sentido, uma noção de hierarquia social se faz bastante presente, de modo que se torna clara uma narrativa que coloca Samora Machel como uma liderança que conduz a uma união nacional em combate contra seus inimigos. Sobre isso é importante destacar o papel do cinema perante o estado de guerra. Nesse sentido, Virilio (2005) já aponta que não existe guerra sem mistificação. As armas são não apenas instrumentos de destruição, mas também de percepção.

Assim sendo, é notável que diversos filmes tanto documentais quanto de ficção tenham sido utilizados durante o século por países nessa condição, seja na exaltação de seu exército, na representação do inimigo como um vilão, na defesa ideológica de suas causas ou na demonstração de seus soldados como verdadeiros guerreiros com bravura inquestionável<sup>62</sup>. Entende-se que é isso que se está fazendo nesses episódios do *Kuxa Kanema*: Samora Machel é apontado como um líder, perante um povo mobilizado e um exército submisso a suas palavras, enquanto os inimigos são sempre citados com expressões como “racistas”, “imperialistas” ou “colonialistas”. O cinema aqui está claramente demarcando quem são os heróis, quem são os vilões e quem vencerá a guerra.

A amostragem disponível possui essas características, de maneira geral. Duas temáticas principais são associadas a imagem dele nessa amostragem: a questão internacional e as políticas de seu governo. É a partir delas que se propõem uma análise detalhada das reportagens, de modo a identificar mais claramente os diferentes elementos do cinema de propaganda e a forma que se dá o culto ao líder presente nesses programas.

---

<sup>61</sup> É o contrário da contra-plongée, ou seja, um ângulo de câmera que filma a partir de cima, diminuindo o objeto ou pessoa filmado.

<sup>62</sup> Diversos exemplos quanto a isso podem ser citados. Na Alemanha Nazista temos *Triunfo da Vontade* (1935), na União Soviética *Moça nº 217* (1945), nos Estados Unidos *O Grande Ditador* (1940), e em Moçambique além das reportagens do *Kuxa Kanema* pode se citar, por exemplo, o filme *O Tempo dos Leopardos* (1985) repleto de elementos relativos a isso.

### 3.3. A QUESTÃO INTERNACIONAL

A temática que mais se faz presente entre as duas principais destacadas aqui é a questão internacional. Durante os sete episódios de *Kuxa Kanema* analisados, quatro líderes de estados estrangeiros visitaram Moçambique e foram recebidos por Samora Machel, tomando cerca de 35 minutos das gravações. Foram eles: o vice-presidente da República Popular Democrática da Coreia, Pak Song-chol, o presidente da República Popular de Angola, Agostinho Neto, o secretário-geral da República Democrática Alemã, Erich Honecker, e o presidente do Conselho de Estado da República Popular da Bulgária, Todor Jivkov.

Entre eles, uma primeira questão se destaca: tratam-se de países socialistas aliados ao chamado “bloco soviético”<sup>63</sup>. Assim sendo, fica clara uma adesão moçambicana a esse grupo de países através do cinema. Ao se olhar especificamente para a imagem de Samora Machel nesses eventos, fica evidente um caráter amistoso que se está buscando em relação a eles. O presidente moçambicano é sempre enquadrado sorrindo e dando fraternos abraços nos visitantes.

Os discursos tanto de Machel quanto dos líderes visitantes aparecem ratificando essa relação de proximidade entre os países e seu internacionalismo. Sempre existem promessas de grande apoio mútuo e palavras de elogio de um em relação ao outro, celebrando as glórias do passado e as grandes qualidades do presente. Além disso, é comum aqui palavras de união e mobilização no combate a determinados inimigos externos, constantemente apontados como “imperialistas” e “colonialistas”.

Os símbolos presentes seguem o padrão anteriormente apontado: o exército alinhado, sempre saudando tanto Samora Machel quanto os líderes dos “países amigos”, aparece em contraste com as imagens do povo moçambicano, que recebe esses visitantes calorosamente, exibindo uma série de símbolos que exaltam Machel, o socialismo e seus aliados.

---

<sup>63</sup> Entende-se aqui por bloco soviético, ou bloco socialista, o grupo de países aliados a União Soviética naquele período. Moçambique, apesar de oficialmente compor o movimento dos países não-alinhados, e nunca ter se tornado membro do COMECON, é um país muitas vezes apontado como parte do bloco, visto que se autodeclarava marxista-leninista e contava com uma série de apoios econômicos, técnicos e militares dos países desse bloco.

### 3.3.1. O distante Leste Asiático

A única aparição de um país asiático nos episódios analisados do *Kuxa Kanema* é também a mais discreta das visitas citadas, tratando-se do vice-presidente da República Popular Democrática da Coreia, Pak Song-chol. Sobre esse país, Geiger (2018) afirma que a revolução socialista se deu com base na guerrilha de resistência à dominação japonesa no país durante a Segunda Guerra Mundial. A forte presença soviética na região, agindo no confronto contra os japoneses, influenciou ideologicamente esses movimentos, levando à adoção do socialismo.

Cabe citar aqui que, além dos soviéticos, os Estados Unidos também possuíam forte presença na região durante esse período. Assim sendo, esse complexo jogo de interesses geopolíticos na Coreia levou a um conflito que acabou por dividir o país em dois em 1948: a República Popular Democrática da Coreia (Coreia do Norte), apoiada pelos soviéticos; e a República da Coreia (Coreia do Sul), apoiada pelos Estados Unidos<sup>64</sup>.

Entre as características do governo socialista da Coreia do Norte, destaca-se que desde então o país está em constante militarização, seguindo o lema de “armar toda a sociedade e transformar todo o país em uma fortaleza” (CUMINGS, 2004, p. 1 *apud* VISENTINI, 2013, p. 138). Além disso, destaca-se também um culto à personalidade<sup>65</sup> do líder apontado pelo autor, relacionado à unidade em torno do regime e a um nacionalismo extremado e altamente doutrinário.

Pak Song-chol, por sua vez, foi ministro no país entre 1959 e 1970, premier entre 1976 e 1977 e vice-presidente entre 1977 e 1997. Foi o único dos casos analisado em que a visita em questão não se trata do chefe maior de Estado do país, visto que esse cargo era ocupado no período por Kim Il-sung<sup>66</sup>. A reportagem relativa a ele possui apenas 1 minuto e 57 segundos de duração.

---

<sup>64</sup> Em 1953, os países assinaram um acordo de armistício, cessando as agressões mútuas. O estado de Guerra entre eles, entretanto, permaneceu em vigor até 2018, quando assinalaram uma reaproximação que ainda está sendo negociada atualmente.

<sup>65</sup> Quanto a esse culto à personalidade, cabe destacar aqui que Sérgio Vieira aponta essa característica no governo coreano, mas demonstra que Samora Machel acabava por repetir esse personalismo, uma vez que “queriam-nos impor, no comunicado conjunto e no *Tratado de Amizade*, uma série de parágrafos que estipulavam que Moçambique, a FRELIMO e todo o nosso povo, adoravam Kim Il Sung, as ideias do *Juche* etc. Conseguimos tornar a questão quando exigimos, em nome da reciprocidade, parágrafos idênticos mencionando o Presidente Samora e as teses da FRELIMO” (VIEIRA, 2013, p. 626).

<sup>66</sup> Um indicativo da relação de proximidade entre os países nesse período é que Kim Il-Sung tornou-se nome de avenida em Maputo. Nesse sentido, a avenida assume um papel de lugar de memória, definido por Nora (1993), e possui um papel de memorização altamente relacionado com projetos de identidade. No caso moçambicano, é fundamental ter em vista o projeto de Identidade Nacional que estava sendo posto em prática ao refletir sobre essas políticas.

Primeiramente, cabe citar aqui que as relações entre Moçambique e Coreia foram bastante amistosas já desde a guerra anticolonial do país africano. A revista moçambicana Tempo noticiou ainda em 1975<sup>67</sup> a chegada de médicos e professores coreanos ao país, em um gesto de cooperação. Além disso, diversas visitas e declarações de amizade entre os dois países são verificáveis ao longo do tempo<sup>68</sup>. A visita aqui referida deu-se em 20 de fevereiro de 1978, conforme noticiou novamente a revista<sup>69</sup>.

Na primeira cena, observa-se que ele é recebido em Moçambique por Marcelino dos Santos<sup>70</sup> no aeroporto, destacando-se como o único dos casos nessa primeira fase em que não é Samora Machel que realiza tal recepção. Enquanto ele é filmado saindo do avião em Moçambique, a locução afirma que é a visita de “um amigo do povo moçambicano para uma estadia de cinco dias no país” (*KUXA KANEMA* 02, 00:10 – 00:15). Enquanto isso, as imagens intercalam-se entre a recepção amistosa do político moçambicano com imagens do exército (figura 4), que realiza uma série de solenidades em sua homenagem.

---

<sup>67</sup> “Cooperação Coreana”, Revista Tempo n. 173, 28 de dezembro de 1975.

<sup>68</sup> Cabe citar que o jornal “Notícias”, de Maputo, noticiou entre os dias 22 e 25 de fevereiro de 1982 uma nova visita do vice-presidente norte coreano ao país. Os assuntos tratados nessa visita foram, segundo afirmou o jornal, a cooperação entre os dois países bem como a “apreciação da situação política internacional no âmbito da frente anti-imperialista” (NOTÍCIAS, 1982, n.p.). Assim sendo, fica clara uma continuidade nas relações com o país, não apenas devido as repetidas visitas de suas autoridades a Moçambique, como também devido aos assuntos enfatizados nesses encontros. Além disso, o jornal noticiou também a visita de Pak-Song Chol ao complexo agroindustrial do Limpopo, que buscava apoio norte-coreano na recuperação econômica do lugar, e a machamba “3 de fevereiro”, onde verificou o trabalho realizado e desejou aos trabalhadores “sucesso e perspectivas auspiciosas na construção do socialismo em curso” (*ibid*, 1982, n.p.). Essa notícia é relevante uma vez que demonstra o tipo de cooperação que as autoridades moçambicanas pretendem a partir da relação com esse país.

<sup>69</sup> “Vice-presidente da Coreia em Moçambique”, Revista Tempo n. 386, 26 de fevereiro de 1978.

<sup>70</sup> Marcelino dos Santos é uma das principais lideranças da FRELIMO no período trabalhado. Foi membro fundador do movimento e um dos seus vice-presidentes. Após a independência, foi Ministro da Planificação e Desenvolvimento. A partir de 1977, tornou-se o presidente da recém fundada Assembleia Popular, onde permaneceu até 1994.

**Figura 4 - Exército moçambicano alinhado na recepção a Pak Song-Chol em Moçambique.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Na sequência, a locução afirma que “esse país socialista da Ásia apoia-nos nessa fase da reconstrução nacional como fez na luta armada” (*KUXA KANEMA* 02, 00:33 – 00:38). Imagens dele sendo recebido com colares de flores e sendo beijado por crianças moçambicanas, e de músicas e danças tradicionais em sua recepção são reproduzidas nesse momento. Quanto a isso, pode-se destacar então uma política de memória<sup>71</sup> que se estabelece, relacionando essa amizade com o país a tempos anteriores. A luta armada é um mito fundador<sup>72</sup> da nação moçambicana, então afirmar que a Coreia do Norte apoiava essa luta é uma forma de estabelecer um elo entre os países.

No momento seguinte, a reportagem dá espaço para o povo moçambicano. Imagens de um grande grupo de pessoas à espera do visitante estrangeiro, com números de música e dança são reproduzidas. Faixas com o rosto de Samora Machel são visíveis em meio a essas manifestações, enquanto existem gritos de “Viva a República Democrática da Coreia”, “Viva a Solidariedade dos Povos” e “A Luta Continua”. Aqui,

---

<sup>71</sup> Autores como Pollack (1989), Le Goff (2003), e Ricoeur (2007) já estabeleceram o diálogo entre as políticas de memória e nacionalismo, demonstrando que os abusos da memória para fins ideológicos de construção nacional é uma prática nos Estados Nacionais a partir do século XIX.

<sup>72</sup> Catroga (2005) afirma que a existência de mitos de origem é fundamental nos projetos de construção nacional, uma vez que apresentam um marco fundador da nação, um ponto a partir do qual ela se forma.

fica visível que o engajamento do povo com tudo aquilo que foi citado até então está sendo enfatizado na narrativa construída pelo INC.

A locução retorna então afirmando que o visitante está chefiando uma importante delegação do partido e do Estado, mantendo contato com a FRELIMO e o governo. Em seguida, a cena é cortada para as imagens do encontro entre Samora Machel e o líder coreano. O presidente moçambicano é mostrado com um grande sorriso, recebendo os visitantes de maneira calorosa em uma sala ampla (figura 5). Enquanto isso, a locução afirma que “sentimo-nos satisfeitos pela vossa presença nesta terra da África, nesta zona da África Austral ainda dominada por racistas. Diria o presidente Samora ao receber o representante do povo da Coréia” (*KUXA KANEMA 02*, 01:42 – 01:52).

**Figura 5 - Samora Machel recebendo Pak Song-chol em Moçambique.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Alguns elementos devem ser destacados. Primeiramente cita-se que nessa reportagem a aparição de Samora Machel é bastante contida, sem qualquer filmagem de seus discursos ou maior ênfase na sua presença. Ainda assim, ele é filmado estabelecendo relações com outro país socialista e sua imagem aparece sendo relacionada à presença de

inimigos externos “racistas”, em clara alusão aos regimes da África do Sul e da Rodésia do Sul. Pode-se destacar também que o visitante coreano, conforme dito anteriormente, não se trata da liderança maior de seu Estado, de modo que talvez por isso não exista uma ênfase tão grande em sua relação com o líder maior do Estado moçambicano. Além disso, a presença do exército, as bandeiras com o rosto de Samora Machel e a própria ideia de coesão social e de apoio da sociedade ao governo vigente são características que reforçam a narrativa construída pelo INC citada anteriormente.

### 3.3.2. Os vizinhos africanos

Apenas a visita de um país africano se faz presente nos episódios trabalhados do *Kuxa Kanema*. Trata-se da viagem do presidente angolano, Agostinho Neto<sup>73</sup>. Esse encontro entre autoridades recebe grande ênfase, entretanto, visto que a reportagem relativa a ele possui 10 minutos de duração, com uma série de elementos que podem ser abordados aqui. A provável data da gravação dessa reportagem é nos dias próximos ao 17 de setembro de 1978<sup>74</sup>.

Primeiramente é importante perceber uma série de similitudes entre o caso angolano e o moçambicano. Ambos foram colonizados por Portugal e tiveram sua descolonização no mesmo período de tempo, como consequência da Revolução dos Cravos em Portugal, de uma pressão política internacional e do próprio andamento de suas respectivas guerras anticoloniais. Além disso, em ambos os países os partidos que ficaram no poder (FRELIMO, em Moçambique, e MPLA, em Angola) foram movimentos apoiados pelo chamado “bloco soviético” e com influência ideológica vinda desses países.

Os dois também se localizam na África Austral, sendo aliados nas tensões da região e compartilhando a Rodésia e a África do Sul como principais inimigos regionais. Ambos também passam por uma guerra civil em suas fronteiras contra grupos de oposição que são apoiados por agentes externos<sup>75</sup>, além de verem na questão da diversidade étnica

---

<sup>73</sup> Assim como já citado no caso de Kim Il-sung, Agostinho Neto também se tornou nome de avenida em Moçambique durante o período, fazendo parte das políticas de memorização do governo.

<sup>74</sup> Uma matéria do jornal “Notícias” de Maputo, no dia 17 de setembro de 1978, indica que Samora Machel ofereceu um banquete a Agostinho Neto em Moçambique nessa data. Visto que a reportagem aqui analisada possivelmente tenha sido filmada em 1978, e que a mesma apresenta um banquete em homenagem ao presidente angolano, é provável essa seja a sua data correspondente.

<sup>75</sup> Chabal (2002) demonstra que em Angola esses grupos já participavam ativamente da guerra anticolonial. Tratam-se do FNLA, liderado por Holden Roberto e apoiado pelos EUA, a UNITA, liderada por Jonas Savimbi e com apoio da China, e MPLA, liderado por Agostinho Neto e com apoio da URSS. Com a

um problema na construção nacional. A própria maneira como essa diversidade foi combatida é semelhante em ambos os países. Assim sendo, uma aproximação entre eles era natural naquele contexto. É justamente essa proximidade que aparece sendo vista nessa reportagem do *Kuxa Kanema*<sup>76</sup>.

Ela inicia-se com a recepção calorosa da Samora Machel ao líder angolano. Aqui aqueles elementos já citados ficam claros. Ambos são filmados conversando com o rosto próximo, enquanto Samora sorri. A população ostenta pequenas bandeiras da Angola enquanto um grupo dança e canta uma letra que exalta seu apoio o país visitante.

Na sequência, a cena é cortada para o discurso de Agostinho Neto, que afirma que “Angola e Moçambique podem estar uma vez mais em família” (*KUXA KANEMA* 08, 1:22 – 1:28). O presidente angolano afirma que tanto em Luanda quanto em Maputo pode-se perceber o grande entusiasmo popular com a revolução, e que sua recepção em Moçambique foi exemplar. Enquanto isso, filmagens dessa chegada são reproduzidas, demonstrando esse entusiasmo (figura 6). Agostinho Neto afirma que chegando em Moçambique não se sente um visitante estrangeiro, mas um “Moçambicano como Samora Machel” (*KUXA KANEMA* 08, 03:05 – 03:10).

---

chegada do MPLA ao poder após a independência, a UNITA mobiliza-se imediatamente e inicia um conflito armado contra o partido no poder. O conflito só se encerrou em 2002, após a morte de Savimbi em combate. Já em Moçambique, conforme já citado, o conflito só se inicia em 1977, após dois anos de governo da FRELIMO. Assim sendo, cabe ressaltar que em 1978 o conflito armado já era uma realidade em ambos os países.

<sup>76</sup> O apontamento dessas semelhanças só reforça a provável data dessa visita de Agostinho Neto no ano de 1978. Foi apenas em 1977 que os dois países assumiram a ideologia marxista-leninista, bem como foi nesse mesmo ano que se iniciou a guerra civil em Moçambique. O discurso relativo a construção de um “Homem Novo”, combatendo as diferentes identidades étnicas, também aparecia em evidência nesse momento. Visto que todos esses elementos estão presentes nos discursos analisados, é provável que essa viagem tenha ocorrido mesmo em setembro de 1978.



**Figura 6 - Faixa com os dizeres “Viva o MPLA, Viva a FRELIMO”, durante a visita de Agostinho Neto a Moçambique.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Aqui fica muito aparente a aproximação que se está fazendo entre esses dois países. Agostinho Neto se coloca não apenas como um moçambicano, mas como um igual a Samora Machel. Na sequência, ainda acrescenta “me sinto moçambicano e revolucionário como se sentem revolucionários os militantes da FRELIMO” (*KUXA KANEMA 08*, 03:28 – 03:36). Fica claro que ele não está apenas ressaltando Moçambique, mas um Moçambique específico, aquele idealizado pela FRELIMO e pelo seu líder, sendo esses os “verdadeiros moçambicanos”.

O discurso dele passa a exaltar então aqueles guerrilheiros que não viveram para ver os frutos de sua luta, e lembra Eduardo Mondlane. Enquanto isso, as imagens reproduzidas demonstram uma visita do presidente angolano ao túmulo do primeiro presidente da FRELIMO. Aqui, mais uma vez a questão da política de memória se faz presente<sup>77</sup>.

---

<sup>77</sup> Ribeiro (2005) já demonstrou que a imagem de Eduardo Mondlane foi utilizada em uma política de memória durante o governo de Samora Machel. Mais que isso, o autor afirma que junto Ngungunhane, o último imperador do império de Gaza e última resistência ao domínio português no território de

O presidente angolano continua falando, em longo discurso, enquanto Samora Machel é filmado eventualmente ao seu lado. Os progressos que foram feitos em Moçambique e nas estruturas do partido são citados, bem como a necessidade de aprender com a maneira como os militantes da FRELIMO realizam suas tarefas. Imagens de trabalhadores nas fábricas são reproduzidas enquanto isso. É importante perceber aqui que tanto Moçambique como Angola estão se propondo a realizar uma revolução proletária, segundo a ideologia marxista-leninista, de modo que realizar esse elo com os trabalhadores se mostra muito propício nesse sentido.

Na sequência, é um discurso de Samora Machel durante a visita do presidente angolano que aparece, entretanto, o ambiente não se trata mais de uma sala fechada, e sim de uma visita ao bairro de Bagamoio, em Maputo. O moçambicano inicia sua fala afirmando que Agostinho Neto é um herói, combatente contra o colonialismo, contra o imperialismo e contra a exploração do homem pelo homem. “É o companheiro Agostinho Neto que fundou o MPLA, e fundou o MPLA quer dizer que organizou a unidade de Angola de Cabinda ao Cunene” (*KUXA KANEMA* 08, 08:12 – 08:30), afirma Samora. Novamente, a aproximação entre os dois países se destaca. Se o lema do governo de Samora Machel é “Moçambique unida do Rovuma a Maputo”, a afirmação de que Agostinho Neto organizou a unidade angolana “de Cabinda ao Cunene” é seu equivalente de Angola. Os pontos aqui abordados: a luta anticolonial, os imperialistas e colonialistas como inimigos e a construção nacional, são compartilhados entre a FRELIMO e o MPLA, e mais uma prova de que a imagem construída é de igualdade e amizade entre eles<sup>78</sup>.

A voz do locutor conclui a reportagem. Enquanto imagens mostram novamente Samora Machel e Agostinho Neto em meio ao povo, que ostenta símbolos e canta músicas em homenagem ao país do presidente visitante, a locução afirma que o encontro foi mais que uma visita de estado, mas o “abraço forte entre dois países amigos e vitória política para os povos da África Austral” (*KUXA KANEMA* 08, 09:19 – 09:25). A voz revela ainda que Agostinho Neto tornou-se cidadão honorário da República Popular de Moçambique, com um grande brinde ao presidente angolano, como um ato simbólico de uma luta

---

Moçambique, e com o próprio Samora Machel após sua morte, o fundador da FRELIMO compõem uma tríade dos heróis nacionais moçambicanos.

<sup>78</sup> Quanto a isso, cabe ressaltar aqui a similitude dos projetos de construção nacional em Angola e Moçambique. Bittencourt (2010), ao abordar o projeto em vigor em Angola, afirma que “a construção da nova nação implicaria o fim das etnias, dos regionalismos, do racismo, da exploração do homem pelo homem e a valorização da organização da sociedade, da ciência e do desenvolvimento das forças produtivas” (BITTENCOURT, 2010, p. 139), se aproximando muito do projeto nacional moçambicano já apresentado aqui.

comum começada e continuada desde o 4 de fevereiro<sup>79</sup> (figura 7). Por fim, afirma que pela primeira vez foi firmado um acordo de cooperação e amizade entre Angola e Moçambique, “ato de relevância maior nos estados da linha de frente<sup>80</sup> e da unidade africana” (*KUXA KANEMA* 08, 09:57 – 10:03).

**Figura 7 - Agostinho Neto e Samora Machel em um brinde em homenagem ao presidente angolano.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Essa reportagem deixa claro que, em termos domésticos, Moçambique busca se posicionar como um país amigo de Angola, ratificando suas histórias e inimigos em comum. Além disso, Samora Machel aparece representado com o discurso mais emocional, relativo aos inimigos externos e à construção nacional nos países, de modo que é representado na liderança das lutas na região. Enquanto isso, Agostinho Neto é mostrado com um discurso que ratifica principalmente a grande cooperação e o passado glorioso da FRELIMO. Mais que isso, o presidente angolano aponta Samora Machel

---

<sup>79</sup> 4 de fevereiro de 1961 é a data que marca o início da guerra anticolonial em Angola.

<sup>80</sup> A Linha de Frente foi uma aliança no continente africano que durou entre as décadas de 1960 e 1990 e teve o objetivo de acabar com os regimes de minorias brancas na África. Angola, Botswana, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue fizeram parte da aliança ao longo de sua existência.

como a verdadeira representação de Moçambique<sup>81</sup>. Por fim, uma unidade em torno da África Austral também é apontada na reportagem, indicando a busca da FRELIMO por uma cooperação regional dentro do continente africano<sup>82</sup>.

### 3.3.3. Os países do COMECON

É importante compreender os países da COMECON aqui como o grupo com o qual Moçambique busca se aproximar devido a interesses estratégicos relacionados a sua economia e, especialmente, ao apoio militar<sup>83</sup>. Além disso, Ferrão (2002) demonstra que os principais apoiadores do governo moçambicano vinham justamente desses países. Esse é um olhar necessário na análise das aparições das lideranças da Alemanha Oriental e da Bulgária nas reportagens do *Kuxa Kanema*. É notável que a visita de autoridades da Coreia do Norte tenha sido mostrada em uma reportagem de apenas 1:57 minutos, enquanto Angola, país com o qual Moçambique possuía grandes interesses regionais, tenha possuído um espaço de 10 minutos nos programas. Já a Alemanha Oriental e a Bulgária possuem, respectivamente, 15:29 minutos e 7:15 minutos. É importante abordar aqui cada um desses países separadamente, analisando as duas reportagens. Entretanto, é fundamental também entendê-los como parte dessa unidade econômica.

Ferrão (2002) afirma que a Bulgária possuía um papel importante no apoio à agricultura moçambicana, enquanto a Alemanha Oriental estava presente nos setores de mineração, indústria e planificação econômica, além de apoiar o sistema interno, na organização do partido, educação ideológica, coordenação da propaganda e formação política.

Segundo aponta Visentini (2013), a revolução nos dois países faz parte de um processo de avanço do antifascismo na Europa que se iniciou ainda no fim da Segunda Guerra Mundial e permitiu que a URSS se tornasse influente em todo o leste europeu. A

---

<sup>81</sup> Em 1978, a guerra civil em Moçambique já havia iniciado, de modo que essa representação de Samora Machel como o “verdadeiro moçambicano” ganha ainda mais valor em oposição aos moçambicanos que haviam aderido à RENAMO naquele momento.

<sup>82</sup> Cita-se aqui que enquanto a FRELIMO se mostrava dividida entre o apoio soviético e chinês durante a guerra anticolonial, o MPLA sempre se mostrou mais próximo do bloco soviético. Assim sendo, as imagens que colocam Angola no protagonismo das relações exteriores de Machel no continente africano podem ser encaradas também como uma sinalização moçambicana para esse grupo de países, uma vez que o país havia assumido a via marxista-leninista no ano anterior justamente buscando seu apoio.

<sup>83</sup> Sobre esse grupo, Sérgio Vieira afirma que “a RDA, a Bulgária, a Romênia, sempre enviaram delegações de alto nível ao BP e do Estado ao nosso país e os seus dirigentes máximos vieram a Moçambique, Honnecker, Jivkov, Ceauseceu. Aos congressos do nosso partido vinham membros do BP. A URSS marcou, infelizmente, a nível elevado sua ausência na África” (VIEIRA, 2013, p. 635).

Bulgária é um país historicamente influenciado pelos russos, o que facilitou o avanço dessa influência no país e fez com que ele fosse “o membro mais subserviente do pacto de Varsóvia<sup>84</sup>” (VISENTINI, 2013, p. 177). Já a República Democrática Alemã se constituiu após um processo de divisão da Alemanha ocorrido após a ocupação do país na guerra, de modo que os Estados Unidos se tornaram influentes na Alemanha Ocidental e a URSS na Alemanha Oriental. O país conseguiu se desenvolver e se reconstruir com o apoio dos soviéticos, tornando-se o que o autor define como “o economicamente mais bem-sucedido regime socialista da época” (*ibid*, 2013, p. 202).

Além disso, é fundamental ressaltar que esses foram os dois países do leste europeu com os quais o governo de Samora Machel demonstrou mais proximidade<sup>85</sup>. Assim sendo, o visitante vindo da Bulgária foi Todor Jivkov, o secretário-geral do Partido Comunista Búlgaro e presidente do Conselho de Estado da Bulgária. A provável data de sua visita foi nos dias próximos a 23 de outubro de 1978<sup>86</sup>. Já o visitante da Alemanha Oriental foi Erich Honecker, que naquele período acumulava os cargos de secretário-geral do Partido Unificado da Alemanha, presidente do Conselho Nacional de Defesa e presidente do Conselho de Estado. Sua visita provavelmente ocorreu nos primeiros meses de 1979<sup>87</sup>.

Alguns pontos em comum devem ser citados sobre essas reportagens. Primeiramente, se existe uma narrativa visual que aparece de modo geral nessa primeira fase do *Kuxa Kanema*, já citada, aqui ela aparece sendo extremamente enfatizada. Em ambas se percebe um grande período de tempo sendo dedicado a imagens do povo em suas recepções. Esse povo é filmado cantando músicas em homenagem aos visitantes, e carregando bandeiras, tanto da Bulgária quanto da Alemanha. Além disso, faixas com o rosto de Samora Machel (figura 8), e de Marx, Engels e Lênin (figura 9) são enquadradas

---

<sup>84</sup> O Pacto de Varsóvia foi uma aliança militar formada em 1955 pelos países socialistas do Leste Europeu e estabeleceu o alinhamento desses países com URSS, prometendo ajuda mútua e permitindo a presença de militares provenientes de um país nos outros do tratado.

<sup>85</sup> Diversas reportagens da revista Tempo abordam acordos e apoios mútuos entre Moçambique e R.D.A ou Bulgária. Na edição 233 da revista, por exemplo, uma visita de Samora Machel aos países é noticiada, afirmando que esses países “nutrem grande carinho” pelo povo moçambicano. Além disso, reportagens sobre temáticas como produção e educação nesses países são recorrentes na revista durante o período. Quanto a isso, cabe ressaltar aqui que, conforme já citado anteriormente, as relações entre Samora Machel e a direção da URSS eram conflituosas, de modo que esses países podem ser vistos como uma “porta de entrada” para Moçambique na busca por interesses estratégicos em relação ao leste europeu.

<sup>86</sup> O jornal “Notícias”, de Maputo, publicou no dia 23 de outubro de 1978 uma reportagem que continha o discurso de Samora Machel em um banquete de Estado oferecido ao líder búlgaro.

<sup>87</sup> O jornal “Notícias”, de Maputo, publicou um discurso do então deputado Joaquim Chissano no dia 20 de julho de 1979 no qual ele afirma que “no princípio desse ano, recebemos no nosso País, o presidente da República Democrática Alemã, Erich Honecker” (NOTÍCIAS, 1979, n.p.).

pela câmera. Os números de dança e o exército aparecem novamente, dessa vez filmados ainda mais detalhadamente.

**Figura 8 - Crianças na recepção a Erich Honecker em Maputo.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

**Figura 9 - Samora Machel e Erich Honecker, enquadrados ao lado de faixa com rostos de Lênin, Marx e Engels.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Os ângulos de câmera em relação a essas visitas podem ser destacados também. Nesses dois casos fica visível uma maior ênfase das imagens dos líderes, com a frequente utilização de *contra-plongée* em seus discursos (figura 10), enquanto longos planos gerais mostram a imensidão de pessoas na plateia.

**Figura 10 - Samora Machel discursando ao lado de Tudor Jivkov.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Em ambos os casos também fica visível novamente uma política de memória, que busca relacioná-los ao apoio na luta anticolonial. No caso do líder búlgaro, inclusive, o discurso de Samora Machel chega a afirmar que eles também foram colonizados, uma vez que o colonialismo “não é uma questão racial, e sim um sistema”<sup>88</sup> (*KUXA KANEMA* 09, 03:04 – 03:08). Além disso, o presidente moçambicano afirma que assim como em Moçambique, eles superaram isso para implantar o socialismo. O claro apontamento de um passado em comum entre os países se faz visível aqui. Já o líder alemão é filmado visitando um monumento em homenagem aos heróis moçambicanos da luta anticolonial.

Por fim, ao se analisar os discursos dos dois, um novo elemento precisa ser analisado, que é a ênfase na cooperação internacional, ou no “internacionalismo”. Samora Machel destaca ao falar sobre Jivkov que ele é um “grande internacionalista” (*KUXA*

---

<sup>88</sup> No discurso de Machel já citado que provavelmente ocorreu durante essa mesma visita, ele define melhor esse “colonialismo” sofrido pelos búlgaros: trata-se tanto do domínio do império otomano sobre aquele território quanto a invasão nazista sofrida pelo país. Fica claro, nesse sentido, que o objetivo do presidente moçambicano era estabelecer um elo entre os países através de uma memória manipulada, visto que esses processos citados são absolutamente distintos do processo colonial sofrido no continente africano durante os séculos XIX e XX.



*KANEMA* 09, 04:08 - 04:09), que só está presente onde existe luta de classes e luta para criar a ordem<sup>89</sup>. Já quanto à Alemanha Oriental, ele afirma que o apoio não veio apenas durante a guerra anticolonial, mas que depois houve o envio de professores e técnicos ao país para fortalecer seu desenvolvimento<sup>90</sup>.

Outro detalhe que aparece aqui é a questão do combate a determinados inimigos. Enquanto o político búlgaro afirma em seu discurso que Samora Machel é um guia do povo moçambicano no combate ao imperialismo, a locução afirma que as primeiras palavras de Samora Machel ao receber Honecker foram “bem-vindo a essa zona quente de nosso continente. Zona quente onde de armas na mão lutamos contra o racismo e o imperialismo” (*KUXA KANEMA* 10, 00:56 – 01:03)<sup>91</sup>.

Por fim, ambas as reportagens terminam da mesma maneira, com a assinatura de declarações de amizade e cooperação entre os países. Essa assinatura é acompanhada de promessas de fortalecimento das relações no futuro, e de fraternos abraços e apertos de mão entre Samora Machel e os visitantes estrangeiros.

Fica claro nessas visitas que a relação estabelecida com os países da COMECON possui alguns pontos que se destacam em relação aos outros países citados. Samora Machel e seu regime aparecem aqui com uma ênfase ainda maior em sua característica socialista. Se a afirmativa aqui é de que o *Kuxa Kanema* buscou através do culto a Samora Machel afirmar seu projeto socialista, fica claro que o apoio dos países pertencentes ao COMECON é um dos elementos fundamentais nesse processo, de modo que aproximar-se desses países e ressaltar a imagem de seu líder nesse momento é indispensável.

---

<sup>89</sup> O já citado discurso de Samora Machel (1978) que provavelmente aconteceu durante essa visita destaca a cooperação entre os países, bem como os processos de socialização das zonas rurais, de recuperação da indústria e o aumento da produtividade no país, bem como a sua planificação econômica. Esses itens destacados pelo presidente moçambicano indicam algumas das áreas nas quais Moçambique buscava apoio dos países do Leste Europeu, de modo que tal discurso pode ser entendido como um apelo perante o líder búlgaro.

<sup>90</sup> Chissano (1979) ao falar sobre a política externa moçambicana afirma que existe uma cooperação entre Moçambique e República Democrática Alemã “nomeadamente na educação, formação profissional, indústria e comércio, e outros ramos de actividade do nosso Estado” (NOTÍCIAS, 1979, n.p.). Quanto a isso, cabe citar também o caso dos “Magermane”, apresentados por Hernández (2011) que se tratam de um grupo de Moçambicanos que trabalharam na República Democrática Alemã durante esse período, e hoje reivindicam um reconhecimento econômico e social em seu país de origem, sendo bastante representativos da complexidade das relações de dito período.

<sup>91</sup> É válido ressaltar que tanto no discurso de Machel (1978) na recepção da liderança búlgara, quanto na declaração de Chissano (1979) sobre a política externa moçambicana, destacam-se as citações quanto a questão do Zimbábue, demonstrando que naquele momento essa era a questão de conflito na região mais enfatizada nos discursos do período, e também relacionadas aqui a uma grande frente socialista no “combate ao imperialismo”.

### 3.4. A POLÍTICAS DA FRELIMO

Se a pauta que ocupa maior espaço nos programas é a questão internacional, conforme demonstrado anteriormente, os momentos em que a imagem de Samora Machel mais se destaca é quando a temática são as políticas da FRELIMO em Moçambique. Tanto as imagens quanto os discursos estão repletos de simbologias relacionadas especificamente a imagem do líder moçambicano. Enquanto nas reportagens anteriormente citadas os holofotes de Samora Machel eram divididos com a dos outros líderes políticos, aqui fica clara a ênfase de Samora como o líder absoluto da nação moçambicana.

Essas políticas destacadas partem primeiramente de uma questão: o socialismo. As práticas de destaque nessas reportagens são: a planificação econômica, a formação de aldeias comunais, as nacionalizações e a própria adoção do marxismo-leninismo. Todas essas são práticas recorrentes nos países socialistas, estando de acordo com as práticas estabelecidas pela União Soviética. Assim sendo, um apontamento inicial já pode ser realizado: as diversas influência ideológicas existentes na FRELIMO são esquecidas, em favor de uma ideologia marxista-leninista estabelecida. Samora Machel é apontado como o mais convicto marxista-leninista pelo *Kuxa Kanema*.

Além disso, a simbologia dessas reportagens deixa clara também a adesão popular moçambicana a seu líder, deixando de lado tanto a oposição existente no país liderada pela RENAMO quanto a existência de uma população que não aderiu aos ideais do “Homem Novo” de Samora Machel. O cidadão que é representado nessas imagens é um moçambicano moderno, trabalhador que está engajado com a FRELIMO e subserviente a Samora Machel. A existência de outros moçambicanos é ignorada pelo programa, e os adversários do partido no poder são apontados como relacionados a forças externas.

Esses elementos estão nas três reportagens sobre as políticas da FRELIMO em que existe a presença de Samora Machel na primeira fase do programa. Essas reportagens ocupam 10 minutos, e a partir de agora serão analisadas individualmente como forma de definir melhor seus detalhes.

#### 3.4.1. A planificação econômica e as aldeias comunais

A questão da planificação econômica é apontada por Egerö (1992) como fundamental na construção do socialismo, uma vez que “o controle e a direção

centralizados do estado visam substituir (ou controlar) as funções do mercado e distribuir os recursos de acordo com os interesses da maioria” (EGERO, 1992, p. 54). Nesse sentido, o autor aponta que um dos grandes desafios desse processo está na motivação do trabalhador, uma vez que aqui ele não está buscando um salário com valor de mercado, como no capitalismo.

Assim sendo, é importante ressaltar que esse processo de motivação do trabalhador é constantemente notado ao analisar-se o *Kuxa Kanema*. Em diversas entrevistas com trabalhadores, nas diversas reportagens do programa, o discurso enfatizado é aquele de que antigamente o trabalho no país era para o enriquecimento dos colonialistas ou dos burgueses, enquanto agora ele se dava para o bem geral da nação moçambicana.

Dito isso, seria de se esperar que esse processo fosse associado a figura de Samora Machel nos programas. E é justamente isso que acontece na reportagem relativa a I Conferência Nacional de Planificação, com 4 minutos e 15 segundos de duração. Inicialmente, é um discurso de Marcelino dos Santos durante o evento que é reproduzido nessa reportagem, na qual ele afirma que “com a FRELIMO na vanguarda do nosso povo, com nosso povo unido na FRELIMO, conquistamos a independência nacional, construímos a independência política” (*KUXA KANEMA 02, 07:10 – 07:22*) Em sequência a isso, imagens de trabalhadores com pás, trabalhando em uma grande obra pública, são demonstradas (figura 11), enquanto o locutor afirma que “a I Conferência Nacional de Planificação reúne em Maputo de 8 a 10 de Março, encontro das 10 províncias do país que contam e sintetizam as experiências da vida cotidiana do povo, encontro para a libertação das forças produtivas” (*KUXA KANEMA 02, 07:33 – 07:47*).

**Figura 11 - Trabalhadores da construção civil em Moçambique, em sintonia com o discurso de modernização.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Um primeiro elemento já se faz notar, que é a noção de “sequência” da independência do país. O discurso de Marcelino, seguido pela fala do locutor, deixa claro que o povo moçambicano conquistou junto a FRELIMO a sua libertação, e agora a FRELIMO busca libertar também as forças produtivas do país. Em seguida, a locução ainda afirma que “é preciso dismantelar o capitalismo para que os trabalhadores da cidade e do campo tenham casa, alimentação, vestuário e educação” (*KUXA KANEMA* 02, 07:50 – 07:58). Ou seja, essa aparece como a única alternativa para o país na fala do *Kuxa Kanema*, enquanto o capitalismo aparece mais uma vez apontado como um “vilão”.

“Hoje vivemos essa crise da economia baseada no lucro e na exploração, hoje vivemos também a luta dos camponeses que criam formas coletivas de produção e dos operários que dirigem as fábricas” (*KUXA KANEMA* 02, 07:58 – 08:09), continua o locutor. Aqui é notável a polarização capitalismo x socialismo proposta pela narrativa do *Kuxa Kanema*. A crise econômica aparece como resultado inquestionável do primeiro, enquanto os trabalhadores buscam através do socialismo combater essa crise.

Tal disputa já possui um vencedor estabelecido, segundo o narrador: “os setores econômicos estratégicos estão já nas mãos do Estado, forjam-se novas relações de produção. A planificação econômica é uma exigência do socialismo e faz parte da organização da vitória” (*KUXA KANEMA* 02, 08:11 – 08:23). Enquanto isso, é importante citar, as imagens de fundo continuam sendo sempre obras públicas e trabalhadores engajados em sua execução. Essas imagens simbolizam ao mesmo tempo dois elementos vitais no governo de Machel: primeiramente os trabalhadores, conforme já citado, que estão engajados em seu trabalho em prol do bem comum da nação; enquanto, por outro lado, essas obras públicas remetem a uma modernização que estaria sendo promovida por eles<sup>92</sup>.

É nesse momento então que a figura de Samora Machel aparece nessa reportagem. É seu discurso no I Congresso de Planificação que é reproduzido. Nele, Samora aparece de terno, afirmando que esse plano está “ajustado às necessidades nacionais e solidamente enraizado na nossa prática revolucionária” (*KUXA KANEMA* 02, 08:39 – 08:49). Mais que isso, esse não seria apenas um plano econômico, como “a pedra fundamental no processo de implementação da planificação da nossa vida” (*KUXA KANEMA* 02, 08:55 – 09:02). É notável aqui que o presidente moçambicano busca estabelecer um elo entre o projeto econômico que se está visando com um projeto de identidade existente. A planificação aqui não é apenas da economia, como da “nossa vida”.

Na sequência, ele define o que seria essa planificação: “as tarefas concretas que temos que realizar no campo da industrialização socialista, com base na indústria pesada, na socialização da agricultura e sua mecanização” (*KUXA KANEMA* 02, 09:04 – 09:20). Voltam a ser então reproduzidas imagens de trabalhadores, agora na indústria, de modo que o projeto citado por ele aparece já em andamento.

A ideia de planificação da vida, citada anteriormente, volta a ser citada por Samora Machel. Após afirmar que esse processo de desenvolvimento precisa de novos métodos de trabalho para assegurar o controle e efetivação dos programas elaborados, ele afirma: “é necessário, por isso, planificar realidades mais vastas” (*KUXA KANEMA* 02, 10:25 – 10:31). A simbologia dessa noção de realidades vastas é bastante marcante, tratando-se

---

<sup>92</sup> A modernização é uma das pautas mais enfatizadas nos discursos de Samora Machel e faz parte de um discurso que enxerga a sociedade moçambicana como “feudal”, que necessariamente precisa ser modernizada. Isso vai de encontro inclusive ao discurso marxista abordado por ele, que sempre falou sobre um “socialismo científico”. Nesse sentido, essa modernização estrutural atua não apenas como parte do projeto político, mas também como ato simbólico que está sendo representado pelo *Kuxa Kanema* e deve ser relacionada a já citada política de construção do “Homem Novo”.

de um país marcado por escassez. Assim, é notável que as câmeras, no momento seguinte, filmem uma plateia aplaudindo muito o discurso do presidente.

Por fim, ele ainda conclui seu discurso afirmando que “edificar as aldeias comunais é a palavra de ordem dominante para melhorarmos a nossa vida rumo ao socialismo. A luta continua, o socialismo vencerá” (*KUXA KANEMA* 02, 10:42 – 11:00). Novamente as imagens são tomadas por uma plateia que aplaude com muita energia as suas palavras. Aqui, além de enfatizar novamente elementos comuns de seu discurso, como a construção do socialismo e o grito de guerra “a luta continua”, destaca-se um novo elemento: as aldeias comunais.

Segundo aponta Araújo (1988) as aldeias comunais possuíam um papel fundamental no projeto moçambicano, entretanto jamais se obteve sucesso em sua produtividade. Mais que isso, a falta de infraestrutura nessas aldeias acabou por gerar trabalhadores que não viam benefício em tal trabalho, levando o projeto ao fracasso. Nas imagens analisadas do *Kuxa Kanema*, percebe-se a importância das mesmas no projeto da FRELIMO, visto que Samora Machel encerra seu discurso falando sobre “edificar as aldeias comunais”. É notável, entretanto, que ao contrário do que a reportagem indica, essa planificação econômica não conseguiu levar a uma grande produtividade nessas aldeias, e a modernização proposta pelo presidente moçambicano jamais chegou até elas.

A imagem construída nessa reportagem é então de um país que está em franca evolução, sendo conduzido por Samora Machel e pela FRELIMO a uma “realidade mais vasta”. A modernização da infraestrutura é aqui um dos elementos que se destaca, bem como o engajamento do povo moçambicano nessa tarefa. É a partir disso que se chegará então no prometido socialismo. A indústria e as aldeias comunais seriam componentes fundamentais nesse processo conduzido pelo presidente.

#### 3.4.2. As nacionalizações

As nacionalizações são apontadas pela Circular da Sede Nacional da FRELIMO para os Grupos Dinamizadores, por ocasião do 1º aniversário das nacionalizações (1976) como um projeto que visava destruir o imperialismo e acabar com o controle estrangeiro sobre a economia do país, de modo a criar uma “economia popular, independente, livre de exploração [...] contra o imperialismo, o dia em que abalamos decisivamente as estruturas do capitalismo” (FRELIMO, 1976, n.p.). Além disso, cabe lembrar que a narrativa nacional é uma das mais enfatizadas pelo partido no período. Desse modo, pode-

se dizer que, como discurso, a nacionalização assume um papel de mobilização em torno da causa nacional. Repete-se a máxima de que os trabalhadores da nação, nas mais diversas áreas, não estão trabalhando pelo enriquecimento de uma burguesia, e sim pela própria nação moçambicana.

A reportagem do *Kuxa Kanema* relativa à questão das nacionalizações nessa primeira fase possui 3 minutos de duração, e chama atenção por essa característica de mobilização nacional a qual remete. Exibida no mesmo programa em que a visita do presidente da Bulgária<sup>93</sup>, já citada, foi reproduzida, essa reportagem é relativa ao dia das nacionalizações do país e eleva ao máximo os elementos de cinema de propaganda nos episódios aqui analisados<sup>94</sup>.

Primeiramente, símbolos nacionais são filmados: as bandeiras da FRELIMO e de Moçambique são filmadas lado a lado, tremulando ao vento (figura 12). Enquanto isso, o áudio é com o discurso de Samora Machel aos gritos de “Viva a FRELIMO”, “Viva a FRELIMO que une e organiza o povo”, “Viva a República Popular de Moçambique”, “Viva o povo moçambicano unido do Rovuma a Maputo” e “A Luta Continua”. Esses gritos são sistematicamente repetidos pelo público, de maneira enérgica, enquanto as câmeras passam a enquadrar demais elementos do evento. O mesmo acontece em um estádio, revelado aos poucos, no qual tanto as arquibancadas quanto o centro são mostrados lotados por uma população que responde aos gritos do líder com os punhos cerrados. A câmera enquadra em plano geral Samora Machel pelas costas, e a sua frente pode-se ver tanto a imensidão de público, quanto um exército alinhado perante o líder (figura 13).

---

<sup>93</sup> Deve-se observar que no mesmo programa em que a reportagem sobre o presidente da Bulgária foi exibida – recheada de simbolismos já apontados aqui –, Samora Machel é mostrado anunciando uma série de nacionalizações, muitas delas em campos que o país recebia ajudas estrangeiras. Assim sendo, esse alinhamento entre as políticas internas e externas do país não deve ser ignorado. Mais que isso, deve-se entender que o apelo moçambicano por apoios estrangeiros, vindos especialmente dos países do Leste Europeu, se dá também no campo simbólico.

<sup>94</sup> A já citada Circular da FRELIMO aponta que o “dia das nacionalizações” no país foi o 24 de julho de 1975. Essa data, entretanto, se tornou um marco na narrativa do país, de modo que seus “aniversários” eram também celebrados. Assim sendo, não é possível concluir se dita reportagem era relativa ao ano de 1975 ou a um desses anos posteriores. Conforme já afirmado, é um fato que o programa foi produzido nos anos de 1978 e 1979, e percebe-se pelas reportagens que a maior parte de seu material era filmado de fato nesses anos. Não é impossível, entretanto, que imagens filmadas em 1975 tenham sido incluídas na montagem do *Kuxa Kanema*, uma vez que até mesmo imagens da guerra anticolonial serão incluídas em certos momentos. Ainda assim, é fundamental apontar aqui a retórica relativa à questão das nacionalizações, bem como compreender que essa retórica se deu de maneira contínua durante esses primeiros anos da descolonização do país.

**Figura 12 - Bandeiras tremulando durante o anúncio das nacionalizações.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).



**Figura 13 - Samora Machel anunciando as nacionalizações em Moçambique.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Aqui já se pode perceber uma série de elementos relacionados ao projeto de nação moçambicano como um todo, já abordado. As bandeiras da FRELIMO e de Moçambique colocadas lado a lado já se põem como algo extremamente significativo, colocando esses elementos em pé de igualdade, de modo que eles se tornam praticamente iguais. Ser moçambicano aqui é ser da FRELIMO, uma vez que foi a FRELIMO que libertou os moçambicanos. Além disso, os gritos de Samora Machel são significativos, uma vez que ele convoca o povo a gritos de guerra como “Viva a FRELIMO” e “Viva a FRELIMO que une e organiza o povo”, colocando o seu partido em posição de protagonismo perante a Nação. Na sequência, os cânticos são de “Viva a República Popular de Moçambique” e “Viva o povo moçambicano unido do Rovuma a Maputo”, reforçando o lema de união nacional. Por fim, seu chamado à luta ao povo, repetido em diversos discursos do presidente, “a luta continua”, leva a um engajamento popular em torno desse grande projeto.

Na sequência, percebe-se Samora Machel com um discurso enérgico, afirmando que “em todo o território moçambicano, médicos particulares devem fechar as suas clínicas, devem fechar seus consultórios, e irem aos hospitais do Estado para servirem ao

povo” (*KUXA KANEMA* 09, 08:02 – 08:15). Enquanto a fala é aplaudida pelo público, as câmeras enfatizam uma grande faixa com o rosto de Samora Machel, em tamanho bastante superior ao das bandeiras citadas anteriormente (figura 14). “Vá para a África do Sul, e vá para outra parte, onde explorará à vontade. O nosso povo não lutou para ser explorado”<sup>95</sup> (*KUXA KANEMA* 09, 08:25 – 08:31), conclui o presidente moçambicano.

**Figura 14 - Faixa com o rosto de Samora Machel durante a campanha pelas nacionalizações.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Nesse trecho, pode-se destacar primeiramente o quanto o projeto nacionalista do país está relacionado com uma narrativa relativa aos inimigos da Nação. Samora Machel fala de maneira agressiva sobre aqueles profissionais que, segundo sua retórica, exploram

---

<sup>95</sup> Quanto a esse “convite” que Samora Machel faz aos capitalistas, é válido acrescentar que na descolonização de Moçambique grande parte dos portugueses que viviam no país acabaram emigrando por discursos como esse, conforme demonstra Pimenta (2015). Tal atitude é uma possível causa para alguns problemas pelos quais Moçambique passou posteriormente, uma vez que uma matéria do jornal Notícias, de Maputo, em 1982 (a mesma que relata a nova visita de Pak Song-chol ao país), afirma que as principais dificuldades pelas quais passava o complexo Agroindustrial de Limpopo se davam devido à fraca experiência organizacional patente a sua direção, bem como ao baixo nível técnico de seus trabalhadores. Nota-se que durante o período colonial os trabalhadores com esse maior nível técnico eram os portugueses, e que com sua expulsão é natural que o país tenha se tornado carente em algumas áreas.

o povo. Além disso, define bem onde esses profissionais devem estar: na África do Sul, principal inimigo político de seu governo. Além disso, a questão da personificação do líder ganha destaque, seja pela narrativa visual dessa reportagem, colocando ele a frente de uma população mobilizada na luta contra esses inimigos, seja na ênfase que se faz na bandeira com seu rosto.

A imagem é cortada então para cenas de um centro de saúde<sup>96</sup>, enquanto a locução afirma que “no dia 24 de julho de 1975, o presidente da FRELIMO e presidente da República Popular de Moçambique anunciou historicamente uma série de nacionalizações, nomeadamente no campo da educação, medicina privada, advocacia, agências funerárias e, ainda, a nacionalização da terra” (*KUXA KANEMA* 09, 08:37 – 08:54). A locução prossegue, afirmando que as massas populares “receberam com grande entusiasmo esta decisão do partido e do governo da República Popular de Moçambique, que constitui um golpe profundo nas fileiras do inimigo, e permite pôr à disposição do povo moçambicano algumas de suas aspirações fundamentais” (*KUXA KANEMA* 09, 08:56 – 09:09). Aqui se cria um elo entre essas políticas de Samora Machel com o povo moçambicano, e volta-se a enfatizar a narrativa que coloca elas como em oposição a determinados inimigos da nação.

A reportagem deixa bastante clara uma narrativa nacionalista proposta pelo *Kuxa Kanema*. Aqui a coesão entre povo e governo é demonstrada claramente, com símbolos nacionais e símbolos que cultuam a figura do líder Samora Machel. Uma noção de vitória e avanço sobre os inimigos também é percebida, bem como a ideia de que essas políticas do governo irão beneficiar a nação moçambicana, que até então era explorada e carente de atitudes assim. Samora Machel e a FRELIMO são então as figuras emblemáticas para acabar com a exploração no país.

### 3.4.3. A adoção do marxismo-leninismo

Conforme já discutido na presente pesquisa, a adoção do marxismo-leninismo em Moçambique se deu oficialmente no terceiro congresso da FRELIMO, em 1977, como

---

<sup>96</sup> Apesar das nacionalizações em diversas áreas citadas na reportagem, é evidente que a maior ênfase dada aqui é na área da saúde. Quanto a isso, cabe citar que a retórica da FRELIMO na circular já citada de 1976 era de que a medicina privada, seja nos hospitais, seja nas clínicas, era mais um meio de exploração e humilhação do povo moçambicano, enquanto com a nacionalização criava-se “um sistema de saúde a serviço do povo” (NOTÍCIAS, 1976, n.p.). Assim sendo, é perceptível uma narrativa nacionalista que mobiliza o “povo moçambicano” em combate ao “inimigo capitalista”, novamente utilizando-se de uma polarização socialismo x capitalismo.

parte de uma diplomacia de Samora Machel, que buscava apoio dos países do chamado “bloco socialista”. Conforme já afirmado, a retórica socialista é uma das mais enfatizadas em todo o discurso oficial do período, através da qual se busca um engajamento da massa trabalhadora do país. O próprio *Kuxa Kanema*, como foi possível perceber nas reportagens anteriormente analisadas, enfatizou esse ponto em diversos momentos.

É natural então que uma reportagem especificamente a respeito dessa “tomada de posição” se faça presente nesses programas, e é justamente isso que acontece em uma reportagem de 3 minutos e 27 segundos. Ela se inicia com uma música ao fundo, cantada por um coletivo de pessoas, que afirma em sua letra que “FRELIMO vencerá, FRELIMO ganhará, a Luta pra liberdade, FRELIMO triunfará”. Enquanto isso, imagens de civis trabalhando duramente, sendo organizados pelos guerrilheiros da FRELIMO, são mostradas (figura 15). Uma criança estudando concentrada também é enquadrada, enquanto a locução afirma que “a Luta Armada foi a machamba que teve um grande rio, o povo humanizado, organizado. Aqui vemos isso na zona libertada” (*KUXA KANEMA* 04, 18:26 – 18:33).

**Figura 15 - Civis trabalhando sob ordens dos guerrilheiros da FRELIMO.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Aqui percebe-se, nesse primeiro momento, uma retórica que indica a FRELIMO como aquela que organiza o povo, levando o mesmo a realizar um trabalho mais eficiente, e levando a educação às crianças. O papel de uma política de memória, já abordada anteriormente, recebe um novo destaque. A Luta Armada é claramente o mito fundador da nação moçambicana, e é a partir dela que a liberdade e a qualidade de vida do povo são alcançadas. Obviamente, é a FRELIMO que conduz a essa melhora. Isso fica ainda mais claro quando a sequência dessas imagens mostra os guerrilheiros do movimento trabalhando e organizando o povo, discursando para o mesmo. O próprio Samora Machel aparece nessa zona libertada, discursando com o punho cerrado (figura 16). É ele o líder mítico que direciona o povo até a liberdade.

**Figura 16 - Discurso de Samora Machel em “Zona Libertada”.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Não é à toa que essas imagens sejam então cortadas para as filmagens capturadas durante o terceiro congresso da FRELIMO, quando Samora Machel discursa. Primeiro algumas faixas são enquadradas, com símbolos socialistas, com a frase “A Luta Continua!” (figura 17), ou então com Samora Machel com o dedo erguido, direcionando uma grande massa popular, que carrega uma faixa escrito “Viva a Aliança Operário-

Camponesa<sup>97</sup> (figura 18). Enquanto isso, o que se escuta é o discurso do presidente moçambicano. Ele afirma, com um sorriso no rosto e enquanto recebe aplausos que (*KUXA KANEMA* 04, 19:06 – 19:31):

As duras batalhas de classe exigem que a classe operária, em estreita aliança com o campesinato – seu aliado fundamental –, e com elementos progressistas de outras classes trabalhadoras, disponham de um partido de vanguarda, orientado pela ideologia científica do proletariado.

Samora Machel continua sua fala dizendo que “o comitê central propõe ao terceiro congresso a criação do partido de vanguarda, partido marxista-leninista” (*KUXA KANEMA* 04, 19:55 – 20:12), conclui, sendo respondido com mais aplausos da plateia.

**Figura 17 - Frase com o lema “A Luta Continua!”, no terceiro congresso da FRELIMO.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

---

<sup>97</sup> Apesar de nessa fase do *Kuxa Kanema* ficar evidente uma adesão ao bloco soviético, essa imagem demonstra que influência Maoísta no socialismo moçambicano não foi completamente apagada, uma vez que foi Mao Tsé-Tung, conforme demonstrado por Dikotter (2016), que inseriu o fator “camponeses” no pensamento marxista, tendo influenciado diversos projetos políticos posteriores. Tanto na União Soviética quanto nos próprios escritos de Karl Marx, a principal parcela da população na Revolução Socialista seria o proletariado urbano, e só no caso da Revolução Chinesa houve uma ênfase na população rural, exemplo que foi seguido por diversos países do chamado “terceiro mundo”.



**Figura 18 - Faixa com os dizeres “Viva a Aliança Operário Camponesa”, no terceiro congresso da FRELIMO.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Assim sendo, a narrativa dessa reportagem é bastante clara: Samora Machel, a frente da FRELIMO, é quem conduz o povo moçambicano em direção à liberdade e à melhor qualidade de vida. Foram eles que conduziram a luta armada, mito fundador da Nação, e agora avançam nessa grande aliança nacional em direção ao socialismo, que aparece como o grande “destino prometido”, onde finalmente tudo aquilo que está se construindo será alcançado.

### 3.5. O MITO SAMORA MACHEL NA PRIMEIRA FASE DO *KUXA KANEMA*

A análise da narrativa construída em torno de Samora Machel na primeira fase do cinejornal leva a algumas considerações. Ele está relacionado ao “Mito do Salvador”, definido por Girardet (1987). Sobre esse mito, o autor apresenta diversos modelos. O último deles, nomeado de arquétipo do profeta, é assim definido: “anunciador dos tempos por vir, ele lê na história aquilo que os outros ainda não veem. Ele próprio conduzido por uma espécie de impulso sagrado, guia seu povo pelos caminhos do futuro” (GIRARDET,

1978, p. 78). É exatamente essa a construção feita aqui: Machel é um guia do povo, apontando a direção em que ele deve ir. Girardet ainda continua: “é um olhar inspirado que atravessa a opacidade do presente; uma voz, que vem de mais alto ou mais longe, que revela o que deve ser visto e reconhecido como verdadeiro” (*ibid*, 1987, p. 78). É justamente esse o Samora Machel presente nessas imagens.

O principal elemento ligado a ele, sendo o “destino prometido” para onde o presidente está conduzindo o povo, é o socialismo. Na recepção aos visitantes estrangeiros, Machel recebe apenas autoridades alinhadas ao chamado “bloco soviético”, enfatizando a grande cooperação que existe entre eles, seu apoio na construção do socialismo moçambicano e o internacionalismo presente em seus valores. Além disso, os inimigos apontados por ele são genéricos: o imperialismo; o racismo; o colonialismo. Assim, pode-se perceber que ao invés de “nacionalizar” os inimigos, e citar diretamente a África do Sul e a Rodésia do Sul, suas rivais regionais, Samora prefere falar na maioria das vezes em inimigos indefinidos, com os quais os países com que se alinha possam se identificar.

As próprias políticas implantadas são destacadas como característica de seu socialismo, que aparece sendo apontado como o destino ao qual elas vão conduzir. O grande promotor desse processo é a própria FRELIMO, que se confunde muitas vezes com o próprio Estado. Samora Machel é a grande liderança que coordena esses processos através de sua grande capacidade de mobilizar o povo e o exército nacional.

Assim sendo, o grande projeto de construção nacional aparece aqui intimamente ligado a seu caráter socialista, e o cidadão vinculado a imagem de Samora Machel é aquele trabalhador, que se engaja na construção do socialismo em seu país, renegando os valores racistas, imperialistas e capitalistas.



## 4. KUXA KANEMA – 1981, A SEGUNDA FASE: CONSTRUINDO CASAS DIFERENTES DAS DE NOSSOS AVÓS

### 4.1. OFENSIVA (1980)

Após ter suas atividades desmobilizadas em 1979<sup>98</sup>, o Instituto Nacional de Cinema se reorganizou em 1980. Patraquim (2013) aponta que foi a “Ofensiva Política e Organizacional” de Samora Machel e a proclamação da independência do Zimbabwe<sup>99</sup> que impulsionaram essa política, liderada pelo novo ministro da informação José Luís Cabaço<sup>100</sup>. Vieira (2015) demonstra que sob a política dele a lógica de produção estava muito relacionada à formação de um cinema alinhado à realidade da sociedade moçambicana, que não possuía uma formação imagética tão desenvolvida. Assim sendo ele afirmava que (CABAÇO, 1971, *apud* VIEIRA, 2015, p. 73):

A tendência mais imediata é a de querermos fazer cinema como o faz um técnico da Europa, ou de qualquer outro país avançado, esquecendo-nos de perguntar se os doze milhões de moçambicanos que o vão ver serão capazes de o entender [...]. O cinema não deve partir de uma categoria simbólica que não é a do povo, mas da Europa, da América, da União Soviética ou da R.D.A.<sup>101</sup>

O documentário *Ofensiva*, de 1980, foi dirigido por Camilo de Sousa, diretor do INC que em 1981 tornou-se responsável pelo renascimento do *Kuxa Kanema*. Sua análise é realizada aqui porque segundo Patraquim (2013)<sup>102</sup> esse documentário “trata-se de um

---

<sup>98</sup> Apesar dos motivos para essa desmobilização não estarem completamente esclarecidos, é possível especular que ela está relacionada com a própria frustração dos projetos promovidos por estrangeiros no país, conforme já descrito, bem como a enorme dificuldade de produção que aquele contexto representava.

<sup>99</sup> Conforme já demonstrado, a questão da Rodésia foi uma das mais relevantes na política externa de Samora Machel durante os primeiros anos de seu governo. Em 1980, a ZANU, apoiada pelo governo moçambicano, chegou ao poder no país, alterando seu nome oficial para Zimbabwe. Durante a década de 1980 o partido, liderado por Robert Mugabe, adotou também a via socialista e foi bastante relevante nas questões políticas do cone sul africano.

<sup>100</sup> Além de combatente da guerra de libertação, José Luis Cabaço ocupou diversos cargos durante o governo Samora Machel, como por exemplo os cargos de secretário do Estado do Trabalho, dos Transportes e Comunicações e Ministro da Comunicação Social. É também doutor pela Universidade de São Paulo (USP), tendo publicado diversas obras sobre a questão do colonialismo e do pós-colonialismo em Moçambique.

<sup>101</sup> Cabe ressaltar que já nesse período eram correntes alguns manifestos de diretores da América Latina como Glauber Rocha, Julio García Espinosa e Fernando Solanas que criticavam o uso da imagem tecnicamente eurocêntrica no cinema, e propunham a criação de filmes a partir das condições presentes em cada sociedade específica. Esses textos certamente são referentes ao cinema na América entre o final dos anos 1960 e o início dos 1970, entretanto apresentam um discurso próximo ao visto em Moçambique no período estudado, podendo ser considerados como influentes para o mesmo. É válido citar que Solanas era cubano, e que, conforme já demonstrado, o cinema cubano foi altamente influente em Moçambique.

<sup>102</sup> Além de ter sido roteirista na primeira fase do cinejornal, Patraquim foi roteirista também do documentário *Ofensiva* (1980) e da amostragem disponível da segunda fase do mesmo.

trabalho com o espírito do *Kuxa Kanema*, embora não ostente seu selo oficial” (PATRAQUIM, 2013, p. 5). Além do diretor do documentário ser o mesmo da segunda fase do cinejornal, deve-se frisar que as semelhanças narrativas entre eles são bastante notáveis. Assim sendo, ele será entendido aqui como um episódio especial inicial dessa segunda fase, que apresenta diretrizes em sentido semântico e visual para uma nova fase do *Kuxa Kanema*.

Além das questões já citadas, é importante falar inicialmente sobre o projeto intitulado “Ofensiva política e organizacional”, que é apontado por Patraquim (2013) como um dos pilares na renovação do projeto cinematográfico do país. O filme *Ofensiva* (1980) de Camilo de Sousa é a produção cinematográfica que condensa as principais propostas desse momento político, dialogando com muitas cenas do *Kuxa Kanema*, produzidas posteriormente. Ele possui 30 minutos de duração e apresenta Samora Machel como personagem principal, sendo ele o protagonista de todas as suas cenas. Entende-se a partir disso que sua inclusão na presente pesquisa enriquece muito a análise proposta, apesar dele não se tratar propriamente de um episódio do cinejornal.

Sobre o projeto da *Ofensiva*, cabe ressaltar que foi uma política adotada por Samora Machel a partir de 1980 que radicalizou a atuação do Estado moçambicano nos mais diversos âmbitos. Ela passa a aumentar o controle já existente nos organismos estatais e nas empresas públicas, como forma de tornar seu discurso político-ideológico presente em todas as instâncias. Foi lançado pelo presidente moçambicano no discurso intitulado “Fazer da Beira<sup>103</sup> ponto de partida para uma ofensiva organizacional” (1980) e consistiu em um alargamento do Estado em todos os setores do país, de modo a tornar hegemônico o discurso da FRELIMO.

No prefácio do discurso, publicado pela própria FRELIMO, o projeto é definido como “uma ampla ofensiva organizacional, ideológica, econômica e cultural – ofensiva contra a indisciplina, o desleixo, a desorganização, o desinteresse, o espírito de rotina, a incompetência” (MACHEL, 1980, p. 5). O caráter da fala do presidente moçambicano deixa evidente que essa ofensiva está relacionada principalmente à eliminação de

---

<sup>103</sup> É bastante significativo que esse discurso tenha acontecido na Beira, e coloque a cidade como o ponto de partida para dita ofensiva. Localizada no norte de Moçambique, ela afasta-se da área onde havia maior adesão a FRELIMO, e onde a RENAMO ganhava cada vez mais apoio. Uma vez que o discurso possui uma retórica muito relacionada ao combate a elementos “indesejáveis” na sociedade, fica evidente que a opção pela Beira é justamente direcionada a um público que se faz presente no norte do país. Esse discurso pode apontar diversos âmbitos das políticas do período, já tendo sido analisado, por exemplo, quanto à questão de gênero por Rocha (2018). Sua publicação se deu em formato de brochura pela própria FRELIMO, na coleção *Palavras de Ordem*, em janeiro de 1980.

determinados elementos indesejáveis da sociedade moçambicana. Tais elementos seriam heranças do colonialismo disseminadas pelos “inimigos” no interior do país. É importante lembrar aqui que, nesse momento, a guerra civil estava cada vez mais intensa em Moçambique, causando uma crise social e econômica. Além disso, passa a haver uma adesão a RENAMO, especialmente nas regiões centro e norte de Moçambique. Assim sendo, essa mobilização buscada contra os inimigos possui uma retórica de combate justamente nesse contexto. Se antes o combate se dava especialmente quanto a inimigos externos, agora o inimigo aparece fazendo parte da realidade do país.

Nesse documentário essa retórica é não apenas discursiva, como visual. Nas suas imagens Samora Machel é filmado visitando fábricas, distribuidoras e portos, fiscalizando os trabalhadores e cobrando resultados dos mesmos, além de fazer discursos inflamados contra inimigos internos e elementos indesejados presentes na sociedade. Ele é enquadrado aqui interagindo com diversos setores. Além disso, a técnica de Close-Up é utilizada constantemente, de modo a sempre colocar ele junto ao espectador. É evidente um aprimoramento técnico que torna a imagem de Samora Machel muito mais próxima do público.

Visto que a montagem do documentário se dá tornando as aparições do presidente uma constante entre uma cena e outra, de modo a criar um tom de urgência em sua figura, a análise aqui não será dividida em subcategorias, de modo que sua presença no documentário será entendida como uma só, analisada na ordem em que são reproduzidas no filme original.

A presença de Samora Machel já fica clara nos primeiros 60 segundos de imagens, quando várias cenas que mostram ele em meio aos trabalhadores, montadas com agilidade, são reproduzidas junto a uma música de fundo. Na sequência, já sem a música, é uma cena dele discursando para trabalhadores (figura 19) e enumerando os inimigos do país que dá continuidade ao filme (OFENSIVA, 1980, 1:16 – 1:42):

A nossa luta é contra os sabotadores! A nossa luta é contra os preguiçosos! A nossa luta é contra os ladrões! A nossa luta é contra os drogados! A nossa luta é contra os marginais! A nossa luta é contra os especuladores! A nossa luta é contra aqueles que querem oprimir e explorar o povo!

**Figura 19 - Discurso de Samora Machel durante a campanha da Ofensiva.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Fica evidente que a luta proposta pelo presidente moçambicano é relacionada a inimigos declarados do partido, mas que também se relaciona com valores presentes na sociedade, como os “preguiçosos” e os “drogados”, dialogando com o combate a determinados elementos intrinsecamente opostos àqueles desejados em um “Homem Novo” moçambicano. Fica claro, nesse sentido, que a mensagem agora é de uma mobilização não apenas contra “inimigos” do Partido, como também contra todos os cidadãos que não aderem à luta.

A próxima temática relacionada ao projeto da Ofensiva, além desses inimigos, é a crise dos abastecimentos<sup>104</sup> pela qual Moçambique passava. Imagens de mercados são mostradas, com prateleiras vazias, assim como imagens de depósitos vazios e de grandes filas em lojas. Enquanto isso, a locução afirma (OFENSIVA, 1980, 2:36 – 3:15):

A Ofensiva desencadeada desde janeiro pelo presidente Samora Machel permitiu detectar o erro e o desvio. Ela é agora um combate permanente, porque a Ofensiva significa mais produção e mais organização, que querem dizer Luta de Classes e reforço da direção do Partido sobre o Estado e a sociedade. O erro, o desvio e a sabotagem eram enormes, e criou contradições entre o Partido e o povo, entre o Estado e o povo. Ao explorar a crise, institucionalizaram a burocracia para provar que o socialismo não consegue resolver os nossos problemas. Por tudo isso, era necessária a Ofensiva.

---

<sup>104</sup> Segundo demonstra Maloa (2016), as redes de comercialização, escoamento e distribuição de produtos nunca foram completamente controladas pelo Estado após a independência. Desse modo, isso gerou uma grande crise de abastecimentos em Moçambique, levando à falta de estoques e grandes filas em frente às “lojas do povo”.

É notável então que os problemas econômicos do país – que resultam em uma grande crise de abastecimentos – são apontados como responsabilidade do “erro”, do “desvio” e da “sabotagem”. Durante o filme, fica evidente que isso só existe como consequência da presença daqueles “elementos infiltrados” na nação moçambicana, e por isso são eles que devem ser combatidos através de um “combate permanente”. Quaisquer erros ou responsabilidades do Partido nesses problemas são esquecidos, e são claramente esses “elementos” os únicos culpados.

É ainda sobre a crise dos abastecimentos que o próximo discurso dele é filmado. Ele explica como a falta de comprometimento dos responsáveis pelas chamadas “lojas do povo” ficam acomodados com a situação, de modo que a crise está relacionada ao comportamento deles. Enquanto o áudio continua com o discurso de Samora Machel, as grandes filas em frente a essas lojas e seus depósitos vazios são enquadradas. Ele afirma que existem 7 mil funcionários nelas, enquanto existem menos de 4 mil enfermeiros no país inteiro. Desse modo, deixa a entender que a culpa pela crise se dá pela forma como o trabalho acontece, e não por causas externas ou devido a erros nas políticas públicas.

Na sequência, Machel visita a Incatex, empresa de distribuição interna de Moçambique, na qual conhece o novo diretor. Ele se aproxima muito dos trabalhadores para cobrar resultados, enquanto fala que “não estou muito satisfeito com a visita. Visitei somente armazéns onde estão muitos materiais incomodados, desorganizados. Estão lá há meses, anos inclusive. Coisas que chegaram para satisfazer, para permitir a alegria do povo” (OFENSIVA, 1980, 08:34 – 09:07). Enquanto fala, aponta o dedo erguido no rosto do funcionário (figura 20), perguntando “devo entender como o que? Incapacidade? Insuficiência?” (OFENSIVA, 1980, 09:12 – 09:18), em clara postura autoritária. Além disso, essa cena demonstra bem aquele “alargamento” do Estado, uma vez que coloca seu líder máximo agora junto a realidade do dia a dia nacional.

**Figura 20 - Machel visitando o porto de Maputo e cobrando melhorias de funcionário.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

É mais um discurso de Samora Machel que dá seguimento ao documentário, agora falando sobre as fiscalizações que fez nos portos do país. Ele afirma ter encontrado incompetência, indisciplina, burocratismo, desleixo, espírito de rotina, preguiça, trabalhos errados, roubos, sabotagem e produtos sendo deixados “de qualquer maneira”. Com isso, novamente ele está demonstrando os valores e práticas que são combatidos pela Ofensiva. Essa retórica se repete na visita dele ao Centro de Abastecimento do Ministério da Saúde, que segue essa cena. Ele encontra lá muitos colchões, materiais e cobertas que supostamente estariam no local desde 1975 e nunca foram levados aos hospitais. Ele demonstra durante esse momento muita indignação, afirmando que “pessoas nos hospitais estão a dormir no chão” (OFENSIVA, 1980, 14:37 – 14:40), e apontando para as prateleiras lotadas enquanto diz “olhem só isto!” (OFENSIVA, 1980, 14:59 – 15:00), levando a mensagem da Ofensiva agora para a área da saúde.

A cena seguinte é então no aeroporto de Maputo, onde Samora Machel encontra um depósito com as malas de passageiros que não haviam retirado sua bagagem. O presidente fica enfurecido com a desorganização do lugar, e pergunta há quanto tempo aquilo está daquela maneira. Quando descobre que a resposta é “mais de um ano”, fica ainda mais irritado, e ordena “amanhã, evacuar tudo isso que está aqui, para fora! E rever e classificar, ‘no Aeroporto de Maputo há isto, e isto, e isto na alfândega’. Publicar

imediatamente!” (OFENSIVA, 1980, 15:46 – 15:57). Nas diversas áreas nota-se então ele fiscalizando e ordenando determinadas diferenças de postura da população, sendo claramente apontado como um líder presente na realidade, que direciona as ações corretas e define claramente o que deve ser um moçambicano.

O discurso mais agressivo presente no documentário é reproduzido em seguida. Após a visitar uma fábrica de cerveja, Machel passa a discursar para um grande grupo de pessoas (figura 21) de maneira bastante enérgica, atacando inimigos e se mostrando revoltado com os problemas que vê. Fala sobre a barba suja e despenteada dos trabalhadores e sobre suas unhas compridas e sujas<sup>105</sup>. Segundo Samora Machel, esses são “agitadores”, e por culpa deles o povo ficou o natal e o ano novo sem cerveja. Além disso, ainda afirma que essas atitudes levam o povo a lutar contra seu governo, o que seria errado visto que existe um “poder popular” em Moçambique<sup>106</sup>, segundo ele. Assim, ele exime novamente o papel do governo, e até mesmo das forças externas nos problemas nacionais, uma vez que a responsabilidade por eles seria desses elementos infiltrados, ainda dominados pelo colonialismo, que “foram da PIDE, não lavavam com água os pés dos colonialistas, mas sim com a língua” (OFENSIVA, 1980, 18:06 – 08:13).

---

<sup>105</sup> A dita modernização do país, que possuía vínculos de identidade com os projetos socialistas da Europa, também possui um apelo muito claro em relação a práticas de higiene pessoal, ao comportamento no trabalho e a demais práticas sociais, mostrando-se muito mais complexo do que uma simples adaptação da ideologia soviética à realidade moçambicana.

<sup>106</sup> A retórica que entende o Estado socialista como um “poder popular” no qual é o povo, composto por trabalhadores, que está no poder, é comum nos países socialistas. Isso pode ser entendido a partir da própria teoria marxista, que coloca a fase do socialismo no desenvolvimento das sociedades como uma “ditadura do proletariado”.

**Figura 21 - Discurso de Samora Machel durante a campanha da Ofensiva.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

No discurso seguinte, ainda no mesmo tom enérgico, ganha destaque o combate a inimigos internos. Ele cita novamente uma lista desses inimigos, remetendo ela ao colonialismo e aos elementos que ele deixou na sociedade. E então afirma que “foram preparados para o colonialismo, para os substituir [...] os peixes grandes<sup>107</sup>, esses fugiram, mas ficaram os pequenos. Esmaguemos então os pequenos. Fomos condescendentes para com eles, e eles aproveitaram-se disso. Tomam a nossa bondade por fraqueza” (OFENSIVA, 1980, 18:48 – 19:21). Ele ainda continua o discurso, afirmando que os métodos desses colonialistas são “disfarçam-se, utilizando a nossa linguagem. Destroem os bens do povo, os bens do Estado, as conquistas da revolução” (OFENSIVA, 1980, 19:39 – 19:47). É aqui um dos pontos mais explícitos em que ele fala sobre uma infiltração invisível de determinadas figuras na sociedade moçambicana<sup>108</sup>.

---

<sup>107</sup> Pimenta (2015) demonstra que no processo de independência de Moçambique a retórica do governo da FRELIMO acabou levando à emigração da maior parte da população portuguesa que vivia no país. Isso se provou um problema, posteriormente, visto que eram eles os técnicos e administradores com conhecimento suficiente para que Moçambique continuasse com seu sistema estatal e produtivo funcionando.

<sup>108</sup> Meneses (2015) já demonstra que essa retórica a respeito de inimigos internos, herdeiros dos tempos coloniais se faz presente durante o governo de Samora Machel. No caso da autora, é demonstrado isso através da figura de Xiconhoca, um personagem de quadrinhos criado pelo Departamento de Informação e Propaganda da FRELIMO que foi publicado em jornais e revistas do país, utilizando-se de recursos do humor para satirizar valores relacionados ao capitalismo, colonialismo, “tribalismo” e demais questões consideradas condenáveis pelas autoridades da FRELIMO.



O exemplo do cidadão ideal é citado então na reportagem seguinte pelo presidente, quando ele faz uma visita a uma fábrica de cimento. Ele afirma que com o sucesso da empresa, no futuro uma nova fábrica será comprada, e “sairão daqui os mais qualificados, os mais dedicados, os mais disciplinados, os mais competentes, profissionalmente, tecnicamente, conscientemente” (OFENSIVA, 1980, 20:14 – 20:26), para tornar essa nova fábrica ainda melhor que a primeira. Para existir esse sucesso, entretanto, “impontualidade e indisciplina, fora. Bebedeira, fora. Faltas, fora. Não podemos construir a felicidade, o bem-estar, com bandidos e malandros” (OFENSIVA, 1980, 20:41 – 20:56). É então o “Homem Novo” – muito relacionado ao conhecimento científico e ao valor do trabalho – o moçambicano que ganha destaque, enquanto que aqueles ainda dominados por valores vistos como herdados do colonialismo, “velhos”, são os inimigos da prosperidade nacional.

O documentário continua na construção dessa narrativa na cena seguinte, quando Samora Machel se encontra com trabalhadores do porto de Maputo, e afirma a importância de um trabalho limpo e organizado, pensando na família e na nação: “primeiro és tu, é verdade, família. Mas quando melhora a tua família, melhora a família de todos. Trabalhas para teu país” (OFENSIVA, 1980, 23:09 – 23:22), dando papel de destaque à união nacional e à participação popular.

Por fim, é uma cena sobre a visita a APIE<sup>109</sup> que encerra o documentário. Nela, Machel discursa para um grande público, afirmando que lá encontraram um “covil de bandidos, um antro de corrupção, um centro de humilhação do povo [...] centro difusor de boatos para denegrir a revolução” (OFENSIVA, 1980, 27:21 – 27:43). Assim sendo, está claro que esses inimigos tão apontados durante todo o filme estão em combate contra a revolução, de modo que (OFENSIVA, 1980, 28:00 – 28:33):

A Ofensiva que agora iniciamos é o início de uma nova guerra. Guerra contra o subdesenvolvimento, guerra pela edificação de uma sociedade avançada no nosso país, guerra que nos permitirá fazer de Moçambique um país forte. País onde cada moçambicano tenha trabalho, boa alimentação, assistência médica adequada, educação correta, habitação condigna. Um país onde floresçam a liberdade, a dignidade e o amor entre os homens.

Assim sendo, esse discurso final condensa a narrativa construída até aqui. Ou seja, o documentário, por si só é focado em apontar os elementos existentes contrários ao “Homem Novo” que são prejudiciais à sociedade moçambicana. E só a partir de um combate constante e coletivo contra esses “elementos infiltrados” é que se poderá chegar

---

<sup>109</sup> A APIE era a empresa estatal do período responsável pela questão habitacional no país.

ao ideal de uma sociedade prometida de paz e bem-estar social. O moçambicano ideal é claramente aquele identificado com os valores “novos”, enquanto aqueles ainda dominados por valores “velhos” precisam ser combatidos. Samora Machel, é claro, é o líder que irá conduzir as massas populares nesse processo.

#### 4.2. O RENASCIMENTO DO *KUXA KANEMA*

Em 1981, após a remobilização do INC que resultou no documentário *Ofensiva* (1980), o projeto de retomada do *Kuxa Kanema* é posto em prática. Agora ele assume um status de prioridade no INC, e sua periodicidade semanal, ainda que com programas mais compactos, é finalmente cumprida. Os novos episódios possuem apenas 10 minutos, sendo simplificados em relação à primeira fase, de modo a tornar sua mensagem mais clara e dinâmica.

Em um processo de formação de novos quadros, o INC na década de 80 acaba por dar espaços a jovens cineastas como Camilo de Sousa, que passa a assinar a segunda fase do *Kuxa Kanema*, assim como Sol de Carvalho, que foi um dos responsáveis por seu recomeço, e outros 15 realizadores do cinejornal apontados por Convents (2011). São eles: José Cardoso, Henrique Caldeira, Josué Chabela, Ruy Guerra, Moira Forjaz, José Batista, Luís Simão, João Costa, Carlos Henrique, José Baptista, José Fonseca e Costa, Ismael Vuvo, Francisco Roca, Mendes de Oliveira e Anna Fresu.

Assim sendo, entre 1981 e 1991, segundo aponta Watkins (1995), o *Kuxa Kanema* produziu 359 edições semanais e 119 documentários de curta duração. A amostra aqui trabalhada, entretanto, se reduz aos 28 episódios de 1981 que foram publicados pelo INAC em 2013.

É importante frisar ao falar desse novo momento do *Kuxa Kanema* que um aprimoramento técnico é perceptível, de modo a aproximar-se de um noticiário televisivo, e não mais de um copilado de pequenos documentários pouco conectados. Aqui não são encontradas reportagens tão longas quanto visto anteriormente, e o caráter noticioso ganha muito mais destaque. A montagem dos episódios é mais ágil, bem como seus distintos quadros são demarcados de maneira muito clara. É evidente também a simplificação da linguagem. Existem diversas simbologias verbais e imagéticas que continuam presentes aqui. Entretanto a narrativa construída possui muitas novidades que precisam ser apontadas.

Convents (2011) afirma que “na década de oitenta, o *Kuxa Kanema* evolui para um instrumento do Partido e de mobilização contra o inimigo, em vez de se manter como o meio que cede a palavra à população” (CONVENTS, 2011, p. 471). Existe um ataque aos inimigos estrangeiros ainda, mas agora os elementos “indesejáveis” internos ganham muito mais destaque, conforme já apontado na análise do documentário. Além disso o autor ainda afirma que naquela altura o *Kuxa Kanema* tratava-se do único jornal de atualidades semanal da África, atingindo milhares de moçambicanos.

Em acréscimo a isso, Patraquim (2013) afirma que nessa segunda fase do cinejornal ele “comportava um programa ideológico que refletia as necessidades de informação e propaganda do Partido/Estado<sup>110</sup>” (PATRAQUIM, 2013, p. 5), e que “a pulsão de um dirigismo de sentido único, as palavras-alavanca do discurso revolucionário, conflituam com ‘evidência’ de uma realidade só sugerida, ou desvelada e logo submergida na retórica de então” (*ibid*, 2013, p. 6).

Por fim, sua eficácia ganha destaque na Revista Tempo n. 557, publicada em 14 de junho de 1981. Segundo a reportagem intitulada *Kuxa Kanema: uma agradável surpresa*, a volta do cinejornal representou não apenas sua aparição de modo regular semanalmente, o que é apontado como uma vitória, como também uma produção simplificada mais adaptada à realidade moçambicana, onde não se busca “fazer acrobacias” com as câmeras, nem criar uma “nova Hollywood em Maputo”, mas sim “fazer-se cinema com as capacidades que temos”. Assim sendo, resta agora realizar uma análise do papel dado a imagem de Samora Machel nesse novo momento do *Kuxa Kanema*.

#### 4.3. O CULTO A SAMORA MACHEL NA SEGUNDA FASE DO *KUXA KANEMA*

Novamente inicia-se aqui apontando alguns dados da amostra trabalhada. Estão acessíveis através do terceiro DVD da coleção *O Mundo em Imagens*, 28 episódios dessa segunda fase do cinejornal, os quais serão aqui analisados em relação à imagem de Samora Machel. Esses episódios totalizam cerca de 280 minutos de imagens, nos quais Samora é representado em 33 reportagens, as quais totalizam próximo de 64 minutos nas telas. Ou seja, o líder moçambicano está presente em torno de 23% das imagens, em

---

<sup>110</sup> É interessante notar que, ao falar sobre um projeto política do período, Patraquim, que fazia parte do governo, não diferencia partido de Estado. Considerando as questões políticas, o projeto de nação e a personificação do governo, todos já debatidos aqui, torna-se bastante característica essa percepção.

oposição aos 40% da primeira fase. Percebe-se então uma menor frequência aqui em suas aparições<sup>111</sup>. Os programas dessa segunda fase estão ordenados e muitos deles datados. Sabe-se que sua data de início é em abril de 1981, enquanto as últimas produções datam do final do ano, sem data precisa. Nota-se, entretanto, que essa coleção não está completa, visto que dois episódios – aqueles enumerados como 8 e 26 –, entre os 30 primeiros produzidos nesse momento estão ausentes na amostragem.

Apesar dos pontos já citados na análise da primeira fase dos noticiários produzidos pelo INC, é visível que na segunda fase o personalismo ganha novas proporções, e Samora Machel se torna nesse momento mais do que antes a representação pura da nação moçambicana. Na primeira fase, conforme observado, as principais aparições do presidente moçambicano se dão no âmbito de discursos proferidos pelo mesmo, ou em recepções oficiais a líderes estrangeiros. Ele é visivelmente a representação do moçambicano ideal, que mobiliza o país na construção do socialismo, entretanto pouco interage com o dia a dia nacional, e raramente é visto em contato com a população. Já na segunda fase se observa um Samora Machel muito mais presente no cotidiano nacional. Ele é filmado visitando escolas, fábricas e eventos, falando diretamente com cidadãos e cobrando resultados deles. Agora o Estado moçambicano está claramente representado na imagem do seu líder, que se faz presente em todos os âmbitos da sociedade.

A narrativa construída pelas câmeras utiliza-se muito mais dos recursos de close-up, aproximando a câmera do rosto do presidente moçambicano, de modo a aproximar o mesmo do público. Apesar de isso acontecer também na primeira fase, aqui a evolução técnica se faz muito presente, de maneira a aperfeiçoar muito a narrativa sugerida anteriormente. Em imagens de discursos, por outro lado, as técnicas anteriormente citadas, como o uso do *contra-plongé*, voltam a ser utilizadas. Além disso, as tomadas que apresentam o povo em plano geral, destacando as grandes massas populares, continuam ganhando grande evidência, novamente aparecendo com importância a característica popular do governo em questão.

Cabe citar aqui que a própria postura de Samora Machel é fundamental na produção dessas imagens, e que as mesmas traduzem uma postura estabelecida por ele. Conforme apontam Furhammar e Isaksson (1976), “a imagem do ídolo e o seu relacionamento com o público não pode simplesmente ser fabricado por especialistas

---

<sup>111</sup> Essa diminuição, entretanto, precisa ser percebida em relação ao próprio formato do programa, que se torna muito mais ágil e diversificado. Assim sendo, ainda que de maneira numérica a presença de Machel se faça menos presente aqui, é evidente que sua imagem ainda é muito cultuada.

altamente remunerados: em certas situações, eles parecem conseguir isso sem nenhuma ajuda” (FURHAMMAR; ISAKSSON, 1976, p. 160). Assim sendo, cabe citar novamente que Camilo de Sousa, em entrevista ao filme *Kuxa Kanema: o nascimento do cinema* (2003), dirigido por Margarida Cardoso, conforme citado na introdução, afirmou que (*KUXA KANEMA: O NASCIMENTO DO CINEMA*, 2003, 05:04 – 05:45):

Eu fiz uma série de documentários, o *Kuxa Kanema*, com Samora. Eu fiz muito pouco naqueles filmes: foi Samora quem os fez. Foi ele quem ensinou as pessoas, com o cinema ensinou as pessoas passo por passo o que era estar em um país independente, o que era ter seu próprio país, o que era a nação. Foi o cinema que levou a tudo isso.

Outro elemento que aparece novamente é o culto à imagem do líder. Assim como antes, diversas matérias mostram faixas erguidas pelo povo com o rosto de Samora Machel, exaltando sua figura. Além disso, uma nova característica é visível: diversas vezes, em locais públicos, uma foto de Samora Machel é filmada pendurada no topo das salas de reunião e escritórios. Esse é mais um elemento de culto à imagem bastante significativo que não se via na primeira sequência do cinejornal, e deixa bastante claro que a presença do líder em todas as instâncias está fortalecida nesse momento.

Já a presença do exército aqui é mais contida do que na primeira fase. O combate aos inimigos, que ganha muita força nessa segunda fase, especialmente quanto aos inimigos internos<sup>112</sup>, ganha mais ênfase nos discursos desse momento do que nas imagens, que dão um caráter muito mais popular a luta do que militar. O discurso proferido por Samora Machel é claro: a luta é popular, e é responsabilidade do povo vencê-la. Agora o inimigo da nação está presente entre o povo, e toda a mensagem de luta tem relação com ele.

As categorias de análise recebem uma novidade nessa segunda fase do programa. Além da “questão internacional”, e das “políticas da FRELIMO”, anteriormente utilizadas, ganha também um espaço maior de análise a memória construída quanto ao líder moçambicano e a luta anticolonial. Conforme visto na seção anterior, isso já possuía uma grande relevância na narrativa construída. Nessa segunda fase, entretanto, passam a estar disponíveis reportagens especificamente sobre essa questão, de modo que ela não é

---

<sup>112</sup> Quanto a isso, cabe citar que a guerra civil em Moçambique se iniciou em 1977, conforme já citado. O discurso proferido pela FRELIMO em seu princípio era o de que o combate se tratava de um ataque externo realizado pela Rodésia do Sul e, conforme visto na primeira fase do *Kuxa Kanema*, é especialmente contra os inimigos externos que se constrói a propaganda do governo. Com o acirramento do conflito, entretanto, passou a haver apoio popular a RENAMO, especialmente no Norte e no Centro do país, de modo que a retórica passou a falar então desses inimigos internos do regime (que se confunde com o próprio Estado).

apenas um elemento dentro de reportagens sobre outros temas, mas sim uma temática que merece uma categoria própria, que será intitulada “a guerra anticolonial”. Dentro de cada questão, as análises realizadas se darão na ordem cronológica dos episódios analisados.

#### 4.4. A QUESTÃO INTERNACIONAL

As imagens envolvendo Samora Machel com relação à política externa são muito mais diversificadas nessa segunda fase analisada. Primeiramente, serão tratados aqui os países do continente africano. A variedade dessas relações é interessante. São de alguma forma mostrados agora seis países africanos, seja com líderes viajando a Moçambique, como na amostra da primeira fase, seja com imagens de viagens de Samora ao exterior.

Posteriormente, é a relação com os países da COMECON que será novamente abordada. Aqui o destaque vai novamente para a Bulgária e para a República Democrática Alemã, que aparecem em mais de uma reportagem que contam com imagens do presidente moçambicano. Além deles, a Tchecoslováquia também é citada em uma reportagem sobre o assunto. Quanto a esses países, entretanto, é notável que existe, de certa forma, um afastamento, uma vez que eles ganhavam grande destaque na primeira fase e agora possuem apenas aparições mais discretas.

Pelo contrário, agora percebe-se uma aproximação com alguns países do oeste europeu, o que indica já aqui uma mudança na política externa do país. Se até então o socialismo era convicto, e os grandes amigos do país pareciam ser aqueles da ideologia marxista-leninista, agora já se percebe uma abertura em relação a isso, se aproximando de países como a Itália e a Suécia, que representam países onde existia muito mais influência de ideias dos países ditos liberais.

Por fim, serão tratados ainda alguns encontros de autoridades internacionais, como um encontro da OUA no qual Samora Machel discursou, bem como uma feira internacional que aconteceu em Maputo, com representantes de vários países, e mesmo uma reunião que acontece em Moçambique sobre a questão da Namíbia, com políticos do continente africano e representantes da ONU.

Sobre essa questão, percebe-se também uma maior ênfase na imagem de Samora Machel. Na primeira fase, ainda que essa temática demonstrasse uma série de simbologias que exaltavam o presidente, ele de certa forma dividia as atenções com os visitantes. Aqui se percebe que as outras lideranças perdem força. A estrela desses momentos é o moçambicano, e as notícias exaltam a sua imagem em relação a qualquer outra. Sua

imagem é construída como a de uma liderança relevante a nível continental, se envolvendo com diversas questões africanas. Além disso, os elementos relativos a um engajamento popular e a própria exaltação do líder moçambicano aparecem ganhando destaque novamente.

#### 4.4.1. Os vizinhos africanos

O primeiro país africano a ser referenciado na amostragem analisada é a Argélia, que tem uma visita de seu Secretário das Relações Exteriores, Coronel Slimane Hoffman. A reportagem é curta – com apenas 20 segundos de duração – e mostra Samora Machel cumprimentando o visitante com um sorriso, bem como participando de uma reunião com o mesmo. A locução afirma que essa reunião era “no âmbito das boas relações de amizade que unem a FLN e a FRELIMO” (*KUXA KANEMA* 05, 00:32 – 00:36).

Quanto ao país, deve-se falar que a Frente de Libertação Nacional (FLN) foi o movimento que chegou ao poder após a descolonização por parte da França, em 1962. Esse movimento, conforme demonstra Prashad (2007), chegou ao país após uma guerra de independência contra o colonialismo francês. Apesar da influência socialista, o país possuía uma forte característica de não-alinhamento. Naquele momento, seu presidente era Chadli Bendjedid<sup>113</sup>.

O seguinte país africano a aparecer nessa análise é Cabo Verde, que se faz presente no episódio nove dessa sequência. A matéria de 2:30 em questão trata-se da visita do primeiro-ministro do país, Pedro Pires, do Partido Africano da Independência de Cabo Verde (PAICV). Sobre Cabo Verde, Fernandes (2007) demonstra que sua independência está ligada ao projeto de Amílcar Cabral<sup>114</sup>, bem como a independência da Guiné-Bissau, com quem chegou a manter um status de união nos primeiros anos após a descolonização. Em 1981, entretanto, Cabo Verde já não era mais ligado ao estado vizinho, e mantinha uma posição de não-alinhamento, sendo mais próximo do bloco socialista.

---

<sup>113</sup> Chegou ao poder no país em 1979 e foi o segundo presidente de um regime militar implantado em 1975. Sua permanência no poder durou até 1992. Suas políticas se caracterizam por uma constante militarização do estado e por uma agenda empobrecida em termos de políticas sociais, segundo o que aponta Prashad (2007).

<sup>114</sup> Foi um intelectual, combatente e fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), que possuía um projeto relacionado a independência e união de dois países em apenas uma nação etnicamente heterogênea. Seu pensamento foi influente em todo o continente africano, especialmente nos movimentos de libertação da África Lusófona.

Primeiramente, é fundamental citar aqui que a presença de Samora Machel nesse episódio se dá muito mais no âmbito de um culto à imagem do que propriamente em uma narrativa relacionada a ele. A autoridade cabo-verdiana é recebida por Marcelino dos Santos, junto a uma aglomeração de pessoas com cartazes, e também um grupo fazendo danças tradicionais. Nesse momento o culto à imagem do presidente moçambicano já fica claro, uma vez que entre as faixas enquadradas, aquela de maior destaque possui os dizeres “Viva o presidente Samora Moiseis Machel” (figura 22). Além disso, o presidente moçambicano também é enquadrado rapidamente cumprimentando Pedro Pires, de maneira bastante amistosa.

**Figura 22 - Faixa com os dizeres “Viva o presidente Samora Moiseis Machel”.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

A locução afirma que esse encontro se deu “entre combatentes pela causa de liberdade de África e pelo desenvolvimento dos povos” (*KUXA KANEMA* 09, 01:56 – 02:01). O encontro dele com Samora, entretanto, não ganha grande ênfase, uma vez que a reunião realizada se deu sob comando de Pedro Pires e de Marcelino dos Santos,



segundo é afirmado. Em imagens de tal reunião, Samora Machel nem mesmo se faz presente.

É notável também o silêncio da reportagem quanto ao processo que afirmou separação entre a Guiné-Bissau e Cabo Verde. Segundo aponta Fernandes (2007), o Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), projetado por Amílcar Cabral, sofreu com um racha em 1980, de modo que Nino Vieira, líder do partido na Guiné-Bissau, deu um golpe de Estado. Como resultado desses conflitos, o partido se dissolveu em dois. Pedro Pires foi um dos protagonistas desse processo, que levou a formação do PAICV e ao fim da união entre os dois países.

Sobre isso, é digno de nota que o PAIGC era um parceiro histórico de Moçambique. Desse modo, ressalta-se aqui que no momento de uma cisão de um “partido amigo” da FRELIMO, como é o caso, o cinejornal não faz qualquer comentário sobre o processo. Isso pode ser explicado pela própria formação da FRELIMO, que, conforme já demonstrado, possuía diversas linhas em conflito. A própria RENAMO era formada nesse momento por dissidentes da Frente. Assim sendo, calar-se sobre essa situação em Cabo Verde faz parte da narrativa de coesão nacional e partidária que era do interesse do partido que estava no poder naquele momento.

Na sequência, o terceiro país africano na cronologia aqui trabalhada é a República Popular do Congo, que tem a visita de seu presidente da república, Denis Sassou-Nguesso<sup>115</sup>, retratada no episódio número 11. A reportagem possui aproximadamente 1 minuto e 50 segundos de duração. Sobre o Congo, Visentini (2013) afirma que foi um país também alinhado à ideologia do socialismo científico, tendo a União Soviética como principal alinhamento internacional até o final dos anos 80, quando, ainda com Sassou-Nguesso na presidência, iniciou uma abertura econômica no país.

Aqui, a imagem de Samora Machel ganha importância durante toda a reportagem. É ele quem recebe o visitante no aeroporto com um fraterno abraço enquanto a locução afirma que a visita é de “amizade”. Posteriormente, ambos caminham e acenam em meio a uma multidão popular de moçambicanos. Na sequência, realizam uma reunião, na qual Samora Machel visivelmente está centralizado na mesa, atraindo as atenções das autoridades presentes. Enquanto isso, a locução afirma que o presidente congolês disse

---

<sup>115</sup> Desde 1968, o Congo era chefiado por militares. Em 1979, Sassou-Nguesso assumiu o poder, onde permaneceu até 1992, tendo iniciado a dita abertura econômica no país. Em 1997, entretanto, foi eleito novamente presidente, cargo que ocupa ainda até a data atual. Em 1981, ano aqui tratado, ele esteve na URSS, quando negociou um pacto de amizade com os Soviéticos pelo prazo de 20 anos.

que “Moçambique encontra-se na primeira linha de combate pela libertação do continente” (*KUXA KANEMA* 11, 04:51 – 04:54). Assim, mais uma vez, há aquela mensagem de amizade e aproximação entre os países, ao mesmo tempo que um combate a inimigos opressores é repetida.

Em seguida, imagens em que Samora Machel junto a Denis Sassou-Nguesso são enquadrados visitando o porto de Maputo. A locução afirma que o congolês “afirmou ter ficado muito impressionado com o aspecto de organização que ali reina” (*KUXA KANEMA* 11, 05:18 - 05:21). Quanto a isso, cabe ressaltar aqui que esse é um dos momentos dessa “questão internacional” em que a já citada Ofensiva se faz mais notável, uma vez que uma de suas principais características é justamente a presença de Samora Machel nos mais diversos setores moçambicanos, de modo a fiscalizar os trabalhos que estão sendo feitos. Quando ele faz isso sozinho, entretanto, essas visitas se caracterizam por críticas à organização e andamento dos trabalhos no país. Já na presença de autoridades de fora, quando o que está em jogo é a imagem internacional do país, a narrativa construída faz comentários elogiosos.

A reportagem seguinte a abordar um país africano é referente a Botswana. Essa matéria possui aproximadamente 2 minutos e 5 segundos de duração e tem como característica ser a primeira tratada aqui que não se refere à visita de uma autoridade estrangeira a Moçambique, mas sim a uma viagem que Samora Machel fez ao país. Sobre a Botswana é importante citar que o país é considerado um exemplo de democracia na África, uma vez que desde sua independência da Inglaterra, em 1966, teve governos democráticos, sem qualquer golpe de Estado. Na década de 1980, que está sendo trabalhada aqui, o país era um expoente de crescimento no continente<sup>116</sup>.

A narrativa construída nessa reportagem é interessante por apresentar novos elementos de análise. Primeiramente, Samora Machel é filmado em uma grande cerimônia em sua partida de Moçambique. Aqui é um dos poucos momentos onde o exército volta a ter destaque, alinhando-se e tocando músicas na partida do presidente, que cumprimenta autoridades e assiste a marcha dos militares, sendo enquadrado acima deles, em posição de liderança (figura 23).

---

<sup>116</sup> Toit (1995) demonstra que essa característica democrática do país o levou a uma rápida modernização e grande crescimento populacional no seu período pós-independência. O crescimento econômico na década de 1970 era em média de 13,9%, enquanto na década de 1980 ela foi de 11,3%, destacando-se muito perante o continente.

**Figura 23 - Exército em solenidade antes de viagem de Samora Machel.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Após o embarque, apenas fotos dessa visita são mostradas. Nelas é novamente a figura de Samora Machel que ganha destaque. Com exceção de uma foto, que é enquadrada muito rapidamente, em que ele aparentemente está abraçando Quett Masire<sup>117</sup>, presidente do país no período, nenhuma liderança da Botswana se faz presente ou é citada pela locução. É Samora Machel que ganha destaque, aparecendo em indústrias, palestras e em meio a população do país. Nesse sentido, fica aqui visível um personalismo que coloca Machel no protagonismo da pauta sobre política internacional. Enquanto essas imagens são passadas, a locução afirma que o país faz parte da linha de frente e que é um dos parceiros de Moçambique no desenvolvimento da África Austral. Além disso, afirma que Machel visitou as indústrias de cobre e níquel, e inaugurou a feira comercial de Botswana. Em conversações, segundo se afirma, acordou-se o estreitamento das relações entre os países: “além da agricultura e solda, a destacar que Moçambique

---

<sup>117</sup> Apontado por Taylor (2005) como um dos responsáveis pelo grande desenvolvimento do país, ele foi vice-presidente por 14 anos e também ocupou os cargos de Ministro das Finanças e do Desenvolvimento. Assumiu como presidente de maneira interina primeiramente após a morte de seu predecessor *Sir Seretse Khama*, e posteriormente foi eleito para o cargo sucessivas vezes, até 1998.

comprará sementes e carnes e participará no combate a mosca tsé-tsé” (*KUXA KANEMA* 15, 02:09 – 02:15).

É interessante nessa reportagem perceber as alterações na política externa moçambicana. Enquanto antes o contato se dava basicamente com países do chamado bloco socialista, aqui se está falando de um país com grande diálogo com o chamado Ocidente, com o qual Moçambique anuncia uma série de acordos realizados. Assim sendo, é visível uma flexibilização nessas relações.

A seguir, é vez da Zâmbia, que reforça esse comentário. No episódio 16 da sequência analisada, o presidente do país, Kenneth Kaunda, foi a Beira. A matéria relativa a essa visita possui aproximadamente 1 minuto de duração, e se destaca por ser extremamente relacionada a questão dos inimigos externos na região da África Austral. Primeiramente, é importante citar a profunda relação de proximidade entre os governos Machel e Kaunda. Os arquivos da Revista Tempo<sup>118</sup> deixam bastante claro que ao longo do governo Machel, eram Angola, Zâmbia e Tanzânia<sup>119</sup> os três países no continente africano com os quais Moçambique mais se relacionava. É curioso notar, entretanto, que entre eles o único que possuía uma relação de maior proximidade com o chamado bloco socialista era Angola. Zâmbia e Tanzânia, por sua vez, possuíam especialmente relações com a China, mas também estabeleciam contatos com o chamado Ocidente, fazendo parte daqueles países não-alinhados. Kaunda, especificamente, governou a Zâmbia entre 1964 e 1991 e formulou o chamado “Humanismo Africano”<sup>120</sup>.

---

<sup>118</sup> Essa revista, criada em 1970, notadamente aderiu a FRELIMO ainda durante o período do governo de transição em Moçambique. Durante o governo Machel ela se caracteriza por produzir diversas reportagens que reproduziam a narrativa construída pelas autoridades moçambicanas, tanto em questão de exaltação do projeto político que estava em vigor, quanto no ataque aos chamados inimigos nacionais, sejam internos ou externos. Diversas reportagens foram produzidas exaltando os três países citados entre 1975 e 1981. Cita-se aqui: uma longa entrevista com Agostinho Neto, intitulada “Agostinho Neto: sem Angola não se constrói uma África progressista”, publicado na edição número 266, em 1975; uma matéria que exalta o pensamento de Nyerere, presidente da Tanzânia, intitulada “A experiência de um povo em luta contra o passado”, publicada na edição 229, também em 1975; e, por fim a matéria “Kenneth Kaunda em Moçambique”, da edição 290 da revista, de 1976, demonstrando que as relações com esses países se iniciam já anteriormente ao momento da independência moçambicana, e se estendem até pelo menos meados da década de 1980.

<sup>119</sup> É importante citar aqui a Tanzânia, ainda que o país não apareça na amostragem consultada do *Kuxa Kanema*, uma vez que foi no país que a FRELIMO foi fundada, bem como foi a partir dele que se iniciou a guerra anticolonial em Moçambique. Além disso, conforme já citado, as relações entre Machel e Julius Nyerere, presidente do país, sempre foram de grande proximidade. Nyerere foi um intelectual responsável por formular o chamado “Socialismo Africano”, que se relacionou muito com o pensamento maoísta e com a noção de ancestralidade africana. Segundo o pensamento do tanzaniano, verificável nas coletâneas de discursos *Freedom and Unity* (1966) e *Freedom and Socialism* (1968), diz que na África a própria noção de socialismo se faz presente de maneira diferente, devido a questões tradicionais das populações locais.

<sup>120</sup> A teoria de Kaunda, segundo aponta Almeida (2000) “Procurou adotar as ancestrais teorias comunitárias da região, nomeadamente a vida comunitária Luda, à moderna realidade social africana, ligando-as às teorias sociais e proletárias maoístas, sem, todavia, tentar descaracterizar a sociedade

Na reportagem trabalhada, primeiramente Samora Machel e Kenneth Kaunda são enquadrados dando as mãos, e um caloroso cumprimento (figura 24). Na sequência, a imagem é cortada para uma reunião entre as lideranças dos dois países. Segundo afirma a locução, “a estratégia imperialista” e as “ações de desestabilização nessa zona” foram os principais assuntos tratados no encontro. Além disso, afirma-se que a Zâmbia está sofrendo ataques sul-africanos, além de uma extensa greve nas minas de cobre. Assim sendo, é dito que a segurança política e econômica foi tratada, além do “conserto” dos países na África Austral.

**Figura 24 - Samora Machel cumprimentando Kenneth Kaunda.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Nessa reportagem destaca-se, sobretudo, a questão do combate aos inimigos externos na região. É interessante perceber que essa é uma retórica que se faz muito presente tanto nas reportagens da primeira fase do *Kuxa Kanema* quanto nessas que estão sendo trabalhadas agora. Dessa forma, percebe-se claramente que as relações

---

zambiana.” (ALEMIDA, 2000, p. 200). Seu discurso pode ser comparado com a já citada teoria do “Socialismo Africano”, de Nyerere, com quem estabeleceu diversas relações.

internacionais moçambicanas estão muito relacionadas também a questões militares, bem como se percebe uma busca de coesão social através da mobilização contra determinados inimigos em comum desses povos.

Por fim, o último país africano aqui citado é São Tomé e Príncipe, mais um país de língua oficial portuguesa. A viagem do presidente do país, Manuel Pinto da Costa, se deu no episódio 21 da sequência analisada, e possui aproximadamente 3 minutos e 45 segundos de duração. Sobre o país, Nascimento (2015) demonstra que o modelo implantado pelo Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP) era muito semelhante ao já visto em Moçambique e em Angola. Ou seja, existia a alegação de um socialismo científico, em conflito com as questões mais complexas de sua sociedade, que resultaram em uma proposta identitária de construção de um “Homem Novo”. Seu presidente se manteve desde a independência em 1975 até 1991<sup>121</sup>.

Recebido por Samora Machel, a chegada de Manuel Pinto da Costa segue aqui o padrão estabelecido no *Kuxa Kanema*. É recebido com um fraterno abraço por Machel, enquanto uma multidão de pessoas ovaciona os dois no aeroporto balançando pequenas bandeiras. Um grupo de dança é também filmado na recepção. Os dois então são levados por um carro passando em meio a população, percebendo-se a exaltação de suas imagens (figura 25).

---

<sup>121</sup> Em 2011 ele foi eleito novamente ao cargo, onde permaneceu até 2016.

**Figura 25 - Pinto da Costa e Samora Machel em meio a população de Moçambique.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Enquanto essas imagens são reproduzidas, a locução afirma que os países assinaram um acordo de cooperação mútua na economia, e na “identidade de pontos de vista políticos, desde a independência para a Namíbia, à crescente agressividade da gestão Reagan cujas conseqüências se veem hoje em Angola” (*KUXA KANEMA* 21, 01:15 – 01:34). Aqui, é interessante perceber o papel de protagonismo que essa narrativa construída atribui a essas autoridades a nível continental. Duas questões aqui daquele contexto se fazem presentes: a questão da Namíbia<sup>122</sup> e a guerra em Angola<sup>123</sup>, além da citação sobre os efeitos do governo americano de Ronald Reagan<sup>124</sup>.

---

<sup>122</sup> Segundo indica Pini (2014), o projeto de independência da Namíbia está relacionado com a formação do Partido do Povo do Sudoeste Africano (SWAPO), que em 1963 iniciou uma guerra contra o mandato sul africano na região. O conflito envolveu diversas autoridades estrangeiras, e, conforme demonstra o autor, teve um apoio muito cauteloso do ocidente, obrigando o movimento a recorrer aos países de ideologia socialista. A própria URSS, porém, via o mesmo com muita desconfiança. Os países africanos de ideologia socialista, entretanto, apoiaram esse movimento, que conquistou a independência da Namíbia em 1990.

<sup>123</sup> Conforme já citado, Angola entrou em guerra logo após sua independência, tendo o MPLA e a UNITA como os dois principais agentes do conflito. Com o tempo, entretanto, o apoio a UNITA por parte da África do Sul e dos Estados Unidos cresceu muito, como maneira de se opor ao MPLA, apoiado por Cuba e pela União Soviética. Assim, esse conflito torna-se cada vez mais uma guerra com proporções internacionais.

<sup>124</sup> Foi presidente dos Estados Unidos entre 1981 e 1989. Representante do partido dos republicanos, foi muito criticado pela administração da FRELIMO, tendo inclusive sido chamado de “cowboy” em episódio

Na cena seguinte, em reunião, Samora Machel fala palavras sobre a cooperação e amizade entre os países, sendo respondido pela autoridade de São Tomé e Príncipe. Na sequência, Manuel Pinto da Costa é acompanhado por Marcelino dos Santos em uma visita a Zambézia, onde deu um grande discurso, mostrando-se uma das autoridades estrangeiras mais exaltadas dessa fase analisada. Grandes enquadramentos em planos abertos são feitos de um público mobilizado durante sua fala (figura 26).

**Figura 26 - População moçambicana assistindo a um discurso de Pinto da Costa.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Na fala, ele reafirma a proximidade entre a FRELIMO e seu partido, o MLSTP, bem como exalta um passado de exploração em comum – aparecendo novamente um uso da memória nesses discursos – e agradece ao povo pela recepção. Por fim, enquanto imagens do povo de Moçambique no evento são enquadradas, a locução afirma que essa visita serviu para eliminar definitivamente a imagem negativa que a população

---

do *Kuxa Kanema*, em reportagem sem referências a Samora Machel. Em 1985, entretanto, Machel fez sua primeira e única viagem aos EUA, onde foi recebido por Reagan, com quem estabeleceu diálogos.



moçambicana tinha do país como herança do escravagismo<sup>125</sup>. Assim, aqui a mensagem de amizade entre Moçambique e essa ex-colônia portuguesa é bastante forte e contundente, indicando uma grande proximidade entre esses governos e a sintonia em suas mensagens e no combate a determinados inimigos.

Encerra-se assim a participação de países africanos na amostragem trabalhada. Pode-se perceber nessa análise que determinadas novidades estão presentes. Primeiramente: se faz perceptível a já citada abertura nos diálogos moçambicanos. Países como São Tomé e Príncipe e Congo ainda se fazem presentes, certamente, conforme o padrão da primeira fase do cinejornal. Em contrapartida, agora aparecem Argélia, Cabo Verde e Zâmbia, que possuem um alinhamento internacional bastante diferente do estabelecido anteriormente<sup>126</sup>. Além deles, ainda aparece a Botswana, que se caracteriza por um modelo democrático semelhante ao praticado no ocidente, e completamente contrário ao tipo de poder praticado em Moçambique.

Outra questão que se destaca nesse sentido é que, conforme citado anteriormente, agora a figura de Samora Machel ganha mais destaque do que as das autoridades estrangeiras. No caso dos países africanos, entretanto, essa afirmativa deve ser relativizada. Primeiramente, cita-se que no caso da Botswana nem mesmo são feitas referências à autoridade do país, enquanto o moçambicano é bastante promovido. Além disso, é verdade que em casos como dos visitantes da Argélia e de Cabo Verde não existe grande espaço para os estrangeiros, enquanto a figura de Machel acaba, de um modo ou de outro, sendo promovida nessas reportagens. Por outro lado, quando se fala de Congo, Zâmbia e São Tomé e Príncipe percebe-se sim uma presença maior do culto à personalidade, tanto do presidente moçambicano quanto dos visitantes. Sobre esses três países, pode-se afirmar que eles têm em comum com Moçambique um governo extremamente centralizado, onde o poder se concentrava muito nos seus presidentes. Assim sendo, pode-se afirmar que, no caso dos países do continente africano, a presença

---

<sup>125</sup> Ao contrário de outras regiões da África, em São Tomé e Príncipe não existia uma população local antes do domínio português nas ilhas. Assim sendo, o local foi o destino de muitos africanos que foram levados para trabalhar na região. Muitos moçambicanos fizeram parte desse processo, trabalhando principalmente na produção agrícola. O trabalho, segundo demonstra Nascimento (2004), apesar de se dar de maneira contratada, se aproximava muito das condições de escravidão ainda durante o século XX.

<sup>126</sup> É verdade que, conforme já citado, a Zâmbia possuía relações históricas com Moçambique desde o período anterior. Mas aqui deve-se citar primeiramente que só agora países com essa característica passam a fazer parte da narrativa cinematográfica do *Kuxa Kanema*, pelo menos de acordo com a amostragem disponível. Além disso, é notável também que antes essa relação com a Zâmbia - como também existia com a Tanzânia - estava relacionada a uma proximidade geográfica dos países. Já agora essa diversificação na política é perceptível a níveis continentais (e inclusive intercontinentais). Estudos de outras fontes da época, como a já citada Revista Tempo, também deixam isso claro.

do culto à personalidade se dá quando se aborda os países onde essas autoridades, assim como Samora Machel, concentram mais o poder. Se nesse momento estamos falando de um maior centralismo de Machel em Moçambique, então é uma realidade que a narrativa oficial estabelece uma relação entre ele e outras autoridades que também se posicionavam assim.

#### 4.4.2. Os países da COMECON

O bloco de países do chamado Leste Europeu é o seguinte a ser analisado aqui. Primeiramente, é importante afirmar que se existem muitos elementos novos nas relações estrangeiras moçambicanas nessa segunda fase do *Kuxa Kanema*, existem também elementos que estavam presentes anteriormente e que desaparecem agora. Ao contrário da primeira fase, onde esses países europeus ganhavam grande destaque, podendo inclusive ser apontados como os principais protagonistas externos naquela amostragem, agora eles recebem um lugar de coadjuvantes, com menos importância. São três os países citados aqui, entretanto em nenhum deles uma visita de presidente é vista. Todos eles aparecem de maneira muito mais contida e com menos ênfase do que na primeira fase. Uma explicação para isso pode se dar na recusa que Moçambique recebeu de entrada no COMECON exatamente nesse ano, conforme já citado, bem como na crise econômica pela qual passava no período, o que levou o país a buscar demais apoios estrangeiros, sem tanto foco no bloco soviético.

O primeiro país que se faz presente é a Bulgária, sendo também esse o de maior impacto na narrativa do cinejornal. Cita-se aqui o país em duas reportagens, uma de 1 minuto e 15 segundos, que está no episódio 10 do *Kuxa Kanema*, e outra de 1 minuto e 40 segundos, no episódio número 15. Essas duas reportagens aparecem no mesmo âmbito, que é o do aniversário de 1.300 anos da fundação de seu primeiro Estado. Na primeira reportagem, Samora Machel nem mesmo aparece, é apenas citado por José Luis Cabaço, que faz uma declaração de formação de um comitê pelas comemorações dessa data, colocando o presidente moçambicano como seu presidente honorário. Ele cita que haverá uma “grande celebração” e se refere aos búlgaros como “o povo irmão da Bulgária”.

Na sequência, algumas fotos e imagens da Bulgária são reproduzidos, enquanto a locução afirma que no ano de 681 afirmou-se a primeira nacionalidade<sup>127</sup> desse povo balcânico. Logo, entretanto, a narrativa já pula para o ano de 1933, destacando a figura de Georgi Dimitrov<sup>128</sup>. Na sequência, Todor Jvikov ganha destaque como atual dirigente do país, que, segundo a narrativa está “ao serviço de seu povo e da paz no mundo” (*KUXA KANEMA* 10, 08:12 – 08:15).

A reportagem seguinte relaciona-se exatamente com Jvikov. Ainda no clima das comemorações do aniversário da independência do país, com duração de 1 minuto e 40 segundos, se apresenta uma exposição que foi realizada em Maputo. Em sua inauguração, o ministro José Luis Cabaço fala algumas palavras abordando a “prática do internacionalismo militante” (*KUXA KANEMA* 15, 05:00 – 05:03), que seria comum nos “países socialistas, e nesse caso da República Popular da Bulgária” (*KUXA KANEMA* 15, 05:07 – 05:11). Na sequência, a exposição é filmada, e diversas fotos de Samora Machel ao lado de Jvikov são enquadradas pelas câmeras. A locução afirma que se tratam de fotos que retratam a vida social e econômica do país, bem como das viagens do presidente moçambicano a Bulgária, e de Jvikov a Moçambique. Assim, percebe-se aqui uma continuidade na narrativa relativa à cooperação internacional e o caráter positivo do socialismo implantado no Leste Europeu, bem como a continuidade da política de memória. Entretanto, o que não está mais tão enfatizado é a exaltação da imagem do líder, seja do Moçambicano, seja do Búlgaro.

Essa característica pode ser vista também nas outras duas reportagens relativas a países da região. A República Democrática da Alemanha (R.D.A) está presente em uma reportagem de 1 minuto e 40 segundos, presente no episódio número 24. Nela, o Major General Hama Thai<sup>129</sup> acompanha o embaixador da R.D.A em Moçambique em uma

---

<sup>127</sup> Sobre a expressão “nacionalidade” utilizada aqui, é importante retomar a problematização feita anteriormente, que aparecem na discussão clássica sobre o tema, com autores como Anderson (2008), Hobsbawm (2002) e Smith (2000). Segundo afirmam os autores, com diferentes argumentações e discordâncias, seria bastante problemático afirmar que existia um Estado-Nacional búlgaro em 681, uma vez que todos eles concordam que a questão das nacionalidades passa a ser relevante na formação de um Estado somente muito após esse período.

<sup>128</sup> Georgi Dimitrov foi um militante comunista búlgaro. Secretário-geral da Internacional Comunista entre os anos de 1934 e 1943 enquanto vivia na URSS, retornou ao seu país após o exército vermelho expulsar a Alemanha Nazista do território. Após a Segunda-Guerra Mundial, o Partido Comunista Búlgaro (BKP) chegou ao poder e Dimitrov foi eleito para o cargo de Secretário Geral do partido, tornando-se o principal estadista do país. Faleceu em 1949. Assim como Dimitrov é exaltado nessa reportagem do *Kuxa Kanema*, outras personalidades históricas do socialismo internacional, como Lênin ou Amílcar Cabral, por exemplo, já haviam sido exaltados na Revista Tempo em outros momentos. Aqui, existe uma forte relação com uma política de memória já citada anteriormente.

<sup>129</sup> Hama Tai é um militar de destaque moçambicano, que durante o governo de Samora Machel possuía importância política e chegou a participar de reuniões e tomadas de decisão junto ao presidente.

visita a uma exposição de fotos sobre o país europeu, inaugurando a semana de amizade Moçambique – Alemanha Democrática. Ao mostrar as fotos, são as imagens de Samora Machel ao lado de Erich Honecker algumas das enquadradas. Enquanto isso, a locução afirma que “a semana foi ponto de encontro do internacionalismo proletário” (*KUXA KANEMA* 24, 00:46 – 00:48). Ainda é mostrada uma comitiva do país em visita à indústria do metal. Essa visita, segundo é afirmado, “serviu para mostrar a cooperação em setores estratégicos da economia que une os dois povos” (*KUXA KANEMA* 24, 01:31 – 01:38). Assim sendo, os mesmos elementos percebidos sobre a Bulgária estão presentes aqui: o discurso de cooperação internacional permanece, o internacionalismo que conta com ajudas técnicas e econômicas, já visto na primeira fase do *Kuxa Kanema*, bem como a presença dos principais líderes de cada país. Esses elementos, entretanto, são reduzidos a algumas fotos enquadradas, perdendo assim muito do impacto causado anteriormente.

Por fim, o terceiro e último país aqui presente é a Tchecoslováquia, que aparece em uma reportagem de 2 minutos e 20 segundos. A reportagem, presente no episódio 27, mostra a chegada de Samora Machel de volta a Moçambique após uma visita à Itália (que será posteriormente abordada) e a Tchecoslováquia. Nessa reportagem, as únicas filmagens presentes mostram a recepção a Machel em sua volta ao país. Esse momento apresenta os mesmos elementos daqueles apresentados na recepção de estrangeiros. Ou seja: aqui aparecem danças tradicionais e um grande grupo de pessoas, que carregam pequenas bandeiras de Moçambique enquanto Samora Machel passa apertando as suas mãos (figura 27). O exército também realiza um desfile que aqui é novamente saudado pelo líder. Marcelino dos Santos vai ao aeroporto receber o presidente, dando um fraterno abraço no mesmo.

**Figura 27 - Samora Machel interagindo com a população em sua chegada a Maputo.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Percebe-se que a exaltação do presidente moçambicano continua ganhando ênfase. O que perde força é justamente a presença dos estrangeiros, uma vez que essas viagens são contadas apenas com algumas fotos. Sobre a Tchecoslováquia é importante citar que esse é um país aliado a URSS desde o Golpe de Praga<sup>130</sup>, tendo sido um dos membros fundadores do COMECON em 1949 e protagonista da Primavera de Praga<sup>131</sup> em 1978. As fotos mostram Samora Machel chegando ao país, sendo recebido por uma

---

<sup>130</sup> O chamado “Golpe de Praga” foi o momento em que o KSC, com apoio da população local, assumiu o governo da Tchecoslováquia. Segundo Rollo, Ribeiro, Cunha e Valente (2016) isso evidenciou a URSS como o novo inimigo dos países do chamado Ocidente.

<sup>131</sup> Marques e Oliveira (2013) afirmam que a Primavera de Praga foi um movimento protagonizado pela juventude estudantil que em 1968 conseguiu que o presidente Alexandre Dubcek iniciasse uma série de reformas, levando uma liberalização política no país através da busca para se conciliar liberdades individuais com o regime socialista. Essas reformas não foram bem recebidas pelos países membros do Pacto de Varsóvia que invadiram o país e terminaram com o reformismo. Sobre isso, Sérgio Vieira afirma que os militantes da FRELIMO se viram contrários a direção do Partido Comunista Soviético, uma vez que “encarava a *Primavera de Praga* como uma alternativa sã e necessária ao cinzento da burocracia socialista. A entrada das tropas do Pacto de Varsóvia em Praga punha em causa o princípio sagrado de autodeterminação e independência e o direito e dever de cada povo em fazer e defender sua revolução” (2013, p. 594). Ainda assim, Mondlane e Machel, como os líderes do movimento, rechaçaram qualquer tomada de posição contrária à URSS, uma vez que a FRELIMO necessitava do apoio do Leste Europeu.

multidão que carrega pequenas bandeiras de Moçambique, dançando com uma mulher em um evento, discursando, bem como ao lado do Gustáv Husák<sup>132</sup>, presidente do país e secretário do Partido Comunista da Tchecoslováquia (KSC) naquele período. A locução nesse momento afirmou que um acordo de cooperação foi assinado em vários níveis nesse encontro. Além disso, empreendimentos econômicos no campo da agricultura e da indústria foram visitados. Um reforço da cooperação entre os dois partidos e estados é o objetivo com isso.

Assim sendo, aqui pode-se perceber que ainda existe uma narrativa de aproximação entre Moçambique e os países do Leste Europeu e, principalmente, uma busca de apoio desses países no desenvolvimento do país. Por outro lado, aquela exaltação das grandes lideranças desses países aqui está muito mais contida, bem como as próprias aparições deles. Se na primeira fase do *Kuxa Kanema* eram esses os países mais carregados de simbologias em suas referentes reportagens, com Samora Machel sendo exibido sempre de maneiras positivas em relação a eles, aqui eles tornam-se sim países importantes, entretanto já não mais os protagonistas da política externa. A explicação disso pode se dar no próprio contexto moçambicano. Conforme já citado, o país se via em uma grande crise econômica e humanitária naquele período, resultado tanto de políticas fracassadas nos anos anteriores, quanto da guerra civil que se tornava cada vez mais intensa. O apoio da URSS e dos países do chamado bloco soviético, que era esperado especialmente após a tomada da via socialista em 1977, não correspondeu às expectativas moçambicanas, o que fica evidente com a recusa do país como membro do COMECON. Assim sendo, no momento analisado aqui, percebe-se uma busca moçambicana por novos apoios, mudando o foco de sua política externa, deixando de ter tanta ênfase nesses países.

#### 4.4.3. A aproximação com o Ocidente

Conforme já percebido anteriormente, o alinhamento internacional moçambicano aparece com diversas alterações nessa segunda fase do *Kuxa Kanema*. A narrativa construída nos primeiros anos após o III Congresso – que se faz presente na primeira fase do cinejornal e nos discursos oficiais do período – é a de um alinhamento bastante

---

<sup>132</sup> Após a primavera de Praga, foi Husák quem tornou-se o novo líder do país, com apoio de Brezhnev, presidente Soviético no período. Ele foi responsável por revogar as reformas promovidas por Dubcek, além de tornar-se um dos aliados mais leais a Moscou nas duas décadas subsequentes. Permaneceu no poder até 1989, ano em que a União Soviética desintegrou-se e a via socialista foi abandonada em toda a região.

rigoroso aos países do chamado bloco socialista, ainda que estabelecendo diálogo com alguns países não-alinhados dentro do continente africano. Aqui, entretanto, essa relação se inverte. É evidente que ainda existe um grande diálogo com o chamado bloco socialista. Entretanto são os países não-alinhados aqueles que se fazem mais presentes, em uma visível abertura que se está estabelecendo na política externa de Moçambique. Talvez os dois principais exemplos disso sejam justamente as reportagens relativas à Suécia e à Itália, dois países europeus não-alinhados, com características muito diferentes das verificadas nos outros países até aqui, visto que se tratavam de democracias que internacionalmente dialogavam tanto com a URSS quanto com os EUA, ambos naquele momento assumindo projetos socialdemocratas<sup>133</sup>.

A primeira reportagem a se fazer presente aqui é referente a uma visita do primeiro-ministro sueco, Thorbjörn Fälldin<sup>134</sup>, que aparece no episódio de número 17, com um minuto e 15 segundos de duração. A reportagem é bastante contida quanto à exaltação da personalidade. O político sueco chega a Moçambique junto com uma pequena comitiva no turno da noite. Dessa maneira, aqui a recepção é feita apenas por Machel e uma pequena comitiva, mas sem todos aqueles elementos citados nos outros casos. Eles apenas se cumprimentam e conversam rapidamente de maneira amigável, e o líder sueco recebe um buquê de flores.

As imagens então mostram uma reunião realizada entre as duas comitivas, em que Machel e Fälldin sentam ao centro da mesa. A locução afirma que ela se dá “visando o aprofundamento da frutuosa cooperação existente entre ambos os países”<sup>135</sup> (*KUXA KANEMA* 17, 02:27 – 02:31). Por fim, um aperto de mão entre os líderes políticos encerra a reportagem. Assim sendo, aqui mostra-se uma mensagem muito mais relativa a uma

---

<sup>133</sup> Giddens (1998) fala sobre uma “terceira via”, que se refere a esses governos que não se definiriam nem pela intervenção do Estado em todos os setores, como nos países socialistas, nem pela completa liberdade de mercado, como no modelo americano. Os países com esse modelo normalmente não se alinharam a nenhum dos lados no mundo bipolar da guerra fria. Durante a década de 1980, com a decadência soviética, ele ganhou mais força, especialmente na Europa. A Suécia se caracteriza por um país com essa política já ao longo do século XX, enquanto a Itália apenas assumiu essa posição justamente durante a década de 1980. Em 1981 o presidente do país era do Partido Socialista Italiano (PSI), que assumia essa vertente. Entretanto, apenas em 1983 um primeiro-ministro do partido assumiu o país.

<sup>134</sup> Representante do Partido do Centro, ele ocupou o cargo de primeiro-ministro na Suécia em duas ocasiões: entre 1976 e 1978, e entre 1979 e 1982. Seu legado político é muito relacionado a tradição democrática do país, tendo sido um importante negociador entre os três partidos durante um período em que se enfrentava uma recessão econômica na região.

<sup>135</sup> Uma matéria publicada na Revista Tempo 528, de novembro de 1980, fala sobre uma ajuda sueca a Moçambique na área da energia. Em fevereiro de 1982, em sua edição 592, a revista afirma também que a Suécia é uma compradora do carvão moçambicano. Por fim, em outubro de 1981, durante a oitava sessão da assembleia popular, Samora Machel afirmou que o país estava engajado na reconstrução moçambicana, participando em muitos de seus projetos. (*Notícias*, Maputo, 7 de outubro de 1981)

suposta cooperação entre os dois países, do que de mobilização simbólica ou posicionamento político.

Sobre a relação entre eles, diversos depoimentos reunidos por Sellstrom (2002) demonstram que a Suécia possuía um posicionamento internacional de apoio à luta dos povos colonizados, de modo que seu suporte a FRELIMO se dava desde a guerra de libertação. Mais que isso, esses relatos demonstram a postura sueca foi de apoio a FRELIMO, mesmo durante o governo Machel. Fica claro então que a diferença está na narrativa construída pelo *Kuxa Kanema* em relação às questões internacionais em Moçambique, que busca incluir países do chamado Ocidente, e não mais apenas aqueles que também adotavam o socialismo científico.

Na sequência, no episódio 27, conforme comentado anteriormente, é a Itália que aparece – na mesma reportagem já citada em que a Tchecoslováquia se faz presente – que possui 2 minutos e 20 segundos de duração. Samora Machel é filmado chegando em Moçambique e a viagem é contada apenas por fotos. Essas fotos mostram o presidente moçambicano em reunião com o presidente italiano Sandro Pertini<sup>136</sup>, bem como palestrando na cidade de Reggio Emilia<sup>137</sup>, visitando o túmulo do padre Cesar Iberturi em Brescia, além de uma foto em Veneza. Além dessas cidades, a locução ainda afirma que ele esteve em Milão<sup>138</sup>.

Sobre o Padre Cesar Iberturi, a locução ainda constrói uma narrativa de memória, afirmando que “este padre italiano morreu em 1976 e foi um combatente da causa do povo moçambicano, denunciando as atrocidades cometidas pelo regime colonial fascista e a sua aliança com a igreja católica portuguesa” (*KUXA KANEMA* 27, 01:18 – 01:32). Aqui, novamente, uma política de memória muito associada ao período colonial é

---

<sup>136</sup> Um dos ícones na resistência contra o fascismo na Itália, Pertini foi uma importante liderança do Partido Socialista Italiano e também um grande opositor ao colonialismo. Assumiu a presidência do partido em 1978 e permaneceu no cargo até 1985. Apesar do nome “socialista” de seu partido, pode ser considerado um representante da socialdemocracia europeia, tendo condenado a invasão soviética ao Afeganistão.

<sup>137</sup> Segundo aponta Rinaldi (2014) a cidade de Reggio Emilia, fortemente influenciada pelo socialismo entre o final do século XIX e início do século XX, e é conhecida a partir do fim da Segunda Guerra Mundial como uma cidade que, com a derrota do fascismo, implantou políticas progressistas em sua reconstrução e desenvolveu um modelo educacional inovador baseado na lógica de que cada criança é um indivíduo com múltiplas capacidades. O modelo lá desenvolvido parte do pressuposto de grande participação da comunidade na administração dos espaços públicos, sendo a democracia um dos seus principais alicerces. Pode-se perceber então que simbolicamente a visita de Samora Machel é bastante significativa, uma vez que seu governo também nasce a partir da luta contra um regime fascista, bem como está buscando um engajamento popular cada vez maior no desenvolvimento de seu projeto de Nação. Construir uma narrativa que aproxima o regime de Machel da cidade de Reggio Emilia no *Kuxa Kanema* remete então a todos esses valores democráticos e de diversidade que estão ali estabelecidos.

<sup>138</sup> Uma edição especial da Revista Tempo dedicada a essa viagem foi publicada em 1981. Nela, afirma-se que a reunião resultou em apoios que Moçambique irá receber nas áreas da produção agrícola e alimentar, telecomunicações e energética.



construída através da exaltação de determinados heróis estrangeiros que apoiaram a causa da descolonização.

Ao contrário do que se verificou quanto a questão da Suécia, as relações entre Itália e Moçambique de fato se estreitaram nesse período<sup>139</sup>. Segundo demonstram Bussotti e Muti (2013), no final da década de 1970, a Itália iniciou um processo nas relações exteriores que levou o país a sua “era de ouro” na cooperação internacional durante os anos 1980. Moçambique, conforme demonstram os autores, foi um dos países mais beneficiados nesse processo. Assim sendo, pode-se perceber que no mesmo momento em que houve um afastamento moçambicano com os países do COMECON e uma natural busca por novos apoios internacionais, a Itália também se abria para novas relações exteriores no terceiro mundo, apoiando assim o projeto de Machel nas áreas agrícola, alimentar, de telecomunicações e energética.

Conclui-se então que um discurso em relação a esses países aproxima-se de certa forma daquele praticado com relação aos países marxistas-leninistas nesse novo momento, onde não existe mais uma grande aproximação ou culto às personalidades, mas sim uma mensagem de apoio e cooperação que se mostra principalmente pragmática. Sem dúvidas, aqui existem alguns países do próprio continente africano que aparecem com muito mais destaque do que qualquer país europeu nessa segunda fase. Por outro lado, esses países exemplificam como agora esse tipo de apoio não é esperado apenas dos países do chamado bloco socialista, mas também daqueles que se posicionam como não alinhados a nível intercontinental.

#### 4.4.4. Os encontros internacionais

Por fim, termina-se a análise relativa à questão internacional nessa segunda fase do *Kuxa Kanema* com mais uma categoria nova. A proposta aqui é abordar uma novidade proposta nessa segunda fase do cinejornal que se trata de noticiar a participação moçambicana em encontros internacionais, ou sua relação com órgãos ou empresas internacionais. Nessas matérias não se está enfatizando a relação da Samora Machel com nenhum país em específico, mas sim sua postura diante da comunidade internacional de

---

<sup>139</sup> Para além dessa reportagem, Sérgio Vieira afirma que “na busca por isolar o inimigo principal e ganhar novos amigos, a FRELIMO procurou estender as suas relações com as várias tendências do Partido da Democracia-Cristã italiana, com o Vaticano, com numerosas organizações do Conselho Econômico e das Igrejas protestantes, movimentos estudantis, etc.” (2013, p. 317).

modo geral. São três as reportagens relativas a isso: a primeira é relativa a uma cimeira da OUA; a segunda trata-se de uma feira internacional que acontece em Moçambique, recebendo representantes de diversos países; e a terceira de uma reunião que acontece em Maputo com diversos representantes de outros países para tratar da questão da Namíbia.

Com 2 minutos e 30 segundos, a primeira reportagem aqui trabalhada está presente no episódio de número 11 da sequência. Seu conteúdo é relativo à décima oitava cimeira da OUA, que aconteceu em Nairóbi, capital do Quênia. Enquanto algumas imagens da cidade são reproduzidas, a locução afirma que os três principais pontos desse encontro eram: a ocupação marroquina do território saariano<sup>140</sup>, a situação jihadiana<sup>141</sup> e o conflito somali-etíope<sup>142</sup>.

A imagem é cortada então para a fala de Samora Machel no evento. A câmera, em um enquadramento fechado, registra as palavras do presidente no evento: “quando, esta manhã, sua majestade Hassan II aceitou o referendo, ele reconheceu o direito legítimo do povo saarauí a livremente construir o seu destino” (*KUXA KANEMA* 11, 06:58 – 07:20). Além disso, ele defende um cessar fogo e um projeto pacífico na questão. “Resolvido o problema colonial do Saara, estamos em condições de consagrar de uma maneira dinâmica, de uma maneira vigorosa, os esforços unidos da África na liquidação do colonialismo na Namíbia e do *apartheid* na África do Sul” (*KUXA KANEMA* 11, 08:11 – 08:33).

Duas características devem ser destacadas então nesse momento. Primeiramente, é perceptível um papel de liderança a nível continental que é dado a Samora Machel aqui, uma vez que ele se encontra discursando e debatendo sobre um conflito no norte do

---

<sup>140</sup> Filho (2010) afirma que esse conflito se dá no âmbito da descolonização da região do Saara Ocidental pela Espanha em 1976. Nesse momento, esse território foi ocupado pelo Reino do Marrocos, na época governado por Hassan II. O movimento “Frente Polisário”, entretanto, afirma que é ele o representante do povo saarauí, de modo que o Marrocos seria um “novo opressor” na região. Apesar das palavras otimistas de Samora Machel com relação ao conflito, ele até hoje não foi resolvido, e um dos seus resultados é o fato de que o maior campo minado do mundo se encontra nessa região.

<sup>141</sup> A reportagem não esclarece muito quanto ao que se está abordando aqui. Entretanto, é relevante citar que Israel e Egito naquele momento realizaram algumas aproximações, que eram mal vistas pela Irmandade Muçulmana, de modo que no período houve um aumento da violência por parte do grupo. Meses depois desse evento, datado no início de julho de 1981, o presidente egípcio Muhammed Al Sadat foi assassinado por membros do grupo. É provável que tenha sido essa a questão abordada aqui.

<sup>142</sup> A região do Chifre Africano é uma das mais conflituosas do continente, e ao longo das últimas décadas passou por uma série de tenções. Duas disputas estão em questão aqui: o próprio conflito entre Somália e Etiópia em torno da região de Ogaden, encerrado em 1978 com a Etiópia como principal vencedora, mas que deixou os ânimos acirrados entre os dois países; e o conflito da Etiópia contra a separação da Eritreia, que se resolveu apenas em 1991 com a independência da região. Os separatistas da Eritreia foram apoiados pela Somália durante esse conflito, uma vez que a Etiópia era aliada da URSS durante o período, enquanto a Somália passou a ser apoiada pelos EUA no conflito de Ogaden. Assim sendo, esses conflitos devem também ser entendidos dentro do contexto da Guerra Fria.

continente africano, no qual Moçambique não estava diretamente envolvido. A imagem que se constrói é a de uma autoridade não apenas na região do cone-sul africano. Além disso, percebe-se novamente uma preocupação do líder moçambicano na resolução de determinados conflitos que tocam mais diretamente seu país. Leia-se: o fim do *apartheid*<sup>143</sup> e a questão da Namíbia. Percebe-se então uma ampliação da imagem do líder nesse contexto, que sem dúvidas é retratado assumindo um papel de maior relevância, reforçando seu aspecto mítico.

Apesar de, cronologicamente, a próxima reportagem que deveria ser analisada estar presente no cinejornal de número 20, anteriormente será abordada uma reportagem do programa de número 29, uma vez que a reportagem de 2 minutos e 30 segundos aborda justamente essa questão da Namíbia. Seu assunto é uma reunião que acontece em Moçambique com uma comissão da ONU. Nesse encontro, Samora Machel é filmado no topo da mesa (figura 28), dando início a reunião e afirmando que se busca “encontrar a solução definitiva pela questão da Namíbia” (*KUXA KANEMA* 20, 00:50 – 00:55). Após a reunião, algumas entrevistas são mostradas. Uma dessas autoridades em questão afirma que eles já estiveram também na Nigéria e em Angola na tentativa de resolver essa questão. Na sequência, foi Joaquim Chissano quem falou em entrevista, afirmando que Moçambique iria estudar e consultar a SWAPO e outros países da Linha de Frente antes de anunciar sua posição.

---

<sup>143</sup> Aqui, deve-se entender que apesar de uma possível condenação pessoal que Samora Machel fizesse ao *apartheid*, existe um conflito especificamente com o regime político sul-africano que promovia o *apartheid*, uma vez que o mesmo apoiava a RENAMO na guerra civil que ocorria em Moçambique. Assim sendo, essa resolução defendida pelo moçambicano deve ser entendida no âmbito das relações geopolíticas.

**Figura 28 - Visita da ONU a Moçambique para discussão sobre a questão da Namíbia.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Assim sendo, aqui percebe-se uma construção de discurso que coloca novamente Samora Machel à frente dessa questão. Quanto a isso, é visível então que apesar dele ser sim apontado como uma liderança relevante a nível continental, participando ativamente da cimeira da OUA, bem como se reunindo com a ONU na resolução de um conflito, que a sua imagem se sobressai principalmente em questões internacionais restritas a região do cone sul africano.

Por fim, a última reportagem citada nessa categoria está presente no episódio de número 20, com aproximadamente 10 minutos de duração. Essa reportagem se dá no âmbito de Moçambique, e sem presença direta de autoridades de qualquer outro país. O que define ela dentro da categoria “questão internacional” é que ela aborda uma feira internacional que estava acontecendo em Maputo, com comerciantes de diversos países expondo seus produtos. O presidente moçambicano fez uma visita a essa feira, retratada na reportagem em questão. A matéria já inicia mostrando seu caráter internacional, uma vez que diversas bandeiras que estavam expostas no evento são enquadradas. Entre algumas que podem ser percebidas estão a da Dinamarca, da Alemanha, de Portugal, do

Brasil, da Grã-Bretanha e do México. Acompanhado de uma comitiva, Samora Machel é filmado entrando no saguão e visitando os diferentes pavilhões, destinados aos diferentes países que estavam lá.

Logo, mostra-se ele admirando uma exposição de fotos que havia lá, em que o próprio é mostrado ao lado de Brejnev<sup>144</sup>, Jvikov e Honecker. Posteriormente, ele aparece experimentando café angolano, tapetes e banco do Iraque, telefones alemães, além de equipamentos agrícolas de um país que não é identificado. Nessa reportagem destaca-se, primeiramente, a política de proximidade ainda existente nessa área com os países do Leste Europeu, conforme já demonstrado. Já foi afirmado também, e aqui aparece novamente, uma abertura econômica em Moçambique, que se encontra expondo e negociando produtos com países bastante diversificados. Além disso, deve-se frisar que nesses momentos em que Samora Machel é mostrado sozinho, sem a companhia de políticos estrangeiros, sua imagem é mais exaltada com largos sorrisos e uma conversa com bom humor e ao mesmo tempo com tom de cobrança perante os vendedores na feira (figura 29).

---

<sup>144</sup> Foi o Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética durante os anos de 1964 e 1982, de modo que foi a liderança do país durante toda a guerra anticolonial moçambicana, bem como durante os primeiros anos do governo Machel.

**Figura 29 - Samora Machel em visita na Feira Internacional de Maputo.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

O tom de Samora Machel nessa aparição, bem como a narrativa de proximidade e ao mesmo tempo de cobrança ganha destaque principalmente por se aproximar muito da narrativa construída em relação à Ofensiva. Assim sendo, resta agora uma análise das demais reportagens, como forma de perceber a imagem de Samora Machel em outros âmbitos dessa segunda fase do *Kuxa Kanema*.

#### 4.5. AS POLÍTICAS DA FRELIMO

O caráter das políticas internas da FRELIMO adotado nessa segunda fase do cinejornal *Kuxa Kanema* se dá de maneira muito aproximada com o já visto no documentário *Ofensiva* (1980). Ou seja, ela baseia-se basicamente em acompanhar Samora Machel em vários momentos que compõem o dia a dia nacional, construindo discursos de mobilização em torno dos valores do “Homem Novo” e de combate a todos os contrários a esses.

Assim sendo, as temáticas relacionadas a esse projeto que estão presentes na abordagem disponível são a educação moçambicana, os “discursos de Samora Machel” e as aldeias comunais. Além disso, a primeira reportagem que será analisada, presente no primeiro episódio dessa segunda fase é especificamente sobre a campanha da Ofensiva. Através de uma análise das reportagens disponíveis, será possível compreender de maneira mais precisa o que foi esse projeto e como a imagem de Samora Machel é relacionada a ele no cinejornal *Kuxa Kanema*.

O foco nos militares, anteriormente adotado no combate aos inimigos, agora é dividido com o povo, que assume protagonismo na luta contra esses elementos, uma vez que eles se encontram justamente infiltrados entre o povo. Nesse sentido, pode-se entender que todas as reportagens que relacionam a figura de Samora Machel a políticas de Estado são sobre a Ofensiva, uma vez que se tratam de imagens que colocam o presidente moçambicano discursando justamente sobre questões relacionadas a esse projeto. Apenas uma delas, entretanto, é focada no projeto, e não especificamente nas ações do presidente.

Fica evidente nessa segunda fase que se intensifica muito a busca por construção do “Homem Novo” através do cinema, e isso deve ser compreendido de maneira intimamente vinculado ao contexto da guerra civil no país, uma vez que todas as medidas da FRELIMO passam a ganhar um nível de urgência que até então não era percebido. Além disso, o caráter socialista das políticas perde bastante espaço, dando lugar a um nacionalismo muito mais arraigado em questões internas de Moçambique.

#### 4.5.1. A Ofensiva no *Kuxa Kanema*

Vistos os pontos já abordados até aqui na presente análise, não é de se estranhar o fato de que a segunda fase do *Kuxa Kanema* seja inaugurada com uma reportagem sobre a Ofensiva Política e Organizacional. Visto que o grande foco dessa fase é, justamente, difundir o projeto e divulgar os valores relacionados a ele, é natural que a primeira edição do cinejornal apresente uma breve introdução sobre o tópico. Isso se dá então em uma reportagem com aproximadamente 1 minuto e 50 segundos de duração. A reportagem se dá no contexto da quinta sessão do conselho de ministros de Moçambique, que tinha como temática principal justamente o balanço dessa Ofensiva Política e Organizacional. Nesse sentido, enquanto algumas imagens dessa sessão são enquadradas, afirma-se que, naquele momento (1981), seu objetivo principal era “aprofundar o conhecimento e a compreensão

da nossa realidade econômica e social, inventariar os nossos recursos e potencialidades, a capacidade de realização dos nossos quadros” (*KUXA KANEMA* 01, 02:37 – 02:48).

O discurso dessa reportagem é muito relacionado então a questão da produção nos mais diversos meios. A Ofensiva está relacionada também, claramente, à crise econômica pela qual o país passava. A reportagem afirma, entretanto, que essa era apenas uma fase do projeto, uma vez que ele é “permanente e global. As fases da campanha da Ofensiva devem ser periódicas, envolvendo toda a direção do partido e do Estado, cobrindo todos os setores” (*KUXA KANEMA* 01, 02:51 – 03:00). Enquanto isso, imagens de Samora Machel visitando empresas (figura 30), indústrias e escolas são mostradas, já passando aqui a ideia de que ele, em pessoa, está executando esse projeto.

**Figura 30 - Visita de Samora Machel a uma empresa durante a campanha da Ofensiva.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Por fim, a reportagem encerra-se focando na fábrica de pneus Mabor, que aqui é apresentada como um exemplo para o restante de Moçambique. Segundo o cinejornal, ela apresentava o mais baixo nível de absentismo no país, além de produzir em turnos



contínuos durante seis dias da semana, sendo um exemplo da “boa organização, disciplina e asseio” (*KUXA KANEMA* 01, 03:31 – 03:33), e a partir disso, então, acabou por ultrapassar suas metas de produção naquele trimestre. Assim sendo, é fundamental aqui perceber a relação desses resultados apresentados com aqueles valores do “Homem Novo” defendidos em 1977 por Sérgio Vieira, onde o valor do trabalho já ganhava destaque.

#### 4.5.2. Educação Moçambicana

A educação em Moçambique é uma das temáticas mais enfatizadas na amostragem disponível dessa segunda fase do cinejornal. Assim sendo, três reportagens tratam da temática, possuindo juntas aproximadamente 7 minutos de duração. Elas estão presentes nos episódios numerado como 02, 06 e 14.

A importância que a educação vem a ter no projeto moçambicano fica bastante clara em Gómez (1999), uma vez que ele demonstra que para Machel a educação devia ser um campo de batalha, onde estavam em disputa as ideias corretas e as erradas. Assim sendo, para o presidente moçambicano, a escola deveria representar um combate permanente na transformação de mentalidades. Além disso, ele atribui o papel da educação a todos os moçambicanos, uma vez que essa transformação de mentalidades não deve se dar apenas nas escolas.

O caráter dessas reportagens, então, vai justamente ao encontro dessa afirmativa do autor, bem como ao projeto da Ofensiva. Ou seja, aqui se apresenta um Samora Machel que vai até algumas escolas ao redor do país para fiscalizar o trabalho, discursar para os estudantes e, principalmente, combater determinados valores indesejados e difundir outros, apropriados a ideia de construção do “Homem Novo”. Isso fica evidente já na reportagem presente no episódio de número 02, que se inicia com o locutor citando uma frase de Samora Machel em uma visita a uma escola em Maputo: “não investiremos nos maus alunos” (*KUXA KANEMA* 02, 00:18 – 00:19). Além disso, logo na sequência, afirma-se os muitos erros que se verificou nessas visitas realizadas: “a falta de embelezamento e conservação das escolas, o baixo grau de conhecimento por parte dos alunos, o vestiário impróprio, a ausência das estruturas da organização da juventude moçambicana entre os alunos, entre outros” (*KUXA KANEMA* 02, 00:36 – 00:49).

Assim sendo, é bastante demarcado que o objetivo do presidente e da reportagem estão relacionados à mobilização de determinados valores na educação pública. Samora

Machel é filmado nessas reportagens apontando a sujeira, a desorganização e as baixas notas dos alunos. Em determinado momento da primeira reportagem, chega ainda a conferir as notas dos alunos junto a professora da classe (figura 31) e chamar aqueles com o desempenho mais baixo para cobrar-lhe explicações.

**Figura 31 - Samora Machel cobrando desempenho durante visita a uma escola.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Machel é colocado aqui então fazendo parte da construção da educação nacional. Ele não apenas está discursando sobre a educação e seu papel, mas indo na escola, verificando os erros e apontando diretamente onde estão os valores errados e o que se deve fazer para combatê-los. Ele conversa diretamente com alunos, professores e diretores sobre todos os problemas que encontra, e exige que a partir dali haja uma mudança de postura e a adoção dos novos valores.

Ainda nessa mesma reportagem, a locução afirma quais foram os problemas encontrados: a qualidade dos professores, o esforço dos próprios alunos e o meio familiar desses. O Estado, entretanto, não é apontado como responsável pela situação das escolas,

de modo que esses problemas aparecem, segundo a narrativa, não relacionados com posturas políticas, mas sim com valores individuais. Isso repete-se na matéria seguinte, presente no episódio 06. Novamente em visita a uma escola, a narrativa construída é a mesma: Machel é filmado cobrando os alunos com baixo rendimento, bem como criticando os alunos, professores e diretores pela situação da escola. A oposição entre o “Homem Novo” e o “Homem Velho” fica bastante evidente quando a locução cita Samora Machel: “se os alunos não aprendem aqui na escola a ganharem gosto pela beleza e pelo bem-estar, se eles não aprendem aqui a arranjar um jardim, e depois a sombra do que construirão, usar a alegria desse benefício, amanhã as suas casas continuarão como a de seus avós” (*KUXA KANEMA* 06, 00:55 – 01:13).

Ele deixa claro então objetivo de construção nacional, ainda baseado no projeto do “Homem Novo”, que se atribui à escola, opondo a nova geração ao passado que está sendo combatido. Esse projeto de identidade é citado diretamente no final da reportagem, quando, enquanto os alunos são filmados limpando a sujeira da escola (figura 32), novamente com uma citação de Samora Machel por parte da locução: “onde realizamos um trabalho relacionado com a formação de um ‘Homem Novo’, temos de dar muita atenção ao pormenor, ao detalhe do cotidiano” (*KUXA KANEMA* 06, 02:24 – 02:36)<sup>145</sup>.

---

<sup>145</sup> Nesse aspecto, cabe ressaltar novamente o caráter “científico” que o socialismo possuía em Moçambique. Sérgio Vieira (1978) afirma em seu discurso que o conhecimento científico é fundamental na construção de um “Homem Novo” e na modernização do país. Essa característica pode ser entendida como uma modernização aos moldes europeus, angariado em sua tradição científica, e que inclui determinados hábitos relacionados, por exemplo, a higiene, que é claramente apresentado nessa reportagem.

**Figura 32 - Estudantes limpando escola durante a campanha da Ofensiva.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

A última reportagem nesse assunto, presente no episódio 14, se dá ainda no mesmo tom das duas anteriores, porém é entre elas aquela que se mostra mais otimista, colocando as escolas públicas como uma conquista nacional realizada através das nacionalizações. Seu objetivo, entretanto, continua sendo a construção de um “Homem Novo”, através da divulgação de seus valores. A imagem de Samora Machel nessa terceira reportagem destaca-se pela aproximação com os alunos que se realiza, agora de maneira mais amigável, uma vez que ele ajuda os mesmos na realização de atividades (figura 33) e mostra-se participativo na tarefa de educá-los. Isso se dá muito provavelmente devido à idade mais reduzida dos alunos presentes nessa reportagem, colocando essa geração futura, ainda em formação, com uma mensagem mais otimista do que as gerações que já possuem maior autonomia.

**Figura 33 - Samora Machel instruindo crianças em uma escola.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

A educação em Moçambique aparece aqui muito relacionada a Samora Machel e a construção de um “Homem Novo”, bem como um foco principal para o projeto da Ofensiva. É evidente uma mensagem agressiva do presidente quanto a todos aqueles elementos apontados como negativos, bem como seu objetivo de difundir determinados valores e práticas nesse ambiente, tanto para alunos, quanto para professores e diretores. Machel se faz presente aqui não apenas visitando essas escolas, mas participando ativamente de suas atividades, ampliando sua presença na realidade nacional.

#### 4.5.3. Os discursos de Samora Machel

Três reportagens dessa segunda fase do cinejornal são focadas especificamente em discursos proferidos pelo presidente Samora Machel. Ao contrário da primeira fase, entretanto, em que os mesmos eram focados ou em encontros com autoridades estrangeiras ou no anúncio de medidas da FRELIMO, aqui elas são focadas apenas em

consolidar o discurso de construção do “Homem Novo”. Essas reportagens estão presentes respectivamente nos episódios 02, 17 e 29, e possuem somadas cerca de 7 minutos de duração.

O primeiro desses discursos, presente no episódio de número 02, se dá por ocasião do dia 1 de maio, Dia Internacional do Trabalhador, que já havia aparecido na primeira fase do cinejornal. Novamente esse dia aparece cheio de simbologias. Os trabalhadores são filmados carregando cartazes com o rosto de Samora Machel, com bandeiras da FRELIMO, bem como faixas em homenagem a líderes socialistas como Engels, Marx e Lênin. Segundo a locução do programa, cerca de 25 mil pessoas fizeram parte dessas manifestações. Outro elemento que ganha destaque nela são as faixas contra o *apartheid*, bem como contra o chamado “imperialismo”, que aqui aparece em um carro alegórico que remete diretamente ao governo Reagan nos Estados Unidos (figura 34). Algumas faixas relativas a outras temáticas do cenário global, como uma que diz “o Chile vencerá”<sup>146</sup> também ganham destaque.

**Figura 34 - Passeata no dia do trabalhador de 1981.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

---

<sup>146</sup> A ditadura militar Chilena, que durou entre 1973 e 1990, consolidou-se através de um golpe dado contra o socialista Salvador Allende, eleito presidente do país. Além de ter sido uma ditadura marcada por grande violência política, e pela liderança marcante de Augusto Pinochet, ela também obteve grande repercussão entre as esquerdas ao redor do globo.

Ao final desse comício, Samora Machel realiza um discurso que ganha espaço na reportagem. A principal temática desse discurso é o combate a inimigos: “reafirmam-se parte do combate, combate intransigente, que os trabalhadores de todo o mundo realizam contra a opressão, a exploração, o imperialismo e os seus destacamentos de vanguarda, que são o colonialismo, o racismo, o *apartheid*, o sionismo e atualmente o expansionismo” (*KUXA KANEMA* 02, 04:46 – 05:17). É interessante perceber que a retórica construída é mais focada no combate a inimigos externos do que aos internos, repetindo um discurso bastante presente na primeira fase e que ataca diretamente alguns governos considerados como adversários pela FRELIMO. Quanto a isso, é importante perceber que mesmo nesse segundo momento, apesar dos inimigos internos terem ganhado mais espaço nos discursos presidenciais, isso não muda a presença de inimigos também fora do país. Mais que isso, percebe-se nas diversas reportagens analisadas que o caráter genérico desses inimigos colonialistas, racistas ou imperialistas agora transforma-se em inimigos claramente definidos: o *apartheid* na África do Sul e o governo Reagan nos Estados Unidos.

Por fim, essa mesma reportagem ainda aponta um evento que aconteceu posteriormente e que homenageou 53 trabalhadores escolhidos como “exemplares”. Samora Machel pessoalmente cumprimentou e entregou uma homenagem a eles, e essas imagens foram mostradas enquanto a locução afirmava que “se destacavam pela sua dedicação às tarefas de construção do socialismo, alto espírito patriótico, elevada consciência profissional, competência e disciplina” (*KUXA KANEMA* 02, 05:57 – 06:07). É evidente então sua representação como “Homens Novos” que devem servir de exemplos para o restante da sociedade.

Na sequência, o discurso realizado por Samora Machel é na região do Niassa. Estando essa região no extremo norte do país, ela deve ser compreendida sob o contexto de guerra civil, na qual a região norte desempenhou um papel de apoio ao movimento de oposição. Assim sendo, essa reportagem é bastante simbólica nesse sentido. O discurso proferido pelo presidente destacou as evoluções que eles viram com a chegada da FRELIMO ao poder. Afirma que antes eles viviam apenas de “camarão seco”. Enquanto isso, a locução diz que ele está em visita a uma “província de que não se falava” (*KUXA KANEMA* 17, 00:53 – 00:54). Parte do discurso proferido por Machel ainda se dá na língua tradicional<sup>147</sup>. O que se busca então, nessa reportagem, é construir uma imagem

---

<sup>147</sup> O enfrentamento ao “passado tribal” que é abordado pelos líderes da FRELIMO no período inclui também o ataque a diversidade linguística presente naquela realidade, de modo que esse tipo de postura

que aproxima o líder da população daquela região, como forma de buscar a adesão da mesma ao seu governo.

Um discurso de um líder local não identificado, que aparece de terno e gravata ao lado do presidente<sup>148</sup>, ainda ganha espaço na reportagem, e ele destaca que o Niassa deve ser um modelo de luta contra o subdesenvolvimento. Ele então entrega uma homenagem ao presidente, que é enquadrado acima do povo (figura 32), em cena bastante simbólica que estabelece sua imagem como a de uma liderança que conduz a população.

**Figura 35 - Samora Machel saudando o povo em Niassa.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

---

não é comum nas lideranças políticas. Contudo, entende-se que Machel buscava angariar maior apoio na região, aproximando-se do público, de modo que o uso da língua tradicional serviu como uma maneira de tentar criar um vínculo com as pessoas, indo contra as próprias diretrizes determinadas pelo governo.

<sup>148</sup> Conforme já citado anteriormente, Cossa (2018) demonstra que essa relação entre a FRELIMO e as autoridades tradicionais precisa ser problematizada. Em muitos casos ela não foi pacífica, havendo inclusive muitas dessas lideranças que aderiram e apoiaram a RENAMO durante a guerra anticolonial. No caso aqui analisado, entretanto, o fato de que esse régulo estava vestido de terno e gravata indicam que se tratava de um caso que havia aderido ao sistema, abdicando das vestimentas tradicionais da região e seguindo diretrizes do partido central, inclusive participando da promoção da imagem de Samora Machel na sua visita ao local.



Por fim, a última reportagem tratada aqui é no âmbito do combate a inimigos internos. Ela inicia-se com Samora Machel, em cima de um palco, criticando alguns políticos da FRELIMO que, segundo ele, estavam cometendo ilegalidades. Um grande público assistindo esse discurso é enquadrado, enquanto a locução afirma que “deixamos que nosso Estado se transformasse em um Estado de padrinhos, um Estado de cunhas, um Estado de sócios. É já infiltração ideológica. Criaram-se condições para a infiltração física, abrimos a porta para o inimigo entrar” (*KUXA KANEMA* 29, 06:28 – 06:43). A locução ainda afirma que a repressão será severa, e controlada pelo povo. Junto a isso, o discurso de Samora Machel volta a ganhar espaço (*KUXA KANEMA* 29, 07:24 – 07:52):

Todos os casos de espancamentos, agressões físicas, castigos corporais, torturas, violação de mulheres e menores, abuso do poder, apropriação indevida de bens dos cidadãos, que foram denunciados pela população em todo o país, serão rigorosamente averiguados. E os responsáveis, implacavelmente punidos.

Assim, nota-se novamente um apelo para a participação popular no combate aos inimigos internos do país. Mais que isso, todas as reportagens analisadas aqui mostram uma busca em Moçambique nesse momento para criar uma participação popular no processo de construção nacional do “Homem Novo”. Pode-se entender a narrativa do *Kuxa Kanema* nesse momento como algo que não busca apenas informar os cidadãos sobre projetos do governo e promover o socialismo e a imagem do seu presidente como liderança carismática, mas principalmente, como um projeto que busca promover um engajamento popular em prol dos valores divulgados pela FRELIMO.

#### 4.5.4. As Aldeias Comunais

A temática das Aldeias Comunais volta a aparecer na segunda fase do cinejornal em uma reportagem de 2 minutos e 10 segundos, presente no episódio 27 do programa. Assim como na primeira fase, o objetivo consiste em enfatizar a importância das Aldeias Comunais e seu papel no governo da FRELIMO. Inicialmente, a locução aponta alguns dados sobre elas. “Hoje existem 1.295 aldeias comunais, com 1 milhão, 615 mil e 711 habitantes, representando 16% da população rural” (*KUXA KANEMA* 27, 04:40 – 04:58). São imagens então de trabalhadores nessas aldeias, tecendo roupas, trabalhando no campo e comprando nas lojas do povo que ganham espaço, enquanto a voz de Samora Machel, em discurso, passa a ser escutada.

O presidente moçambicano afirma que a partir das Aldeias Comunais se poderá superar o baixo nível de vida no mundo rural, além de criar benefícios sociais próprios da sociedade socialista e fomentar a “liquidação da mentalidade retrógrada e obscurantista que ainda prevalece” (*KUXA KANEMA* 27, 06:09 – 06:19). A câmera ainda filma Machel enquanto ele discursa, e percebe-se que tal discurso se deu então na oitava assembleia popular, que ocorreu no dia 6 de outubro de 1981 (figura 35).

**Figura 36 - Samora Machel discursando na oitava sessão da assembleia popular.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Assim sendo, percebe-se não apenas a valorização das Aldeias Comunais como solução para os problemas sociais moçambicanos, como uma relação delas com a construção de um “Homem Novo”, visto que são elas que possibilitam o combate aos valores “obscuros” e “retrógrados” que ainda são percebidos. Além disso, o presidente ainda continua afirmando que “a vitória do socialismo é a vitória da ciência, e o plano prospectivo indicativo<sup>149</sup> é um instrumento científico para materializar cientificamente

---

<sup>149</sup> O Plano Prospectivo Indicativo foi um plano de desenvolvimento aprovado justamente na oitava sessão da Assembleia Popular que previa o desenvolvimento e crescimento do nível de vida da população durante

essa vitória” (*KUXA KANEMA* 27, 06:35 – 06:49). Assim sendo, está promovendo aquela sociedade científica “nova” que deve surgir no lugar dos valores antigos.

#### 4.6. A GUERRA ANTICOLONIAL

Abordar a memória da guerra anticolonial é fundamental para pensar o contexto político que se está abordando na presente pesquisa. Chabal (2002) demonstra que em Moçambique a formação da FRELIMO, e o início da Guerra Anticolonial, são os mitos fundadores da Nação Moçambicana. Assim sendo, entende-se que a refletir sobre construção de uma memória a respeito dessa guerra, e compreender o lugar em que Samora Machel é colocado nelas é fundamental na análise aqui proposta. Visto que o projeto do “Homem Novo” consiste, entre outras coisas, em um combate ao passado moçambicano, a narrativa aqui afirma a luta anticolonial como o único passado verdadeiramente nacional.

A segunda fase do cinejornal *Kuxa Kanema* possui quatro reportagens que têm por temática principal esse momento. Conforme demonstrado, o tema não esteve fora da primeira fase, contudo aqui ele ganha uma nova ênfase, passando a existir 4 reportagens nas quais Samora Machel é associado à guerra anticolonial, que são especificamente sobre a questão da memória. A guerra não é mais um dos assuntos presentes em uma reportagem que é relativa à política internacional ou nacional, mas sim um assunto por si só. Essas reportagens possuem, somadas, aproximadamente 5 minutos e 30 segundos de duração, estando presentes, respectivamente, nos episódios 03, 10, 22 e 23.

Os subtemas aqui trabalhados serão as Danças Tradicionais, que aqui ganham um caráter de luta contra o colonialismo; o próprio aniversário da independência, que se trata de uma comemoração, um lugar de memória<sup>150</sup> construído; além do aniversário da luta anticolonial, que surge no mesmo sentido.

---

os 10 anos seguintes, condensando os principais projetos do governo. O jornal *Notícias*, de Maputo, publicou o discurso na íntegra, no dia 7 de outubro de 1981. Nele, Machel destaca que os principais pilares na construção do socialismo no país eram a “socialização do campo”, a “industrialização do país” e a “força de trabalho e formação”. É “instrumento da nossa libertação econômica, para a elevação constante do bem-estar do nosso povo” (NOTÍCIAS, 1981, n.p.).

<sup>150</sup> Os chamados “lugares de memória” são definidos por Nora (1993). Eles podem ser lugares nos mais diversos sentidos da palavra: simbólico, material e funcional. Assim sendo, pode-se entender que uma data comemorativa de um evento, como o aniversário da independência moçambicana, torna-se então um lugar de memória pelo sentido simbólico atribuído a eles.

#### 4.6.1. As Danças Tradicionais

A temática das danças tradicionais, presente no episódio 03 da amostragem disponível, trata-se de um programa especial sobre o Festival Nacional de Dança Popular em Moçambique, que se deu em 1978, e se estende por todo o episódio. Diversas reportagens estão presentes em torno do assunto.

A importância da dança na identidade daquela nação é frisada por toda a narrativa, em diversos momentos. Ela é destacada como um instrumento de luta, que critica problemas sociais e estabiliza elementos culturais. O que se percebe, ao longo das imagens e da locução, é que existe uma espécie de apropriação dessas danças, praticadas pelos povos tradicionais, pela FRELIMO<sup>151</sup>.

Tal fenômeno é perceptível também no documentário produzido pelo INC *Canta Meu Irmão – Ajuda-me a Cantar* (1982), dirigido por José Cardoso, no qual a música e a dança, elementos tradicionais dos povos moçambicanos, assumem um papel de luta anticolonial e de coesão em torno da FRELIMO. Nesse sentido, entende-se que, como um elemento marcante daqueles povos, ao invés de ser negado em favor de um “Homem Novo” como tantos outros, foi incorporado pelo partido no poder de forma a se tornar nacional, e não mais localizado em torno de um povo específico. Esse projeto pode ser visto em diálogo com o grande projeto de construção nacional que já foi discutido aqui.

As citações relativas a Samora Machel nesse programa se dão em apenas uma das reportagens, ainda que diversas delas possuam esses elementos aqui citados. Ela é sobre a dança típica do povo do Marracuene, região próxima a Maputo, e destaca justamente essas “transformações” que as danças passam com o tempo, em diálogo com a história do país. Assim, enquanto as imagens mostram esse povo cantando e dançando (figura 36), a locução destaca a nova letra da canção: “obrigado Samora, agradecemos-te o que fizesse. Conduziste-nos à liberdade. Machel, libertaste o país do julgo colonial” (*KUXA KANEMA* 03, 09:01 – 09:10), justamente apontando que agora essa prática está completamente relacionada à ideologia proposta pelo governo Samora Machel.

---

<sup>151</sup> Graça (2005) afirma que a FRELIMO no período busca criar uma “cultura frelimista” em Moçambique a partir dos valores que propaga. Nesse sentido, Mondlane afirma em seu livro *Lutar por Moçambique* que “devemos desenvolver a nossa cultura nacional, estimulando os valores positivos dos nossos costumes regionais, agora enriquecidos pelo nosso esforço em criar uma nova realidade: um Moçambique unido e livre” (MONDLANE, 1995, p. 214-215), dando indícios já dessas apropriações de determinados costumes regionais pelo partido.

**Figura 37 - Povo dançando durante o Festival Nacional de Dança Popular.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

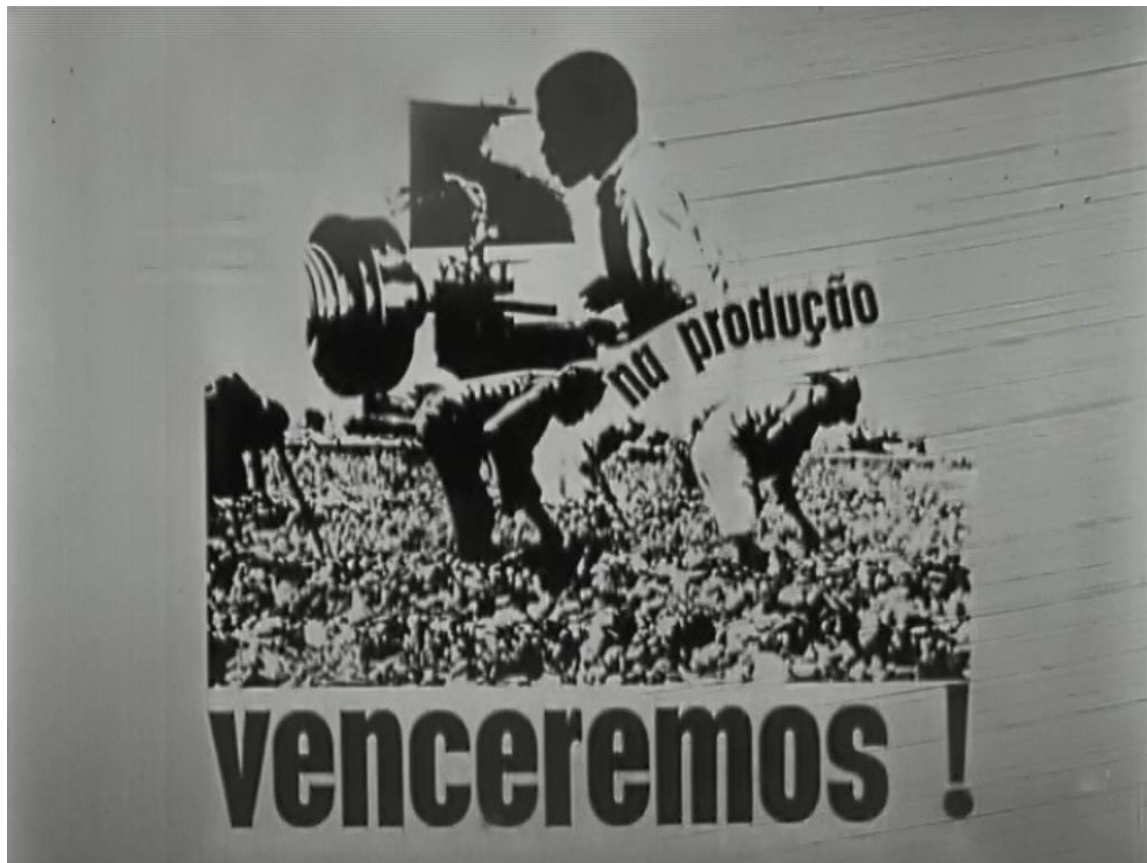
É fundamental essa construção realizada aqui na compreensão de uma memória construída em torno da figura de Samora Machel nesse contexto, uma vez que se percebe que essa nova nação, que nasce junto com a luta anticolonial, se dá em substituição a um passado tradicional, assim como a letra da música cantada na reportagem substitui as músicas de um passado que a FRELIMO quer que seja esquecido.

#### 4.6.2. O Aniversário da Independência

O aniversário da independência de Moçambique, que ocorre no dia 25 de maio, era um momento de diversas comemorações oficiais durante o governo de Machel. A reportagem, presente no episódio 10, possui aproximadamente 1 minuto e 25 segundos, e busca destacar a importância da independência e dessa celebração no ano de 1981. Assim sendo, ela inicia-se com algumas imagens que afirmam que “no estudo, na defesa da pátria, na produção, Venceremos!” (figura 37). Posteriormente, a locução anuncia o sexto aniversário da independência e elenca diversas “conquistas populares” que vieram

junto a ela. As assembleias do povo são destacadas como exemplo da “democracia socialista” que foi construída em Moçambique<sup>152</sup>.

**Figura 38 - Campanha usada no aniversário da independência de Moçambique.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

O socialismo, a alfabetização e o trabalho industrial e rural são então destacados como uma luta contra o subdesenvolvimento. Enquanto isso é afirmado, imagens do povo trabalhando nesses ambientes são mostradas, e Samora Machel em meio a esses trabalhadores ganha destaque, encerrando a reportagem.

Percebe-se então uma retórica de continuidade no cinejornal. A noção de que a independência foi uma conquista que necessita continuar sendo conquistada através de elementos como o trabalho, a educação e a luta contra o subdesenvolvimento. Assim sendo, Samora Machel não se torna apenas o herói que conquistou a independência, mas também aquele capaz de conduzir sua “continuidade” nos tempos seguintes. Nesse

---

<sup>152</sup> Esse destaque ao elemento democrático do regime moçambicano deve ser visto aqui novamente sob a perspectiva da guerra civil que assolava o país. Visto que a RENAMO não era apontada pela narrativa oficial como um movimento político, mas sim como “bandidos armados”, frisar a suposta existência de elementos democráticos no governo era essencial em sua própria legitimação.

sentido, a retórica de que “A luta continua!” ganha um novo significado que não pode ser ignorado.

#### 4.6.3. O Aniversário da guerra anticolonial

Por fim, as duas últimas reportagens trabalhadas aqui, exibidas nos episódios 22 e 23 da amostragem disponível, complementam o que já foi afirmado a respeito do aniversário da independência. Assim como esse, o dia 25 de setembro, quando a FRELIMO iniciou a guerra contra o regime português, também assume um posto de lugar de memória na narrativa construída<sup>153</sup>. Além disso, a retórica que coloca Samora Machel como um herói, capaz de liderar tamanho acontecimento e que agora representa a “continuidade” daqueles valores, repete-se ao abordar a guerra anticolonial.

Na reportagem presente no episódio 22, isso fica bastante claro. Ela inicia-se com imagens dessa guerra contra o colonialismo<sup>154</sup>, enquanto a voz de Samora Machel, em discurso, evoca o significado desse evento: “a independência nacional, o socialismo que estamos a construir, tudo aquilo que conquistamos, tudo aquilo que somos hoje, nasceu desse passo decisivo, nasceu do 25 de setembro” (*KUXA KANEMA* 22, 01:00 – 01:18); ele já deixa claro que toda a identidade do país está vinculada à luta anticolonial, e seus efeitos são sentidos até o momento dessa fala. Ele ainda continua “25 de setembro foi a afirmação total da nossa personalidade de moçambicanos. Da nossa história, da nossa cultura” (*KUXA KANEMA* 22, 01:21 – 01:32). Assim sendo, fica claro o papel dessa luta como mito fundador da nação, bem como uma retórica que coloca a cultura e a história oficiais, relacionados a uma lógica de construção do “Homem Novo” como as verdadeiras expressões de moçambicanidade.

Durante essas imagens, aquelas cenas que enfatizam muito o exército e a população nas comemorações, destacando os elementos militarizados do país, ganham mais destaque do que até então nessa fase do cinejornal. Dessa forma, é claro que a retórica de um combate contra elementos “indesejados”, e de uma mobilização nacional contra eles, fica em evidência. Isso certamente deve ser visto em relação ao projeto da

---

<sup>153</sup> Essa data é hoje uma importante avenida no centro da capital Maputo, além de ser oficialmente o “Dia das Forças Armadas de Defesa de Moçambique”.

<sup>154</sup> Conforme já citado anteriormente, cabe ressaltar que o cinema possuiu um grande uso pela FRELIMO durante o período da guerra anticolonial, principalmente com objetivo de legitimação internacional. Assim sendo, existia um grande número de imagens filmadas do movimento no período a disposição do INC.

Ofensiva, o que fica exposto quando Machel afirma que (*KUXA KANEMA* 22, 01:38 – 02:50):

Somos hoje, como no passado, chamados a defender a vida e os bens do povo, contra os crimes do imperialismo e de seus agentes internos. Hoje, como no passado, estamos na trincheira, na linha da confrontação armada com o inimigo. Somos a barreira onde se esmagam as suas tentativas de massacrar o nosso povo e destruir a nossa economia, de subverter a nossa independência. Sob a direção do nosso partido FRELIMO, juntamos hoje, como no passado, o nosso esforço ao do operário, ao do camponês, ao do intelectual revolucionário, à reconstrução da casa queimada, do celeiro bombardeado, da ponte destruída. Estamos presentes com o nosso entusiasmo, com a nossa energia, com a nossa inteligência, em todas as frentes de reconstrução nacional, da luta de classes, da edificação da sociedade socialista.

O chamado de Machel para que o povo participe do combate contra inimigos na construção de uma sociedade nova é bastante relacionado a toda a retórica da Ofensiva, já apontados aqui. Além disso, fica claro que a guerra anticolonial é vista nessa narrativa como o início de uma luta que ainda não foi terminada. Pelo contrário, a afirmativa de Machel é de que foi ali que nasceram determinados elementos que continuam presentes na batalha até hoje, de modo que a vitória deve ser buscada nessa nova etapa. Além disso, uma vez que ele próprio é o presidente e principal liderança do movimento no período, sua construção como mito fundador da sociedade deve ser notada nesse contexto.

Já a reportagem do episódio 23 aqui mostrada possui menos elementos discursivos, mas maior ênfase nas imagens de Samora Machel. Ela é relativa especificamente à visita a Chai<sup>155</sup>, justamente devido às comemorações do 25 de setembro. A maior parte das cenas em que o presidente aparece mostram ele encenando momentos dessa guerra de libertação, de modo que se destaca aqui sua atuação como guerrilheiro na guerra (figura 38).

---

<sup>155</sup> Chai é um posto administrativo moçambicano, localizado na província de Cabo Delgado, no norte do país. A sede do posto foi atacada pela FRELIMO em 25 de setembro de 1974, dando início então a guerra anticolonial.



**Figura 39 - Samora Machel atuando como guerrilheiro, em Chai.**



Fonte: Elaborado pelo autor (Print Screen).

Essas cenas deixam claro, primeiramente, a característica de líder carismático de Samora Machel. Ele dialoga com a população, sorri e faz brincadeiras durante a reportagem, possuindo claramente um carisma natural. Além disso, é importante perceber que já que a guerra de libertação nacional é o mito fundador de uma série de elementos já citados, então Machel é retratado como o espírito dessa guerra, como o líder que, antes e agora<sup>156</sup>, é capaz de condensar todos esses elementos e conduzir a nação moçambicana.

#### 4.7. O MITO SAMORA MACHEL NA SEGUNDA FASE DO *KUXA KANEMA*

Primeiramente, é claro que aqui Samora Machel continua aparecendo como o “Arquétipo do Profeta”, no “Mito do Salvador” de Girardet (1987), conforme apontado anteriormente. O que se difere é a maneira como ele se comunica com o povo, bem como

---

<sup>156</sup> É importante recordar que Samora Machel não é um dos fundadores da FRELIMO, e que ele só passou a destacar-se dentro do movimento com o andamento da guerra anticolonial. A narrativa do cinejornal, entretanto, claramente relaciona a figura dele ao movimento, sem qualquer tipo de adendo ou problematização, em clara manipulação dessa memória. Assim, Machel é aqui parte do mito fundador na narrativa, ainda que o mesmo só tenha ganhado papel de protagonista posteriormente.

os elementos que mobiliza na construção nacional. Sem dúvidas, ele ainda é o “anunciador dos tempos por vir” que “guia seu povo pelos caminhos do futuro”. O caminho ao qual ele guia esse povo é que se difere.

Entre as diferenças: se antes ele era um socialista convicto, marxista-leninista, próximo ao chamado bloco soviético, agora ele é apontado como um líder muito mais capaz de transitar entre diferentes tendências políticas, aproximando-se mais do movimento dos “não-alinhados” e em busca da cooperação e amizade com países diversificados. Seu caráter socialista ainda está presente, e a construção do socialismo em Moçambique continua fazendo parte da sua retórica, o que difere aqui é a ênfase dada a essa questão, a qual diminui muito, bem como uma presença muito menor de um alinhamento internacional em torno dessa causa.

Além disso, ele também assume um papel de liderança em âmbito internacional, aspecto pouco percebido na primeira fase do programa. Se antes ele apenas recebia a visita de autoridades estrangeiras, agora dialoga com órgãos internacionais como a ONU, posiciona-se sobre diversos assuntos continentais em evento da OUA e vai até a Europa para negociar com governos estrangeiros. Deixa de apenas dialogar com alguns países amigos para ganhar uma relevância em nível externo.

Também aparece aqui com uma relação muito diferente no que diz respeito à população. Antes, sua maneira de ser o “guia do povo” era através de determinados discursos que enfatizavam uma postura nacional. Já agora é percebido que Samora Machel de fato faz parte do dia a dia nacional, fazendo-se presente em diversos âmbitos do país. Assim, não apenas discursa sobre a postura que a população deve ter, mas fiscaliza essas atitudes e fala diretamente com a população, exigindo dela o comportamento relativo ao “Homem Novo”. O papel de construção nacional, que antes era atribuído às políticas da FRELIMO, agora passa a ser associado diretamente à população, que é chamada a assumir um papel nesse processo. O próprio exército, como representante do governo, perde seu espaço para a população nessa amostragem.

Assim sendo, o que fica evidente é que a narrativa do cinejornal foi mudada, mas esse ainda busca atingir o mesmo objetivo de elevar Samora Machel a um status mítico, colocando ele como o salvador e líder incontestável do povo, que está presente em todos os âmbitos e que aponta quais os valores, atitudes e pensamentos a população deve vislumbrar. Esses valores, entretanto, assumem um caráter muito mais nacional e particular, mobilizando questões diretamente ligadas à realidade moçambicana e menos relacionadas ao “internacionalismo socialista”. Isso fica evidente inclusive no

apontamento dos inimigos externos, que antes eram os genéricos capitalismo, imperialismo e racismo – servindo para apontar todos os países não-socialistas –, enquanto agora são governos que afetam diretamente a realidade moçambicana: o *apartheid* na África do Sul e o governo Reagan nos EUA.

É a partir desses elementos que se chegará ao “destino prometido”, que agora parece mais distante, devido à presença de muitos “elementos infiltrados” na sociedade, mas que ainda assim possível, visto que a liderança do presidente é capaz de guiá-los nessa luta que se iniciou na guerra anticolonial e continua sendo prosseguida, uma vez que “a luta continua”.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 25 de Junho de 1975, quando a presença portuguesa em Moçambique finalmente se encerrou, o clima de euforia tomou conta de Maputo. A FRELIMO, um movimento que se propunha a ser uma Frente Única contra o colonialismo e contra todos os malfeitos desse regime, finalmente havia conquistado seu objetivo, e agora, como partido único do país, poderia finalmente conduzir o povo a um destino prometido de prosperidade, igualdade, união e cooperação. Não bastasse isso, à sua frente estava Samora Machel, um líder carismático, capaz de mobilizar as massas e com quem elas se identificavam facilmente, colocando-se assim como o condutor lógico desse processo.

Como proposta para chegar a esse “destino prometido”, a narrativa enunciada pelas autoridades a partir desse momento evidenciava que apenas através da construção de uma nova nação, composta por “Homens Novos”, ele seria possível. Tal projeto buscava estabelecer a identidade dos cidadãos moçambicanos através de dois pressupostos: 1) o combate à diversidade étnico-tribal, que consistia em uma negação de todo o passado tradicional do país e no estabelecimento da Nação como projeção futura, e não como resgate do passado; 2) o marxismo-leninismo, via política escolhida pela FRELIMO em 1977 e que propunha um ideal de cidadão engajado em seus valores, justamente em oposição aos valores tribais ou coloniais existentes anteriormente.

Visto que essa narrativa estava em disputa com outras propostas que, apesar de não serem reconhecidas oficialmente, contestavam tanto o combate à diversidade étnico-tribal quanto a adoção da via marxista-leninista, utilizar-se da estrutura estatal na difusão dos valores do “Homem Novo” tornou-se uma estratégia da FRELIMO para vencer essa disputa no terreno da cultura política. Essa estratégia torna-se evidente em diversas práticas implantadas pelo governo no período, como a política educativa e a criação de campos de reeducação. Foi nesse âmbito que o INC foi fundado em 1976.

Essa instituição teve claros objetivos políticos durante sua existência, buscando, através tanto da produção quanto da exibição de filmes, justamente difundir esses valores já citados, construindo uma narrativa que colocava a FRELIMO como força motriz da revolução no país, reforçando o caráter simbólico que a figura de Samora Machel possuía e combatendo constantemente quaisquer outras alternativas ao futuro de Moçambique. A relevância do INC nesse contexto evidencia-se uma vez que se percebe não apenas o grande número de produções realizadas àquele tempo, como também a presença de nomes

reconhecidos internacionalmente no mundo do cinema no país, como Jean Rouch, Jean-Luc Godard, Ruy Guerra e Santiago Álvarez.

Foi em meio a esse contexto de produções que emergiu então o cinejornal *Kuxa Kanema*, que foi analisado nessa pesquisa. O foco esteve especificamente nas reportagens que continham imagens de Samora Machel, uma vez que a compreensão de como se dá a narrativa a respeito dele, a liderança máxima desse governo, que claramente assumia o papel de líder carismático, é muito elucidativo na compreensão dos valores nacionais que estão sendo difundidos por esses cinejornais. Compreender a forma como o *Kuxa Kanema* transforma Samora Machel em um mito político dentro de sua narrativa é uma forma de compreender a cultura política da FRELIMO no período como um todo. Uma vez que se analisa dois momentos distintos: 1978-1979 e, posteriormente, 1981, isso permite contrastar também essa narrativa nesses dois espaços temporais.

A primeira fase, conforme foi visto, constrói a imagem de Samora Machel como, primeiramente, o mais convicto dos marxista-leninistas. Suas aparições nesse momento estão muito vinculadas à imagem de outras lideranças internacionais, todas elas aliadas ao chamado bloco soviético. A mensagem construída nesses momentos é clara: existe uma grande cooperação em torno do “internacionalismo socialista” no qual Moçambique se insere. Além disso, os inimigos que aqui aparecem são, de modo geral, os “imperialistas”, “colonialistas” ou “racistas”, citados com esses termos genéricos, de modo que possam facilmente ser identificados com adversários políticos de todos os países com os quais Moçambique busca aproximação. Sobre esses inimigos, outra característica que ganha destaque no contraste aqui feito é que nessa fase o apontamento deles se dá sempre como externos ao país.

Outro destaque dessa fase está nas cenas que mostram uma mobilização popular em torno do presidente moçambicano. Aqui, além dos episódios mais longos, o formato menos dinâmico apresentado permitiu o uso de longas cenas da população, que ganham tempo em tela para responder aos gritos proferidos por Samora Machel e ovacionar seu líder. Essa coesão criada em torno dele, entretanto, deve ser relacionada a uma clara hierarquia dos papéis estabelecida pelas câmeras: ele aparece normalmente em cima de um palco, ou na perspectiva de algum ângulo de câmera que lhe atribui papel de destaque; a população, por outro lado, é filmada sempre com uma narrativa visual que a coloca de modo coeso e em lugar de igualdade para com o público do cinejornal; e o exército, outro elemento muito presente nessa fase, por sua vez, aparece sempre prestando continência em perfeito alinhamento, em ângulos que o coloquem sob Machel.

A retórica presente nessa primeira fase é, em todas as suas reportagens, a da construção do socialismo em Moçambique. Tanto as relações externas presentes, conforme já citado, quanto as próprias políticas internas promovidas por Samora Machel, dão-se com o objetivo de construir o socialismo no país. O “Homem Novo” presente nessa amostragem é, sobretudo, um homem socialista.

Já na segunda fase o que se percebe, primeiramente, é um afastamento do bloco soviético, que passa a aparecer de maneira muito mais contida nas imagens presentes, enquanto países “não-alinhados”, alguns deles com tendências liberais, passam a ganhar destaque. Quanto a isso, cabe ressaltar a recusa que Moçambique teve de entrada no COMECON, de modo que essas imagens testemunham o início de um processo de abertura econômica e política do país, que se tornará mais marcante ao longo dos anos 80. Além disso, essa mudança pode colocar em xeque a própria escolha da via marxista-leninista da FRELIMO, que se mostra muito mais pragmática – ligada a pretensões econômicas – do que ideológica.

Sua relação com a população também se altera nessa segunda fase do programa. Samora Machel aqui se mostra um líder muito mais presente na vida dos moçambicanos do que na primeira fase. Se antes ele era filmado geralmente em meio a discursos ou grandes eventos, agora suas aparições são em escolas, indústrias, portos, aeroportos e demais locais, onde ele fala diretamente com pessoas e passa a exigir comportamentos condizentes ao “Homem Novo” delas.

Essa mudança pode justificar-se no andamento da guerra civil moçambicana, que ainda era incipiente entre 1978 e 1979, entretanto intensificou-se muito no início dos anos 1980. Com isso, é compreensível que Samora Machel esteja buscando dar um papel mais direto a população no combate a determinados valores e no engajamento por criar uma nova identidade nacional. Percebe-se isso também uma vez que os “inimigos”, que antes vinham de fora, passam a ser elementos infiltrados em Moçambique na narrativa desse segundo momento. Assim sendo, o “Homem Novo” agora é um homem moçambicano que busca, sobretudo, defender a nação moçambicana desses elementos indesejados.

Intensifica-se na segunda fase também a política de memória com relação à guerra anticolonial, que já aparecia, de maneira um pouco mais discreta, na primeira fase. Na narrativa construída com relação a isso, que se mantém igual durante o período analisado, a FRELIMO e Samora Machel são apontados claramente como os “mitos fundadores” da nação moçambicana. Em um momento de disputas, é fundamental entender que, segundo Virilio (2005), as guerras se dão muito no terreno simbólico também. Assim sendo,

colocar-se como o mito fundador da nação aqui é uma forma de apontar que seus opositores não possuem esse status, legitimando as forças que estão no poder.

É um ponto convergente nas imagens analisadas de ambas as fases que Samora Machel aparece como aquilo que Girardet (1987) define como o “Arquétipo do Profeta”, dentro do “Mito do Salvador”. Adquirindo um status mítico, sagrado, ele é representado como um guia capaz de conduzir o povo pelo caminho correto, sendo ele capaz de compreender a verdade que deve ser seguida. A diferença que se faz visível está então na maneira como isso é narrado.

Em um primeiro momento, Moçambique possuía interesses internacionais perante o chamado bloco soviético, de modo que toda a sua comunicação no período está relacionada a construção de Samora Machel como um líder socialista, que está conduzindo o povo na construção do socialismo e se mobilizando contra inimigos do socialismo. A sociedade de “Homens Novos” era uma sociedade formada, em essência, por cidadãos que incorporavam os valores socialistas. Já no segundo momento, além do aprofundamento da guerra civil que não pode ser desprezado, suas relações com esse bloco econômico não se mostravam frutíferas, de modo que a narrativa construída passa a enfatizar muito mais a figura de Machel e o próprio nacionalismo moçambicano do que especificamente seu caráter socialista. Aqui, percebe-se uma narrativa muito mais forte no combate a elementos “indesejados” e na formação de uma sociedade engajada na questão nacional do que propriamente na construção do marxismo-leninismo.

Dito isso, pode-se entender através da narrativa do *Kuxa Kanema* que existe um aumento do culto à personalidade e do nacionalismo na segunda fase aqui trabalhada, enquanto o radicalismo marxista se mostra uma retórica muito mais presente na primeira. Assim, reforça-se a necessidade de observar o projeto de construção nacional em Moçambique como a construção de uma narrativa, de um “ato de fala”, que reage ao contexto no qual está inserido, buscando alterá-lo. A nação aqui não é então estática, e o “Homem Novo” não é apenas um. É o contexto que determina as diferentes narrativas nacionais construídas por Samora Machel, demonstrando a diversidade de “Moçambiques” que podem ser imaginadas.

Tal conclusão deixa em aberto, entretanto, algumas alternativas de pesquisa. A questão do alinhamento internacional moçambicano se mostra digna de maiores indagações, de modo que uma interpretação simplista, que entenda o país como apenas subordinado ao sistema soviético é insuficiente para seu entendimento. Aqui ficou evidente que esse alinhamento está intimamente relacionado a questões pragmáticas de

apoio militar e econômico e que é insuficiente para explicar por si só o regime do país. Uma pesquisa mais aprofundada no pensamento político da FRELIMO, observando as múltiplas influências (não apenas marxistas-leninistas) é necessária então no sentido de melhor compreender esse socialismo moçambicano.

Além disso, esta pesquisa, apesar de fazer apontamentos fundamentais na compreensão de dois diferentes momentos do regime de Samora Machel, foi limitada por sua amostragem. Assim sendo, caso fosse possível o acesso a um acervo maior de programas do *Kuxa Kanema* e de outras produções do INC além das aqui citadas, certamente haveriam novas percepções que enriqueceriam essas análises e permitiriam compreender a exaltação da imagem do presidente moçambicano em diferentes recortes temporais, acrescentando novos elementos para além dos já explorados. Dito isso, as fontes acessadas não devem ser vistas como esgotadas, e certamente novas pesquisas que levem em conta a produção cinematográfica moçambicana são necessárias na compreensão do regime socialista do país.

Visto que o estudo aqui presente se propõe a pensar a narrativa construída pela FRELIMO, também seria enriquecedor colocá-lo em contraste com a narrativa construída pela RENAMO no período, visto que os movimentos disputavam o mesmo espaço. Os estudos disponíveis sobre a RENAMO no Brasil ainda são, entretanto, muito escassos. Assim sendo, esse se mostra um outro caminho de pesquisa necessário na compreensão desse período em sua integridade, e certamente poderia, inclusive, contribuir para que novas percepções sobre a amostragem estudada do *Kuxa Kanema* fossem possíveis.

Por fim, essa pesquisa conclui-se então demonstrando que a narrativa construída pelo cinejornal *Kuxa Kanema* acaba por demonstrar diversas mudanças e incoerências da FRELIMO no recorte temporal trabalhado. Em uma primeira fase, o foco é no “internacionalismo socialista”, e o próprio caráter cinematográfico do país deixa isso claro, uma vez que todos os principais diretores do INC nesse momento possuíam carreiras consolidadas no exterior e estavam lá em uma espécie de cooperação cinematográfica. Já a segunda fase é quando o nacionalismo ganha maior destaque, crescendo a importância de Samora Machel nas imagens. Aqui, era já uma primeira geração de cineastas formados em Moçambique que realizava as produções, reforçando ainda mais o caráter cada vez mais nacional desse cinema. Assim, novas questões sobre o movimento se apresentam, e o período estudado se mostra recheado de bifurcações fundamentais para a compreensão da história moçambicana e das relações internacionais ao longo do período exposto.



## REFERÊNCIAS

### Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, E. **Fundamentalismo e tolerância político-religiosa em África**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2000.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.
- ARAÚJO, M. **O sistema das aldeias comunais em Moçambique**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1988.
- ARAÚJO, M. Kuxa Kanema: o (re)nascimento do cinema. In: CARELLI, F; BUENO, F; CUNHA, M. Z. **Texto e Tela: ensaios sobre literatura e cinema**. São Paulo: USP, 2014.
- ARENAS, F. Retratos de Moçambique pós guerra civil. In: BAMBAMBA, M; MELEIRO, A. **Filmes da África e da Diáspora: objetos de discurso**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AUMONT, Jacques et al. **A Estética do Filme**. São Paulo: Papyrus Editora, 2002.
- AUMONT, J; MARIE, M. **A análise do filme**. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.
- BALEIRA, S. Nações concorrentes: estratégias de construção de identidade. In: FRY, P. **Moçambique: Ensaios**. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2001.
- BAMBAMBA, M. O parti-pris ideológico e estético de dois brasileiros na formação de um cinema pós-colonial em Moçambique (anos 70-80). Curitiba: **Interin**, 2011
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BITTENCOURT, M. **Angola: tradição, modernidade e cultura política**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2010.
- BUSSOTTI, L; MUTI, A. Italy and Mozambique: Science, Economy and Society within a history of an Anomalous Cooperation. **Advances in Historical Studies**, v. 2, n, 4, p. 185-193, 2013.
- CABAÇO, J. L. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- CABAÇO, José Luís Oliveira. Notas para uma Contextualização do Cinema Moçambicano. **Revista Mulemba**, Rio de Janeiro: v. 9, n. 17, p. 90-98, 2017.
- CASTELO, Cláudia. **O modo português de estar no mundo”: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa**. Porto: Afrontamento, 1998.

- CATROGA, F. **Nação, mito e rito: Religião Civil e Comemoracionismo**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.
- CHABAL, P; BIRMINGHAM, D; FORREST, J. **A history of postcolonial Lusophone Africa**. Indiana: Indiana University Press, 2002.
- CHABAL, P. Imagined Modernities: Community, Nation and State in postcolonial Africa. In: PIMENTA, F. T.; SOUSA, J. S.; TORGAL, L. R. (orgs.). **Comunidades Imaginadas: Nação e Nacionalismos em África**. Coimbra: IU, 2008.
- CHATTERJEE, P. Whose Imagined Community?. In: BALAKRISHAN, B. **Mapping the Nation**. Londres: Verso, 1996.
- CHICHAVA, S. Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique. **Discussion Paper**, Madrid: IESE, n. 1, 2008.
- CHRISTIE, I. **Samora: uma biografia**. Maputo: Ndjira, 1996.
- COSSA, L. J. **A autoridade tradicional em Moçambique no século XX: estudo dos distritos de Mandlakazie Chibuto–Província de Gaza**. UFRGS, 2018 .
- CONVENTS, G. **Os moçambicanos perante o cinema e o audiovisual: uma história político-cultural do Moçambique colonial até à República de Moçambique (1896-2010)**. Maputo: Edições Dockanema/Afrika Film Festival, 2011.
- DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA DA FRELIMO. **Circular da Sede Nacional da FRELIMO para os Grupos Dinamizadores**. Maputo: FRELIMO, 1976.
- DIAWARA, M. **African Cinema**. Indiana: Indiana University Press, 1992.
- DIKÖTTER, F. **The Cultural Revolution: A People's History, 1962—1976**. Londres: Bloomsbury Publishing, 2016.
- EGERO, B. **Moçambique: os primeiros dez anos de construção da democracia**. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1992.
- FERNANDES, A. **Guiné-Bissau e Cabo Verde: da unidade à separação**. Porto: Universidade do Porto, 2007.
- FERRÃO, V. **Moçambique**. Maputo: Compreender, 2002.
- FICHTE, J. G. **Discursos à nação alemã**. Lisboa: Círculo de Leitores - Temas e Debates, 2010.
- FILHO, P. A difícil e esquecida questão do Saara Ocidental. Rio de Janeiro: **Meridiano 47**, n. 114, 2010.
- FILHO, P. P. LESSA, A. C. M. O Itamaraty e a África: as origens da política africana do Brasil. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: n. 39, p. 57-81, janeiro-junho de 2007.

- FUNADA-CLASSEN S. **The origins of war in Mozambique**. África do Sul: African Minds, 2013.
- FURHAMMAR, L; ISAKSSON, F. **Cinema e política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- GEIGER, L. **A política nuclear norte-coreana: dissuasão, nacionalismo e relações internacionais**. Porto Alegre: UFRS, 2018.
- GERTH, H. H.; MILLS, C. W (orgs.). **Max Weber: ensaios de sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.
- GIDDENS, A. **A terceira via**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.
- GIRARDET, R. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GÓMEZ, M. B. **Educação moçambicana: história de um processo, 1962-1984**. Maputo: Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 1999.
- GRAÇA, Pedro Borges. **A construção da nação em África**. Coimbra: Almedina, 2005.
- HOBBSBAWM, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.
- HENNEBELLE, G. **Os cinemas nacionais contra Hollywood**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- HERNANDEZ, H. **Ma(d)germanes: passado colonial e presente diaspórizado: reconstrução etnográfica de um dos últimos vestígios do socialismo colonial europeu**. Campinas: Unicamp, 2011.
- HOBBSBAWM, E. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- KENEZ, Peter. **Cinema and Soviet society, 1917-1953**. Cambridge: CUP Archive, 1992.
- LAWTON, A. **The Red screen: politics, society, art in Soviet cinema**. UK: Routledge, 2003.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- MACAMO, E. A Constituição duma Sociologia das Sociedades Africanas. **Estudos Moçambicanos**, Maputo: n. 19, p. 5-26, 2002.
- MACEDO, J. R. (Org.). **O pensamento africano no século XX**. Porto Alegre: Outras Expressões, 2016.
- MACHEL, S. **O Partido e as classes trabalhadoras moçambicanas na edificação da democracia popular: Relatório do Comitê Central ao Congresso da FRELIMO**. Maputo: FRELIMO, 1978.
- MACHEL, S. **Fazer da Beira ponto de partida para uma ofensiva organizacional**. Maputo: FRELIMO, 1980.

- MACHEL, S. **Na educação só investiremos em terreno fértil**. Maputo: FRELIMO, 1981.
- MALOA, J. O lugar do marxismo em Moçambique: 1975-1994. **Revista Espaço Acadêmico**, Margingá: v. 11, n. 122, p. 85-92, 2011.
- MALOA, J. **Urbanização moçambicana: uma proposta de interpretação**. São Paulo: USP, 2016.
- MARQUES, T. OLIVEIRA, A. De Praga ao mundo árabe: uma análise compara de primaveras políticas. Porto Alegre: **Revista Conjuntura Austral**, v. 4, n. 17, 2013.
- MARTIN, Guy. **African political thought**. Nova York: Springer, 2012.
- MATSINHE, C. Biografias e heróis no imaginário nacionalista moçambicano. In: FRY, P. **Moçambique: Ensaio**. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2001.
- MATSINHE, L. **Moçambique: uma longa caminhada para um futuro incerto?** Porto Alegre, UFRGS, 2011.
- MAXWELL, K. **O império derrotado: revolução e democracia em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 2006.
- MENESES, M. Xiconhoca, o inimigo: Narrativas de violência sobre a construção da nação em Moçambique. Coimbra: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 106, p 9-52, 2015.
- MEQUE, A. M. **A influência das instituições Bretton Woods nas políticas públicas de Moçambique**. Lisboa: UCP, 2013.
- MILHAZES, J. **Samora Machel: atentado ou acidente?**. Lisboa: Alêtheia, 2010.
- MONDLANE, Eduardo. **Lutar por Moçambique**. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 1995.
- MUIUANE, A. P. (org.) **Datas e Documentos da História da FRELIMO**. 3. ed. revista, melhorada e ampliada. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, 2009.
- NASCIMENTO, A. Escravatura, trabalho forçado e contrato em S. Tome e Príncipe nos séculos XIX-XX: sujeição e ética laboral. Porto: **Africana Studia**, n. 7, p. 183-217, 2004.
- NASCIMENTO, A. São Tomé e Príncipe: pelo trabalho, o *homem novo* e o socialismo contra os costumes da terra. Brasília: **Anuário Antropológico**, v. 40, n. 1, p. 133-163, 2015.
- NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

- NYERERE, Julius. **Freedom and unity: Uhuru na umoja; a selection from writings and speeches, 1952-65**. Londres; Nairobi [etc.]: Oxford UP, 1967.
- NYERERE, Julius; **Freedom and Socialism: A Selection from Writings and Speeches 1965-1967**. Londres: University Press, 1968.
- OTHMAN, H. Mwalimu Julius Nyerere: an intellectual in power. In: CHACHAGE, C; CASSAM, A. (orgs). **Africa's Liberation: The Legacy of Nyerere**. Cidade do Cabo: Pambazuka Press, 2010.
- PAREDES, M. A Construção da Identidade Nacional moçambicana no pós-Independência: sua complexidade e algumas problemas de pesquisa. **Anos 90 (UFRGS. Impresso)**, Porto Alegre: v.21, p.131-161, 2014.
- PATRAQUIM, L. C. **O mundo em Imagens**. INAC, 2012.
- PATRAQUIM, L. C. **O mundo em Imagens**. INAC, 2013.
- PIMENTA, F. T. **Descolonização de Angola e de Moçambique: o comportamento das minorias brancas (1974-1975)**. Goiânia, Editora UFG, 2015.
- PINI, A. **A descolonização da Namíbia: as negociações diplomáticas multilaterais e a guerra de independência**. Brasília: UnB, 2014.
- POLLACK, M. Memória, silêncio, esquecimento. Rio de Janeiro: **Estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PRASHAD, V. **The Darker Nations**. Nova York: New York Press, 2007.
- RIBEIRO, F. A Invenção dos Heróis: Nação, História e Discursos de Identidade em Moçambique. **Revista Etnográfica**, Lisboa: Vol. IX (2), pp. 257-275, 2005.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.
- RIDNALDI, C. **Diálogos com Reggio Emília**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- ROCHA, J. **Do “vento da emancipação” à “força motriz da revolução”: a mulher nos discursos de Samora Moisés Machel (Moçambique)(1973–1980)**. Porto Alegre: PUCRS, 2018.
- ROLLO, M; RIBEIRO, M; CUNHA, A; VALENTE, I. Prólogo. In: ROLLO, M; RIBEIRO, M; CUNHA, A; VALENTE, I. **A Europa do pós II Guerra Mundial: O caminho da cooperação**. Lisboa: IHC, 2016.
- SCHEFER, R. O nascimento da ficção. Florianópolis: **Poiésis**, v. 5, n. 9, p. 260-279, 2012.
- SHUBIN, V. G. **The Hot" Cold War"**. Londres: Pluto Press, 2008.
- SIMONARD, P. **A geração do Cinema Novo: para uma antropologia do cinema**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2006.

- SMITH, A. **A identidade nacional**. Porto Alegre: Gradiva, 1997.
- SMITH, A. O nacionalismo e os historiadores. In: BALAKRISHNAN, G; ANDERSON, B. **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- SORANZ, Gustavo. O Instituto Nacional de Cinema e outras experiências audiovisuais em Moçambique no seu período pós-colonial. Salvador: **Contemporânea – Comunicação e Cultura**, p. 147-64.
- SOUZA FILHO, D. M. Apresentação. In: AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- SOUZA, J. I. Trabalhando com cinejornais: relato de uma experiência. In: CAPELATO, M. H. MORETTIN, E. NAPOLISTANO, M. SALIBA, E. T. **História e Cinema**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2007.
- TAVUYANAGO, B. RENAMO: from military confrontation to peaceful democratic engagement, 1976-2009. **African Journal of Political Science and International Relations**, v. 5, n. 1, p. 42-51, 2011.
- TAYLOR, I. The developmental state in Africa: The case of Botswana. In: MBABAZI, P. TAYLOR, I. **The Potentiality of 'Developmental States' in Africa**. Dakar: CODESRIA, 2005.
- THOMAZ, O. “Escravos sem dono”: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista. **Revista de Antropologia**. São Paulo: p. 177-214, 2008.
- TOIT, P. **State Building and Democracy in Southern Africa: Botswana, Zimbabwe, and South Africa**. Nova York: US Institute of Peace Press, 1995.
- VIEIRA, Sérgio. **Participei, por isso testemunho**. Maputo: Ndjira, 2010.
- VIEIRA, Sílvia. O Nascimento do Cinema Moçambicano. Beira: **Cinema em Português – VII Jornadas**, 2015.
- VILLAÇA, M. **O Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991)**. São Paulo: USP, 2006.
- VIRILIO, P. **Guerra e cinema: logística da percepção**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- VISENTINI, P. et al. **Revoluções e regimes marxistas**. Porto Alegre: Leitura XXI/NERINT/UFRGS, 2013.
- WATKINS, C. Portuguese african cinema: historical and contemporary perspectives 1969 to 1993. **African Literatures**, Indiana: v.26, n.3, p. 134 – 150, 1995.
- WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

WESSELING, H. L. **Dividir para dominar: a partilha da África, 1880-1914**. Rio de Janeiro: Revan 2008.

WESTAD, O. A. **The Global Cold War**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

### **Fontes em Jornais:**

A FAVOR dos povos do mundo. Maputo: Notícias, 23 de outubro de 1978.

COM O PPI PROMOVEREMOS a irreversibilidade do socialismo. Maputo: Notícias, 7 de outubro de 1981.

CONCERTADA ESTRATÉGIA anti-imperialista. Maputo: Notícias, 25 de fevereiro de 1982.

GUERRA AOS BANDIDOS em amostragem fotográfica. Maputo: Notícias, 7 de julho de 1984.

PAK-SONG CHOL visitou o CAIL. Maputo: Notícias, 24 de fevereiro de 1982.

POLÍTICA EXTERNA DA R.P.M reforça frente anti-imperialista mundial. Maputo: Notícias, 20 de julho de 1979.

UNE-NOS A PLATAFORMA fundamental do internacionalismo proletário: Presidente Samora Machel no banquete oferecido ao Presidente Agostinho Neto. Maputo: Notícias, 17 de setembro de 1978.

### **Fontes em Revistas:**

A EXPERIÊNCIA de um povo em luta contra o passado. **Revista Tempo**. Maputo: n. 229, 1975.

AGOSTINHO NETO: sem Angola não se constrói uma África progressista. **Revista Tempo**. Maputo: n. 266, 1975.

CAHORA BASSA cimento da cooperação. **Revista Tempo**. Maputo: n. 592, 1980.

COOPERAÇÃO COREANA. **Revista Tempo**. Maputo: n.173, 1975.

ENERGIA DE CAHORA Bassa desenvolve centro-norte do país. **Revista Tempo**. Maputo: n. 528, 1980.

GOMES, Alves. Kuxa Kanema: uma surpresa agradável. **Revista Tempo**. Maputo: n. 557, 1981.

KENNETH KAUNDA em Moçambique. **Revista Tempo**. Maputo: n. 290, 1976.

**KUXA KANEMA**: Uma agradável surpresa. **Revista Tempo**. Maputo: n. 557, 1981.

SAMORA MACHEL NA ITÁLIA. **Revista Tempo**. Maputo: edição especial.

VICE-PRESIDENTE DA COREIA em Moçambique. **Revista Tempo**. Maputo: n. 386, 1978.

VIAGEM AOS PAÍSES SOCIALISTAS. **Revista Tempo**. Maputo: n. 233, 1975.

VIEIRA, Sérgio. O Homem Novo é um processo. **Revista Tempo**. Maputo: n. 398, 1978.

### **Fontes Fílmicas:**

BEHIND the lines. Direção: Margaret Dickinson. Moçambique, 1970.

CANTA MEU IRMÃO – Ajuda-me a Cantar. Direção: José Cardoso. Moçambique: INC, 1982.

ESTAS SÃO as Armas. Direção: Murilo Salles. Moçambique: INC, 1978.

KUXA KANEMA: O nascimento do Cinema. Direção: Margarida Cardoso. Moçambique-Portugal: Filmes de Tejo, 2003.

MOÇA N. 217. Direção: Mikhail Romm. Rússia: Mosfilm, 1945.

MUEDA: Memória e Massacre. Direção: Ruy Guerra. Moçambique: INC: 1979.

O GRANDE ditador. Direção: Charles Chaplin. EUA: United Artists, 1940.

O MUNDO em Imagens I. INAC: 2012, Moçambique. DVD 1.

O MUNDO em Imagens II. INAC: 2013, Moçambique. DVD 1.

OFENSIVA. Direção: Camilo de Sousa. Moçambique: INC, 1980.

O TEMPO dos Leopardos. Direção: Zdravko Velimirovic. Moçambique-Iugoslávia: INC, 1985.

TRIUNFO DA VONTADE. Direção: Leni Riefenstahl. Alemanha: Reichsparteitagfilm, 1935.





Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)